

Espiritismo: Filosofia, Ciência e Religião

Ditado em Conjunto Pelos Espíritos

Camille Flammarion

Padre José de Anchieta

Escrito Pelo Médiun

Nícolás C. Fabiano

Espiritismo: Filosofia, Ciência e Religião

Capítulo 1 Introdução a Doutrina Espírita	5
A Ciência Espírita	11
A Filosofia Espírita	12
A Religião Espírita.....	12
Capítulo 2 Existência de Deus	15
Capítulo 3 Conceito de Alma e Espírito	19
O que é o Espírito	20
Diferença entre Alma e Espírito	20
Existência Eterna do Espírito.....	21
Resposta à questão	22
Capítulo 4 O Corpo Físico	24
Origem do Corpo Físico – Matéria Elementar.....	25
Fluido Vital	27
Perispírito.....	28
Espírito Encarnado.....	30
Capítulo 5 Morte do Corpo Físico	31
Capítulo 6 Reencarnação	35
Absolvição dos Pecados.....	37
O Carma	38
O Pecado Original.....	39
Lei de Causa e Efeito	40
Capítulo 7 Inferno, Paraíso e Purgatório.....	42
Inferno.....	42
Purgatório.....	45
Paraíso.....	46
Transição entre Inferno, Purgatório e Paraíso.....	47
Capítulo 8 Objetivo Maior	49
Lei do Progresso Moral e Científico.....	51
A Fé.....	53
Capítulo 9 Escopo da Vida na Terra no Quadro Geral da Existência.....	55
Um Capítulo Curto na Eternidade.....	58
Capítulo 10 Conclusão	62
Apêndice A	81
O que é uma Obra Ditada.....	81
Apêndice B.....	84
Camille Flammarion	84
Mensagem de Flammarion.....	85
Padre José de Anchieta	86
Mensagem do Padre José de Anchieta.....	87

Agradecimentos

Como todo livro, este é o espaço reservado para que o autor reconheça o apoio daqueles que o ajudaram durante a realização do trabalho. Este que lhes escreve, tem a consciência de que não foi o autor do presente trabalho, servindo apenas de intermediário para que os salutares ensinamentos vindos da ordem superior nos chegassem à mente e ao coração.

Como tal, não poderia então utilizar-me dessa oportunidade apenas para agradecimento de forma impessoal a uma meia dúzia de pessoas, mas com a devida permissão dos verdadeiros autores espirituais, coloco aqui meus sinceros sentimentos de gratidão profunda a todos que participaram do processo de sua exteriorização.

Peço humildemente ao leitor, que passe por cima das possíveis incongruências gramaticais deste trecho, pois, não submeti esse texto específico à revisão, no interesse de derramar os meus sentimentos diretamente para as páginas, sem o perigo de perder nenhuma emotividade no processo de correção semântica.

Primeiramente, a gratidão mais que sincera aos espíritos encarnados, companheiros de luta, que contribuíram de forma fundamental, direta ou indiretamente, ao complemento do trabalho.

À minha esposa, que, no passado, provavelmente me referiria a ela como minha melhor metade, mas que agora, na certeza de sermos as chamadas almas gêmeas, me refiro a ela como o todo, e não apenas uma das metades. Ela, com sua maneira única de simplificar assuntos que na minha cabeça, às vezes parecem complicadíssimos, sempre me oferece uma porta de escape para as minhas considerações herméticas. Médiun intuitivo, presenteia-me constantemente com idéias que oferecem respostas tão simples para questionamentos que, às vezes, me parecem complexos e sem solução. Ela é, sem dúvida, o meu equilíbrio.

À minha filha, que chegou há pouco mais de um ano ao nosso convívio, para, dentre outras coisas, completamente reformular meus conceitos e prioridades, e me empurrar de forma tão abrupta quanto indescritivelmente maravilhosa para fora da vida materialista e de volta ao caminho dos assuntos do espírito.

A meus pais, que me introduziram na Doutrina Espírita, quando em criança, e me deram o bem mais precioso que um filho pode almejar; o exemplo de conduta, sempre alinhados com os conceitos de moral, honestidade e companheirismo mostrados pelo nosso Mestre Jesus. Revisores deste texto, profundos conhecedores da Doutrina e trabalhadores incansáveis, sempre se colocam à disposição para o auxílio, seja através de conversas elucidativas, seja através da indicação de leituras que se aplicam aos questionamentos da hora, ou de qualquer outra forma que o momento necessite, não existindo para eles, tarefa menos nobre que a próxima.

À minha avó e minha irmã, que através do convívio e de suas dificuldades da vida encarnada oferecem lições diárias em perseverança e sede de viver.

A gratidão agora é direcionada a todos os irmãos desencarnados, que através de seu trabalho incansável de bem desinteressado, ofereceram lições valiosíssimas de caridade e amor. Partindo desde aqueles que não se apresentaram como contribuintes diretos para o texto em questão, mas que sem dúvida executaram trabalho fundamental para o prosseguimento da obra de forma ordenada, que como o próprio texto coloca: ordem é base para todo trabalho de caridade. Rede espiritual maravilhosa, comandada pelo seu guia e mentor, O Estrelo, colocada a serviço do amor, e interessada, dentre outras tarefas de caridade, na divulgação da Doutrina que o próprio Mestre, há mais de dois mil anos, nos disse que enviaria como o Espírito Consolador e de Verdade.

Chegando finalmente aos dois principais autores espirituais da obra, através da formação de improvável dupla, devido às suas características extremamente diferentes: um partindo sempre da lógica científica para exposição e discussão de tópicos, e o outro funcionando como verdadeiro pai que ensina a seus filhos, ainda pequenos, os conceitos de religião e fé. Esta parceria sublinha ainda mais a necessidade de vermos tudo que nos cerca, sempre de forma associada, com olhos de ciência, filosofia e religião; e ainda mais, nos mostra que a evolução é assunto ao mesmo tempo moral e científico, apresentando impossível separação. A estes dois espíritos evoluidíssimos, que por caridade, permitiram que o pecador que lhes escreve, servisse de operário na construção desse arranha-céu de amor, minha eterna gratidão e garantia que lhes estarei sempre em dívida, e que me colocarei sempre a postos para a próxima convocação do exército do Mestre.

Aqui, como nos instruiu os autores espirituais, me coloco à disposição daqueles que ainda, após a leitura desta obra, tiverem dúvidas sobre a Doutrina. Podem esses me contactar através do endereço de e-mail: nicolas.c.fabiano@gmail.com. Ofereço minha humilde contribuição, não no desejo de transparecer verdade absoluta, pois, como o próprio livro coloca, a verdade é a que cada um de nós determina, através de nossas próprias conclusões, mas ofereço boa vontade e pureza de sentimento para responder, dentro de meu modesto conhecimento, às questões que possam aflorar durante o estudo da Doutrina.

Capítulo 1 - Introdução à Doutrina Espírita

Este livro nasceu através da observação de que, passado mais que um século desde a introdução da Doutrina Espírita, a maioria daqueles que se dizem espíritas ainda se prendem mais ao fenômeno de comunicação, que é parte integrante do Espiritismo, do que ao conteúdo das mensagens que nos chegam oriundas do outro plano.

Também, passados mais de cem anos de observação, acreditamos que a humanidade agora esteja mais preparada intelectualmente, para que encherquem a Doutrina Espírita com os olhos da lógica científica, e não como mais uma religião dogmática.

Observou-se que as chamadas cinco obras básicas da Doutrina, codificadas pelo seu precursor, em meados do século XIX, apresentam a primeira introdução ao assunto, mas que, de certa forma, assumem certo grau de fé na sua premissa básica, a de que a comunicação com espíritos é de fato legítima.

A proposta desta obra é a de apresentar um compêndio de assuntos básicos e necessários ao entendimento da Doutrina Espírita, que são apresentados e analisados através do prisma da lógica não dogmática. Este livro propõe análise que permitirá ponte de ligação entre o material apresentado pelas cinco obras básicas acima citadas, e conceitos que são os verdadeiros pilares da Doutrina.

A motivação inicial para a análise lógica que propomos se origina de algumas questões existenciais, que de certa forma, sempre fizeram parte das nossas dúvidas mais íntimas, e que nunca foram respondidas de forma direta e simplística, por nenhuma das religiões dos homens.

Este livro apresenta material que servirá como base para a resposta de cada uma das perguntas a seguir:

1. Por que um recém nascido carrega o pecado original, uma vez que esse pecado teria sido teoricamente cometido por seus pais?
2. Por que algumas pessoas nascem ricas, outras pobres, outras com problemas físicos, outras em famílias que as cercam de todo amor, e outras ainda em famílias de criminosos? Não é Deus a fonte de toda justiça e bondade? Onde está a justiça Divina neste caso, uma vez que as condições iniciais no nascimento variam tão grandemente?
3. E com relação à diferença entre os diversos níveis de inteligência? Muitas vezes dois irmãos gêmeos apresentam níveis de inteligência tão diferentes, que serve como contraprova à corrente de idéias que atribui a inteligência à genética. Como

- explicar essa diferença, uma vez que Deus criou todos à sua imagem e semelhança, e ainda, irmãos gêmeos recebem a mesma criação por parte dos pais?
4. Onde está a responsabilidade por nossos atos, uma vez que o pecado e o mal que potencialmente cometemos para com um semelhante pode ser absolvido através de uma simples confissão ou a reza mecanizada de um número determinado de orações?
 5. Em que parâmetros são baseadas as penitências determinadas por outros homens, mesmo que imersos em religião, para absolvição dos nossos pecados? E se resolvermos revelar apenas meia-verdades, ou os pecados que sabemos que são mais leves na hora da confissão? Receberíamos penitência mais leve então e estaríamos absolvidos? E com relação às atitudes que causam mal a outros indivíduos, mas por ignorância achamos que não são classificadas como pecado? Se o pecado foi cometido contra uma pessoa, não deveria essa pessoa fazer parte no processo de absolvição e perdão? Como pode uma terceira pessoa, que não foi diretamente envolvida no pecado em si, ter o poder de julgar a gravidade do mesmo e perdoar o pecador? Isso não parece inútil uma vez que a pessoa que sofreu a ação do pecado não é envolvida no processo?
 6. Seguindo o raciocínio da questão anterior; isso significa que para conhecidos monstros da história da humanidade, bastaria uma simples confissão de seus pecados e a reza de número determinado de orações para serem perdoados? O que falar dos recipientes do mal praticado? Seria confortante para sobreviventes do holocausto saber que Hitler confessou seus pecados no final de sua vida, foi absolvido e entrou no Reino dos Céus?
 7. Na mesma linha de pensamento, poderíamos então viver o maior tempo de nossa vida praticando nada mais que o mal, reservando os últimos meses de vida a confissão e orações, e mesmo assim seríamos perdoados e aceitos no paraíso eterno? Como isso se compararia com a recompensa para pessoas que dedicaram toda sua existência à prática do bem, como Madre Teresa e Ghandi? Isso então significa que todos têm o mesmo mérito uma vez que se confessem?
 8. Parece realmente que uma simples ida ao templo religioso aos Domingos, independente de como a vida é conduzida durante o resto da semana, seria o suficiente para a entrada no Reino do Pai? Onde estaria o mérito pessoal neste cenário?
 9. De onde vem aquele sentimento que, às vezes temos, de não gostarmos de alguém, sem sequer termos conversado com esta pessoa? E o sentimento oposto, no qual sentimos afeição por alguém que acabamos de conhecer?
 10. O que acontece com o recém-nascido que morre logo após algumas horas de vida? Uns diriam que essa criança irá para o céu desfrutar de felicidade eterna, uma vez que ela não cometeu nenhuma má ação durante sua curta vida? O que se

poderia dizer então de um indivíduo que fez o bem durante todas as suas várias décadas de vida? Essas duas pessoas obtêm a mesma recompensa? Isso não seria injusto com a pessoa que praticou o bem durante vários anos, enquanto que o recém-nascido não precisou fazer absolutamente nada para a obtenção da mesma recompensa?

11. Por que algumas pessoas morrem como recém-nascidos e outras têm a oportunidade de viver mais de cem anos? Onde estaria a justiça do Todo Poderoso em permitir que inocentes recém-nascidos vivam tão curtas existências?
12. Seria realmente uma característica de Deus, na Sua bondade infinita, condenar uma alma ao fogo eterno do inferno, após alguns míseros anos de existência na abstinência da prática do bem? Isso não seria o mesmo que um pai bondoso condenar uma criança à morte após sua primeira conduta indevida? Será que não merecemos uma nova chance para nos redirmos do mal que praticamos?
13. Algumas crenças pregam que todos precisam de algum tipo de batismo ou ritual religioso específico para que possam ser aceitos na morada de nosso Pai após a morte. Isso significa, então, que todos os povos que não têm acesso à religião dos homens, como os indígenas, por exemplo, já nasceram condenados a uma eternidade de tormentos? Se esse é realmente o caso, seria Deus realmente justo então ao designar que uma determinada alma nasça em meio aos povos indígenas?
14. O que falar dos grandes desastres da natureza onde milhares de pessoas morrem, dentre elas crianças e pessoas que nunca fizeram o mal? Por que Deus que tudo pode e tudo vê permite que catástrofes mortais tomem efeito?
15. Faz algum sentido para Deus criar a natureza terrestre, que é um exemplo de perfeição e de aproveitamento máximo dos recursos, onde tudo tem seu espaço e propósito, e ao mesmo tempo criar milhares de outros astros, planetas e galáxias sem nenhuma finalidade aparente?
16. A Ciência moderna atribui os sonhos a manifestações do subconsciente quando dormimos. O que dizer de pessoas que sonham com eventos que ocorrerão no futuro? Como poderia o subconsciente antever eventos futuros uma vez que a viagem no tempo não faz parte da realidade científica? O que seriam então os sonhos repetitivos, que muitos têm, por exemplo, de que estão caindo?
17. O que dizer dos fenômenos psíquicos sérios? São eles frutos de charlatanismo humano? Se não são, quais suas origens?

O capítulo de Conclusão apresenta respostas para estas perguntas, à luz da Doutrina Espírita. As respostas apresentadas no capítulo de Conclusão serão melhor compreendidas uma vez que todos os tópicos abordados pelos variados capítulos são absorvidos, portanto, sugerimos fortemente que o leitor domine sua curiosidade, e leia

todo o material do livro, na ordem em que os capítulos são apresentados, antes de chegar às respostas para estas perguntas, apresentadas no último capítulo.

O Espiritismo não é apenas uma religião, apesar de incluir também essa conotação, mas sim uma doutrina que propõe uma filosofia que ajuda explicar questionamentos como: qual é o propósito da vida e qual o nosso papel no Cosmo. Questões estas que existem há milhares de anos no meio dos homens pensantes e dos filósofos, e que até hoje não foram satisfatoriamente respondidas. Não se quer dizer que o Espiritismo responderá a essas questões como se fossem perguntas simples em uma avaliação escolar; mas, certamente apresentará conceitos que podem e devem ser expandidos de forma que possamos progredir ao encontro de idéias que nos ofereçam uma certa base de conhecimentos, para pelo menos, entendermos o quão profundas estas questões realmente são. Se pudéssemos sumarizar a doutrina Espírita em poucas palavras, poderíamos dizer que o Espiritismo se baseia no estudo da ciência que possibilita a seus adeptos meios de progredirem como seres pensantes, ao encontro da felicidade eterna, que só pode ser conseguida através, primeiramente, da identificação do que realmente é importante para obtenção dessa felicidade, e posteriormente, da aplicação prática desses conceitos de forma que a felicidade se materialize como uma realidade.

A sensação constante de que não conhecemos tudo o que existe na natureza Universal é intrínseca ao ser humano. Acompanha-nos desde os tempos mais primórdios e continua entre nós nos dias de hoje, apesar de todo o progresso realizado pela humanidade nos últimos dois mil anos. O ser humano, no seu subconsciente, entende que o que vê à sua frente não é, nem pode ser, tudo o que existe, e constantemente aplica esse conhecimento subconsciente nas suas investigações. Como por exemplo, os astrônomos, que ao sondarem os espaços, encontraram na distribuição dos corpos celestes, lacunas não justificadas e em desacordo com as leis do conjunto. Eles supuseram que essas lacunas deveriam estar ocupadas por globos que escapavam à sua observação, ao mesmo tempo que observaram alguns efeitos cujas causas desconheciam e concluíram: “Aí deve haver um mundo, porque essa lacuna não pode existir e esses efeitos devem ter uma causa”. Analisando, então, a causa pelo efeito, puderam calcular os elementos, e mais tarde os fatos vieram justificar suas previsões.

Apliquemos esse mesmo raciocínio a uma outra ordem de idéias. Se observarmos todas as criaturas, verificaremos que formam uma cadeia, sem interrupção, desde a matéria bruta até o homem mais inteligente. Mas entre o homem e Deus, o alfa e o ômega de todas as coisas, que imensa lacuna! É racional pensar que terminem no homem os elos dessa cadeia? Ou que ele possa transpor de uma vez a distância que o separa do infinito? A razão nos diz que entre o homem e Deus deve haver outros escalões, como disseram os astrônomos que entre os mundos conhecidos devia haver outros mundos desconhecidos. Qual é a filosofia que preenche essa lacuna? O Espiritismo. Mostrando-nos essa lacuna ocupada por seres de todas as categorias do mundo invisível, e esses seres não são outros senão os Espíritos dos homens que atingiram os diferentes graus de evolução que conduzem à perfeição; então, tudo se liga, tudo se encaixa, desde o alfa até o ômega.

O Espiritismo é uma doutrina que trata da origem e natureza dos Espíritos e de suas relações com o mundo material. Seu foco básico é a natureza espiritual do ser humano. Esse foco atual é o climax de uma evolução científica e de idéas que cresceram, principalmente, numa época de grandes transformações sociais, filosóficas e políticas. O século XIX foi pródigo em grandes descobertas e no surgimento de novas idéias para a humanidade nos mais diversos campos da ciência, da filosofia, da moral e das artes. Trouxe ao homem conhecimentos significativos acerca de sua origem, de sua constituição e do funcionamento de seu corpo. Muitas das realizações do século XX se deveram ao surgimento de idéias e ao trabalho desenvolvido no século anterior.

À época do surgimento do Espiritismo, meados do século XIX, o mundo vivia sob a onda renovadora, embora ainda incipiente, do Positivismo, do Socialismo Científico e do Marxismo. As idéias revolucionárias do Evolucionismo acontecem com o lançamento do Manifesto Comunista, em 1848, em Bruxelas, por Marx e seu amigo Engels. Este trazia idéias materialistas que, de um lado, aproximavam-se das lutas pelas liberdades dos trabalhadores, do outro, distanciavam-se do conceito de religião dogmática, declarando-a “*ópio do povo*”. Procurando explicar a história universal como a história da luta de classes, permitia que se visualizasse uma origem da humanidade cada vez mais distanciada da estabelecida pela interpretação do Gênesis da Bíblia.

O Evolucionismo de Charles Darwin surgiu então a partir de idéias que floresciam desde o século XVIII sobre a evolução, segundo as quais, as espécies animais formariam uma escala contínua e que não teriam sido criadas ao mesmo tempo. Darwin notou que, entre as espécies extintas e as atuais, existiam traços comuns, embora bastante diferenciados. Tais observações levaram-no a supor que os seres vivos não eram imutáveis, mas, sim, oriundos de criações distintas, e que descendiam uns dos outros, segundo uma complexidade crescente. Essas idéias, embora ainda embrionárias, cada uma de forma específica, contribuíram para a formação de um alicerce teórico na implantação de uma doutrina fundamentada em fatos explicados à luz da razão. A fé cega e dogmática estava sendo minada por aquelas teorias, dando lugar a uma explicação racional dos fenômenos tidos, até então, como sobrenaturais. A humanidade, que vivera sob o obscurantismo medieval, que perdurara até o século XVIII, alcançou, no século XIX, sua maioria. A religião dogmática cedia lugar ao conhecimento firmado na razão e nas ciências para o entendimento do espiritual, sem limites estabelecidos.

À mesma época do lançamento do manifesto comunista e da efervescência das idéias positivistas e evolucionistas, os espíritos intensificaram suas manifestações. Na cidade de Hydesville, no Estado de Nova York, nos Estados Unidos, um espírito que se denominou Charles Rosma, consegue, através de batidas nas paredes, comunicar-se com duas garotas, as irmãs Fox, assombrando o mundo com a clareza de seu depoimento, dando provas da continuidade da vida após a morte. A essa altura os espíritos, que assim se denominaram, utilizando-se de mesas e outros objetos, manifestavam-se nos salões parisienses através de fenômenos conhecidos com o nome de Mesas Girantes. Nessa época, as experiências com magnetização eram comuns e atraíam o interesse dos homens de ciência, principalmente em Paris.

Pode-se atribuir o berço da Doutrina Espírita a uma pessoa chamada Allan Kardec. Kardec nasceu na cidade de Lion, na França, em 3 de outubro de 1804. Os estudos de Kardec foram iniciados em Lion, tendo-os completado em Yverdon, na Suíça, sob direção do célebre e inesquecível professor Pestalozzi. Teve uma sólida instrução, servida por uma robusta inteligência. Ele era fluente nos idiomas alemão, inglês, francês, italiano, espanhol e holandês. Tinha grande cultura científica.

Seu trabalho pedagógico é rico e extenso. Produziu na França, quase uma dezena de livros sobre educação no período de 1824 a 1849. Os seus livros foram adotados pela universidade da França. Traduzia para a língua alemã, que conhecia profundamente, diferentes obras de educação e de moral e, dentre elas, "Telêmaco" de Fénelon.

Foi Bacharel em Ciências e Letras, membro das Sociedades Sábias da França, da Real Academia de Ciências Naturais, entre outras. Emérito educador, criou em Paris o Instituto Técnico, estabelecimento de ensino com base no método Pestalozzi. Foi professor do Liceu Polimático. Fundou em sua casa cursos gratuitos de Química, Física, Anatomia Comparada e Astronomia. Criou um método original com processos mnemônicos que ajudavam o estudante a aprender mais rápido e com maior facilidade.

Allan Kardec foi escolhido para a tão elevada missão de codificador da Doutrina Espírita justamente pelo seu caráter, pela sua nobreza de sentimentos e pela elevação de seus ideais, tudo isso aliado a uma sólida inteligência.

Ele sujeitava os seus sentimentos e seus pensamentos à reflexão. Tudo era submetido ao poder da lógica. Nada passava sem o rigor do método, sem o crivo do raciocínio. Filósofo, benfeitor, idealista, dado às idéias sociais, possuía, ainda, um coração digno de seu caráter e do seu valor intelectual.

De seu trabalho gigantesco, é imperioso citar as cinco obras abaixo, que mais tarde ficaram conhecidas como as cinco obras básicas do Espiritismo:

O livro dos Espíritos (1857)

O Livro dos Médiuns (1861)

O Evangelho Segundo o Espiritismo (1864)

O Céu e o Inferno (1865)

A Gênese (1868)

Kardec produziu ainda algumas obras complementares:

O Que é o Espiritismo

Obras Póstumas

A Revista Espírita

Além de fundar em Paris, a 1 de abril de 1858, a primeira sociedade espírita regularmente constituída com o nome de *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*.

Kardec morreu no dia 31 de março de 1869 vitimado pelo rompimento de um aneurisma, deixando para o mundo um verdadeiro roteiro para a auto reforma e para a reconstrução do eu interior de cada um, baseado na maravilhosa Doutrina de Jesus, que um dia nos prometeu um consolador que nos lembraria de tudo que ele teria dito, nos diria mais coisas e que estaria conosco até o final dos tempos.

O Espiritismo penetra em quesitos fundamentais do conhecimento humano. Aborda questões morais, filosóficas, científicas e religiosas; portanto, pode-se dizer que o espiritismo possui três aspectos que são as suas bases: filosofia, ciência e religião. Como o próprio Allan Kardec nos falava: "Espiritismo é uma filosofia com aplicações científicas e conseqüências morais". Os três aspectos sempre devem estar em equilíbrio para garantir a pureza doutrinária.

A Ciência Espírita

A ciência espírita tem como objeto de estudo a comunicabilidade com o mundo dos espíritos e os meios através dos quais essas comunicações podem ocorrer. Seguindo sempre o método científico e a observação severa da lógica, a ciência espírita procura explicar e documentar as formas de comunicação: como elas ocorrem, porque ocorrem e quando ocorrem, assim como seus significados e conseqüências. Estuda também as formas de se conseguir estas comunicações, a natureza dos espíritos e a forma de identificar seus diferentes estágios de evolução. Na ciência espírita este assunto está contido detalhadamente em "O Livro dos Médiuns" lançado em 1861.

Uma vez que os fenômenos de comunicação se estabeleceram como fatos naturais, mais atualmente, a ciência Espírita tem iniciado estudos focalizados na estrutura da matéria e exploração de conhecimentos nas diferenças entre a matéria que forma o mundo que vivemos e vemos com os nossos olhos, e a matéria que forma aquele que não vemos, mas intuitivamente sabemos que existe. Como a base da Doutrina parte da análise lógica por parte de seus seguidores, o estudo da estrutura da matéria se torna o natural passo seguinte no campo de conhecimento humano.

A ciência dos homens tem, de forma paralela, alcançado resultados que serão em tempo utilizados na explicação das diferenças entre a matéria bruta que percebemos através de nossos sentidos, e a que está além destes. O primeiro passo da ciência foi o reconhecimento da física quântica como teoria válida, pela grande maioria de nossos cientistas, apesar da quebra das leis Newtonianas e mais tarde das relativísticas de Einstein, que eram assumidas como premissas verdadeiras na física que explica os

fenômenos conhecidos na Natureza. O fenômeno da não localidade apresentada pela física quântica, que nos mostra que partículas microscópicas interferem umas nas outras, de forma instantânea, e conseqüentemente com velocidade superior a da luz, jogou por terra a teoria especial da relatividade, que era tida como a teoria mais completa, e que assumia-se que, em tempo, explicaria a formação do Universo.

Os saltos quânticos, ou seja, a característica dos elétrons de apenas circular em órbitas energéticas específicas e de saltarem de um nível energético, e instantaneamente aparecerem no nível seguinte, sem passarem por nenhum nível intermediário de energia, também apresenta pergunta que não pode ser respondida através da utilização das teorias de Newton ou Einstein.

Outra característica das partículas elementares estudada pela física quântica que apresenta questão fundamental, que ainda não foi respondida de forma satisfatória, é o conceito de dualidade. O conceito de dualidade nos diz que um elétron, por exemplo, apresenta característica de partícula quando é observado, ao mesmo tempo que características de onda quando não está sendo observado. O que está implícito nesta característica da matéria elementar é o fato do observador possuir papel muito mais ativo do que a de um simples observador do fenômeno, sendo este diretamente responsável pelo resultado do experimento. Esse fato sugere que existe uma ligação muito mais forte do que a ciência quer acreditar entre tudo que é parte do Universo.

O próprio Einstein, em várias ocasiões, deu a entender que acreditava que mesmo a sua própria teoria não explicava a totalidade dos fenômenos da Natureza Universal, e se apresentava de forma incompleta. Essa intuição, a grande maioria dos homens possuem, a de que existe no Universo muito mais que vemos e que nossa ciência, que ainda engatinha, pode explicar.

A Filosofia Espírita

A filosofia espírita trata de temas como Deus, o espírito, a matéria, a imortalidade da alma, a reencarnação, a pluralidade dos mundos habitados, entre outros. A filosofia espírita nos proporciona a fé raciocinada, ou seja, a fé embasada no conhecimento lógico dos porquês da nossa existência: de onde viemos, o que estamos fazendo aqui, para onde vamos, e outros. Como afirmou Allan Kardec: "fé inabalável é aquela que pode encarar de frente a razão em todas as épocas da humanidade".

A Religião Espírita

A religião espírita está alicerçada nos preceitos científicos e filosóficos da Doutrina; são as suas conseqüências. Não possui liturgias, nem sacerdotes, nem cânticos, batizados ou cerimônias de quaisquer natureza. Não requer a utilização de nenhuma imagem,

vestimentas ou oferenda, não necessariamente requisita o uso de velas, incenso ou amuletos.

Tudo se baseia no conhecimento do evangelho de Jesus Cristo e na busca do aperfeiçoamento moral, através da reforma íntima e da prática da caridade em seus mais amplos aspectos, o moral e o material. Neste segmento, a base da religião espírita está contida detelhadamente em "O Evangelho Segundo o Espiritismo", lançado em 1864.

Como podemos observar, o espírita é aquele que estuda, compreende e aplica na prática o conhecimento existente que foi apresentado, inicialmente, pelos espíritos responsáveis em trazê-los para os homens. É acima de tudo um questionador, um investigador lógico e dotado de senso crítico. Só assim podemos adquirir a fé raciocinada e iniciar nosso processo de reforma interior, com a certeza de que estes ensinamentos são a expressão da verdade e de que devemos nos esforçar para alcançar um nível maior de evolução, pois temos o conhecimento de que, cada um recebe de acordo com suas obras, e mais, o de que somos o resultado de nossos atos passados e seremos o resultado de nossas atitudes de hoje.

Como disse Allan Kardec: "O verdadeiro espírita é aquele que empreende esforços para realizar a sua reforma íntima. . . "

Por isso, devemos nos empenhar em estudar a Doutrina em seus três aspectos, não apenas em uma só vertente. Devemos ler, estudar, comparar, passar tudo pelo crivo da lógica e da razão, esquecendo os velhos dógmas das antigas religiões, que pregavam a fé cega, e lutar para melhorarmos nossas atitudes.

São princípios básicos do Espiritismo:

- I. A existência de Deus como Causa Primeira de todas as coisas, único e imaterial, sem a visão antropomórfica, característica das religiões dogmáticas.
- II. A existência dos espíritos como seres imateriais e imortais, que conservam a individualidade após a morte do corpo físico.
- III. A evolução dos espíritos, sem cessar, na direção da perfeição divina, único determinismo na vida.
- IV. A reencarnação como mecanismo fundamental para a evolução dos Espíritos, em cujo processo se revela a Justiça Divina, que os educa para a compreensão das Leis de Deus.
- V. A mediunidade como meio natural de comunicação com os espíritos desencarnados e como faculdade natural, inerente a todos os seres humanos.
- VI. A moral cristã como código de ética espírita, sobre a qual se apoia a conduta do verdadeiro espírita.

VII. A pluralidade dos mundos habitados e não apenas a Terra, isto é, o universo infinito é plenamente ocupado.

Esta obra apresenta linha de pensamento que permite chegarmos à conclusão de que os princípios apresentados acima são válidos, mas tudo é dado através de cunho lógico e não dogmático.

O Espiritismo é a síntese do pensamento da humanidade, é fruto do trabalho dos espíritos e progride com a evolução da humanidade. Allan Kardec foi apenas o codificador do Espiritismo. Não é idéia de um só homem nem de um grupo, é mais do que um fenômeno cultural, pois nasce, como todo saber, da evolução da humanidade. O Espiritismo surge para levar o homem à felicidade, por intermédio da sabedoria e do amor, demonstrando-lhe a imortalidade da alma, sua evolução e seu papel na vida e no cosmo. Vem mostrar que o egoísmo e o orgulho são as chagas da humanidade, que a prendem ao materialismo, tirando-lhe a esperança no futuro e a alegria em viver.

Capítulo 2 - Existência de Deus

Existe no mundo atual uma forte linha divisória, traçada pelos homens, que separa as diferentes correntes de idéias como sendo parte ou de religião, ou de ciência, ou de filosofia. O homem moderno, apesar de mais desenvolvido intelectualmente, ainda traz traços claros de outros tempos quando, o que não podia ser explicado à luz da ciência era categorizado por nós como sobrenatural ou herético. Hoje ainda, assuntos que são considerados científicos, são compartimentalizados, como se nada tivesse de relação com assuntos de ordem Divina, e a filosofia é considerada como nada mais que um simples conjunto de idéias teóricas sem nenhuma aplicação prática.

Essa separação força uma postura dogmática para que aceitemos e abracemos a verdade absoluta de que Deus é nosso Pai e Criador de todas as coisas, e assim somos forçados a aceitar, sem questionamento, que tudo o que existe e ocorre se dá por vontade Dele. Realmente, é fato que tudo o que existe e ocorre se dá por vontade do Altíssimo, mas, uma vez que se pudesse comprovar esse fato através de observações e estudos, ao invés da simples aceitação de dógmas religiosos a nós impostos, poder-se-ia chegar a uma situação de consenso com relação à existência de Deus; então, a argumentação racional derrubaria a descrença dos que nunca encontraram explicação plausível para a lei Universal, e que precisam de algo mais que a fé cega para aceitação do que lhes é imposto.

Tomemos então como parâmetro inicial para discussão o aspecto científico aceito nos dias atuais que explica a teoria evolucionária da Terra. O postulado aceito hoje como padrão para a origem dos organismos vivos terrestres, nos diz que toda a vida no planeta começou através de microorganismos unicelulares, que em tempo, evoluíram a organismos multicelulares, a plantas e animais simples, finalmente culminando no organismo mais complexo de todos que é o homem e seu mecanismo de inteligência em constante evolução.

Existem dois caminhos que se pode seguir para estabelecimento de uma conexão entre a teoria evolucionária da vida na Terra e a existência de inteligência suprema, arquiteta de todo esse processo. A primeira direção é a que caminha no tempo, em sentido contrário à linha evolucionária, e que investiga a origem dos microorganismos elementares. A corrente teórica mais aceita na atualidade é a que atribui a criação desses seres elementares à combinação de redes inorgânicas de carbono existentes na superfície do globo, que através de reações químicas se transformaram nos microorganismos elementares em questão. Essa teoria é a mais aceita, uma vez que está provado cientificamente que a partícula mais elementar do corpo humano é também formada por redes de carbono inorgânico. Assumindo que esta seja realmente a origem de tudo, como se explica o fato do homem nunca ter conseguido criar vida a partir de redes de carbono inorgânico? Os avanços mais recentes no campo da genética possibilitaram ao homem apenas a clonagem de seres vivos, utilizando-se para isso o DNA do animal a ser

copiado; portanto, isso nada mais é que a cópia de algo existente, não podendo ser caracterizado ou qualificado como criação de vida. Essa simples pergunta gera uma série de considerações, tais como:

- 1) Talvez o homem nunca tenha conseguido criar vida a partir de composições inorgânicas pelo fato de que exista outro ou vários outros componentes que devam ser adicionados a redes de carbono para a criação dos seres orgânicos.
- 2) Se existem realmente componentes extras que devam ser adicionados, esses componentes ainda não foram descobertos pela nossa ciência, o que sugere que existem componentes ainda mais elementares que o mais elementar que já foi descoberto até hoje.
- 3) Se a vida orgânica necessita de um ou vários componentes para sua criação, adicionados às redes de carbono, é realmente razoável se atribuir a puro acaso a combinação de todos esses elementos, nas suas quantidades exatamente precisas, dentro de condições ambientais exatamente perfeitas de modo que se combinem a ponto de criarem vida orgânica? Probabilisticamente falando, isso seria impossível sem a intervenção de uma inteligência exterior ao fenômeno, que alinhe as condições, quantidades e elementos de forma que o resultado final seja o esperado.

Ora, se chegamos à conclusão racional de que a criação da vida só pôde ser executada através da intervenção de algum tipo de inteligência, e que estamos nos referindo aos seres vivos originários de toda a vida na Terra, chegamos a um paradoxo: Precisamos de vida inteligente para criação de vida inteligente.

Nesse ponto, mesmo que se atribua essa inteligência externa a criaturas de outros mundos que não as da Terra, como existe hoje corrente simpática a essa teoria, pode-se aplicar a mesma sequência de raciocínio para chegarmos à origem da criação desse ser inteligente em seu próprio mundo, e o criador deste, e o criador deste ainda, até que cheguemos ao criador original, Deus.

O segundo caminho que precisamos seguir para estabelecimento de conexão entre a Inteligência Original e Suprema e a teoria evolucionária se dá na direção temporal oposta à anterior, ou seja, na direção da evolução dos organismos vivos culminando na criação do homem em toda sua complexidade. Apelando mais uma vez à matemática da probabilidade, seria razoável aceitar que essa evolução seguiu um processo aleatório, mantendo em perspectiva que, um simples elemento vivo unicelular possa ter se transformado em um organismo tão complexo quanto o homem?

Isso se quisermos nos manter apenas no campo físico do corpo humano. O que falar do campo mental do homem e toda sua complexidade? Não me refiro ao cérebro propriamente dito apenas, mas ao domínio de suas idéas que determinam a individualidade de cada um de nós. Seria realmente obra do puro acaso a evolução dos seres vivos até esse nível de complexidade?

E com relação à Natureza? Como explicar o seu número virtualmente infinito de elementos e seres variados e como todos se encadeiam e colaboram de forma perfeita para a manutenção do equilíbrio de vários ecossistemas? Cadeias alimentares que garantem a sobrevivência e utilidade de todas as múltiplas espécies de seres vivos, cadeias essas que se alteradas resultam em conseqüências catastróficas para a região afetada, mas que parecem ter um mecanismo de controle natural, que acaba se re-equilibrando sem a necessidade de influência humana, tão logo a força perturbante a essa cadeia se interrompa. Pode-se atribuir toda essa perfeição, de novo, à obra do acaso?

Isso tudo sem mencionar os elementos inorgânicos, que possibilitam infinitas combinações para formação de outros mais complexos, e outros ainda mais. E o que falar dos fenômenos da eletricidade e magnetismo, que através do estudo de seus respectivos campos possibilitou à ciência a descoberta de verdadeiros mundos de possibilidades? A eletricidade e magnetismo não foram criados pela ciência, apenas descobertos. Isso tudo também é acaso?

E os sentimentos humanos, que a ciência até hoje não conseguiu decifrar? Cada relacionamento entre duas pessoas produz número infinito de nuances emotivas, tanto na qualidade e característica de emoções, quanto em suas intensidades. Pelas leis matemáticas, o adicionamento de uma terceira pessoa a essa rede inicial de duas pessoas, aumentaria o número de combinações exponencialmente. Considere agora que existem hoje no globo terrestre mais de cinco bilhões de pessoas, e que todas elas se relacionam indiretamente. As ações de um único indivíduo acabam afetando todos os habitantes do globo, através de suas associações indiretas, como um dominó que cai em uma fileira de cinco bilhões de dominós. É mais do que razoável a aceitação de que exista uma série de leis pelas quais o Universo seja regido, caso contrário, não seria muito difícil imaginar um completo caos culminando com a sua total destruição. Deixamos aqui a pergunta: achamos nós realmente, que as leis da física conhecidas pela ciência de hoje, seriam suficientes para reger um super-organismo tão complexo e inter-relacionado como o Universo infinito?

Negar a linha de raciocínio acima seria negar o axioma básico de todas as ciências; o de que não existe efeito sem causa. Para se crer em Deus, basta se lance o olhar sobre as obras da Criação. O Universo existe, que nesse caso seria o efeito, logo uma causa para esse efeito deve existir. Duvidar da existência de Deus é negar que todo efeito tem uma causa e avançar que o nada pôde realizar alguma coisa. A harmonia existente no mecanismo do Universo patenteia combinações e desígnios determinados e, por isso mesmo, revela um poder inteligente. Atribuir a formação primária ao acaso seria insensatez, pois que o acaso é cego e não pode produzir os efeitos que a inteligência produz. Um acaso inteligente já não seria acaso.

Entende-se que para alguns homens seja difícil a aceitação pura e simples de dogmas impostos pelas diversas religiões, especialmente quando essas próprias religiões, que por terem sido criadas por homens, são também falíveis como seus criadores. Temos provas diárias que nos fazem contestar as religiões terrestres, como por exemplo, os movimentos

das cruzadas nas épocas medievais que mataram milhares de inocentes em nome de Deus; nada mais era que um movimento político à procura de poder; o roubo da inocência de crianças por membros de altos escalões religiosos, para saciamento de seus sentimentos carnis animalescos; o assassinato de milhares de pessoas em nome de uma chamada guerra santa, motivada por interesses econômicos mundanos; a ostentação gratuita de templos religiosos, adorando a Jesus, que foi o mais humilde de todos os homens, quando ao mesmo tempo, a humanidade nunca sofreu tanto com a pobreza e as desigualdades sociais; o pedido de dízimo e contribuição material fixa e mensal dos fiéis, com o argumento de estes estarem comprando sua vaga junto aos escolhidos na seara de nosso Pai; e outros tantos exemplos que, por si só, apresentariam material suficiente para um livro separado.

Para estes homens contestadores, diríamos : voltem-se para a ciência e o raciocínio lógico; para o encontro com o Criador de todas as coisas. Não se deixem hipnotizar pela fraqueza e poder de sugestão dos chamados homens de bem, criadores das religiões Terrenas. Busquem o Pai criador através da análise crítica do mundo que os cerca e usem a ciência, que explica parcialmente a origem das coisas, mas que não encontra respostas para as perguntas fundamentais que serviriam como preenchimento das lacunas mais importantes, como estímulo à sua pesquisa pessoal. Não bloqueiem seu raciocínio para as perguntas de hoje sem respostas, e procurem por nosso Pai dentro de seu templo individual, seu coração, que lhes dá a intuição de que somos criações e filhos de um Ser de inteligência infinita, e sua mente, que procura incessantemente pelo sentido da vida.

Capítulo 3 - Conceito de Alma e Espírito

Iniciaremos essa seção com uma simples pergunta: Como se explica o fato de que, em muitas situações, dentro de uma mesma família, irmãos de sangue possuem níveis de inteligência tão diferentes, a ponto de verdadeiros gênios nascerem de pais dotados de inteligência no máximo limitada?

A ciência moderna tem verdadeira fixação no estudo do cérebro humano, que assume ser o centro gerador da inteligência. Independentemente de todo o esforço que é dispensado diariamente ao estudo da mente humana, a pergunta acima se mantém sem resposta. Milhares de horas já foram investidas no estudo da massa cerebral com a intenção de entendermos como que as transferências de sinais elétricos entre os bilhões de neurônios contidos no cérebro se relacionam com as diversas propriedades da inteligência; tais quais, a memória mais ou menos privilegiada, a aptidão para artes ou cálculo em determinados indivíduos, a variada facilidade ou dificuldade de aprendizado entre as inúmeras pessoas, e tantas outras características tão diversas quanto o número de indivíduos que vivem no globo.

Talvez a dificuldade em se encontrar a resposta para essa questão provenha do fato de que se esteja partindo de uma premissa errônea; aquela que diz que o cérebro é o centro gerador da inteligência. Vamos partir dessa condição inicial que assume o cérebro como o órgão gerador da inteligência para execução de nossa análise.

Primeiramente, apoiamo-nos nos estudos da genética, que determina que indivíduos filhos de mesmos pais, possuem as mesmas características corpóreas gerais, inclusive, às vezes, sendo portadores das mesmas doenças, as chamadas congênitas. Isso indica que a formação dos seus órgãos se deu de forma relativamente similar. Se o cérebro fosse realmente o centro gerador da inteligência, não seria normal assumirmos que todos os irmãos possuíssem níveis de inteligência também similar?

Uma outra pergunta seria; se o cérebro é realmente o órgão gerador da inteligência, por que então este não continua a se desenvolver além dos oito por cento que é utilizado pelos humanos? Por que existe ainda cerca de noventa e dois por cento de massa encefálica que simplesmente não é utilizada por nós? Não parece isso ser um contrassenso, uma vez que o organismo humano não apresenta nenhum órgão sem funcionalidade determinada?

Saindo um pouco do campo fisiológico agora e adentrando searas no campo da psicologia. Existem correntes de pensamento que defendem a idéia de que a inteligência deve ser atribuída mais a experiências adquiridas durante a existência, do que a um órgão físico propriamente dito; sugerindo que o meio no qual o indivíduo vive, exerce maior influência na formação da inteligência do que o órgão cerebral propriamente dito. Não discordamos por completo dessa premissa, mas em um conceito mais abrangente, como explicaremos mais adiante, assumindo-se uma única existência, como se justificaria o fato de recém nascidos de mesmos pais, em muitos casos irmãos gêmeos até, que não

tendo sido expostos a experiências de vida em tão tenra idade, apresentem algumas vezes notórias diferenças de acuidade intelectual?

O Espiritismo responde a todas essas questões através do conceito de espírito imortal e múltiplas encarnações. Os tópicos seguintes, primeiramente apresentam alguns conceitos que serão úteis para o entendimento da resposta, apresentada ao final do capítulo, com relação à questão proposta no início da seção.

O que é o Espírito

A definição dada pelo Espiritismo ao conceito de espírito é a seguinte: “Espírito é o princípio inteligente do Universo”. Ou seja, o espírito é o nosso eu verdadeiro, onde se alojam todas as nossas características individuais como: temperamento, inteligência, virtudes e defeitos.

A materialização dessas características se dá através do nosso corpo material e seus órgãos. Pode-se pensar na relação entre o espírito e o corpo material como a relação entre o boneco fantoche e seu condutor. O fantoche é totalmente controlado pelo condutor que impõe sua vontade através do movimento que realiza nas cordas que unem suas mãos aos diversos “órgãos” do fantoche. A materialização da vontade do condutor se dá por intermédio dos movimentos do fantoche. Utilizando essa analogia, pode-se chegar à seguinte conclusão: o cérebro é o órgão responsável pela materialização da inteligência e o espírito é a fonte da inteligência propriamente dita. O espírito sendo o verdadeiro acumulador de todas as nossas características individuais, e não o corpo físico como a ciência materialista tenta sem sucesso provar, é o indivíduo íntimo que realmente somos.

Diferença entre Alma e Espírito

A partir do conceito de espírito apresentado na seção anterior, é comum os estudantes do Espiritismo confundirem os conceitos de alma e espírito. Diz-se alma, o espírito encarnado em um corpo físico; ou seja, alma nada mais é que o estado transitório de um espírito, quando ligado a um corpo material.

A pergunta mais natural agora seria: como se dá essa ligação entre o espírito e o corpo material? A resposta dada pelo Espiritismo é o que se chama *Perispírito*. Utilizando-se mais uma vez da metáfora do fantoche, o perispírito seria as cordas que ligam o condutor ao fantoche, e que permite o controle das funções motoras do fantoche pelo condutor.

O perispírito é formado de matéria menos densa que o nosso corpo físico visível, sendo pois, invisível ao olho humano, porém muito mais densa que o espírito propriamente dito; servindo como papel fundamental para proporcionar ao espírito uma forma de interagir e controlar o corpo físico. O perispírito é, portanto, o canal condutor de impressões entre a matéria e o espírito.

O que é comumente conhecido como aura corpórea, a qual hoje em dia pode ser fotografada através do método Kirlian, nada mais é que um dos componentes do que chamamos aqui de perispírito.

Existência Eterna do Espírito

O Espiritismo defende ainda a imortalidade do espírito como uma das leis Universais; e ainda, uma vez que o corpo físico expira, o espírito continua sua caminhada, livre da matéria, armazenando os conhecimentos adquiridos através das experiências vividas quando encarnados no corpo físico e adicionando estes à sua inteligência.

Vamos analisar o parágrafo acima cuidadosamente. A idéia básica por trás do apresentado é que todos nós, espíritos, amealhamos conhecimentos que não são perdidos quando se dá a morte do corpo físico. Natural seria portanto, a continuação dessa obtenção de conhecimentos, uma vez que o espírito se encontra livre da matéria. Sabe-se que a melhor forma de entendimento de um assunto é através do estudo da teoria que abrange um determinado tópico, seguido pela experimentação prática dessa teoria, para que se analise os seus efeitos. Sendo o espírito o acumulador da inteligência, pode-se dizer que a nossa vida é, portanto, um grande experimento onde analisamos causa e efeito de nossos atos com relação a nossos semelhantes. Com isso, mais natural ainda seria, a esse espírito ser dada a oportunidade de múltiplas encarnações ou experiências, de forma que os conhecimentos conseguidos por este, quando em estado etéreo e durante suas várias existências carnis, pudessem ser colocados em prática.

Essa idéia é até certo ponto contrária às idéias propostas por diversas religiões, que pregam que, se o indivíduo for aceito no chamado paraíso após seu falecimento, este fará parte de um grupo seletivo de escolhidos que passarão a eternidade contemplando a ociosidade celestial. Analisando-se mais uma vez como o Espiritismo prega o acúmulo de conhecimentos por parte do espírito, a vida após túmulo à luz da doutrina, nada mais é que uma continuação da nossa vida corpórea, onde nosso espírito apenas encontra-se em estado diferenciado daquele enquanto encarnado; o que sugere uma vida eterna plena e ocupada, contrária à ociosidade pregada por outras doutrinas.

O preceito fundamental do Espiritismo é que, o objetivo a ser alcançado por cada um de nós, não é a ociosidade do pós-morte, ao término de uma única existência, mas o constante trabalho evolutivo, que acomoda, entre outras coisas, múltiplas encarnações no planeta Terra; estas sendo vistas apenas como passos intermediários e necessários à nossa evolução. O conceito de eternidade, então, visto pelo Espiritismo é muito mais amplo, que transforma o todo do Universo em nosso templo, o trabalho em nossa prece e a evolução e caridade em nossa felicidade.

Resposta à questão

Tendo como base os conceitos apresentados, podemos agora, de maneira simples e direta, responder à questão formulada no início deste capítulo, repetida aqui para conveniência do leitor.

Pergunta: *“Como se explica o fato de que, em muitas situações, dentro de uma mesma família, irmãos de sangue possuem níveis de inteligência tão diferentes, a ponto de verdadeiros gênios nascerem de pais com inteligência no máximo limitada?”*

Resposta: Foi apresentado o conceito de que o espírito é o verdadeiro acumulador de individualidades, dentre elas, a inteligência, sendo o cérebro apenas o órgão físico responsável pela materialização, ou mesmo tradução por assim dizer, da inteligência inata do espírito. Esse fato, por si só, desassocia a inteligência da genética, explicando porém como que pessoas de mesmo laço sanguíneo podem possuir capacidade intelectual tão diversa.

Os gênios podem ser explicados como sendo espíritos muitíssimo evoluídos que encarnaram com uma missão pré-determinada e específica, que na maioria das vezes trazem, ou algum tipo de benefício à humanidade como um todo, ou são responsáveis pela introdução de algum conceito científico que auxilia no progresso do homem.

Podemos ir ainda um passo além na análise e utilizar-nos do conceito da existência eterna do espírito e das múltiplas encarnações para entendermos o porquê dos gênios e dos seres de inteligência simples como parte da mesma espécie; e às vezes, da mesma família como o proposto. Como armazenamos todas as nossas experiências passadas em nossas múltiplas encarnações, que então se adiciona aos conhecimentos adquiridos quando espírito etéreo. É natural entendermos que, espíritos que possuem maior número de encarnações e que utilizaram suas encarnações de forma produtiva e positiva, possuam inteligência superior àqueles que estão ainda dando seus primeiros passos na cadeia evolutiva. Seria como comparar o aluno universitário que já passou pelo ensino básico e intermediário, àquele que está ainda aprendendo as primeiras letras do alfabeto.

Utilizando essa idéia, aquele que se julga superior ao próximo pelo fato de possuir inteligência mais apurada, ou qualquer outra qualidade que considere superior, está inconscientemente trabalhando contra sua própria evolução, pois, arrogante, se julga o senhor de todas as verdades. Isso seria como gabar-se de saber mais, quando em idade adolescente, que um recém-nascido, esquecendo que, na mesma medida, existem os sábios da terceira idade com relação a ele. O Espiritismo abre nossos olhos para o caminho evolutório infinito que se encontra à nossa frente, sendo o objetivo final chegarmos cada vez mais próximos ao Pai; a arrogância e o orgulho servem apenas como barreiras algumas vezes intransponíveis para o nosso progresso. Precisamos ser simples de coração para que possamos ter a humildade de ouvir, pois todos somos, ao mesmo tempo, alunos e professores. Exemplificando esse pensamento, temos o Mestre de todos os mestres; não foi Jesus um simples carpinteiro?

Em tópico similar, podemos explicar os dons naturais, que na maioria das vezes se manifestam na mais tenra idade. Como poderíamos compreender esses dons latentes em crianças que nunca tiveram contato prévio com arte ou ciência, sem utilizarmos os conceitos de eternidade do espírito e múltiplas encarnações? Certamente, os espíritos dessas crianças já vivenciaram em outras encarnações ou mesmo durante seus períodos entre encarnações, aquela arte ou ciência que agora trazem como dom.

Estes são alguns poucos exemplos de questionamentos, em meio a outros milhares, que a ciência não consegue responder através da utilização de conceitos apenas materialistas, mas que podemos explicar, uma vez que entendamos os conceitos básicos do Espiritismo.

Capítulo 4 - O Corpo Físico

O capítulo anterior apresentou o conceito de espírito e de sua imortalidade. Também foi abordado palidamente o tema da reencarnação, como um dos veículos através do qual o espírito acumula conhecimentos e aprimora sua inteligência, utilizando-se das experiências vividas quando em estado encarnado. O passo seguinte é o estudo do que entendemos sobre o nosso corpo físico, sua formação e como o espírito interage com esse corpo.

Foi apresentado também, analogia entre a interação do espírito com o corpo físico e a do boneco fantoche e seu condutor; sendo o condutor interpretado como o espírito propriamente dito; o boneco, o nosso corpo físico e as cordas que transmitem a vontade do condutor para o boneco, o nosso perispírito; conceito de perispírito este que será explorado individualmente em seção própria neste capítulo. Pode-se também pensar no corpo físico como uma roupagem densa, que é utilizada pelo espírito quando em estado encarnado e que é dispensado no momento da morte deste, ou como chamamos também, no momento do desenlace ou desencarnação.

O corpo físico seria então, como um agasalho necessário no inverno, que é utilizado para que o homem consiga sobreviver em climas hostis, e que é colocado de volta no armário quando o verão se aproxima. Quando o próximo inverno regressa, um outro agasalho é então retirado do armário e utilizado temporariamente, repetindo-se assim o ciclo, até que o espírito tenha acumulado os necessários conhecimentos, e suas atitudes estejam completamente alinhadas com os ensinamentos do Nosso Senhor Jesus Cristo, baseados no amor incondicional ao nosso próximo, caridade e prática do bem desinteressado. Atingindo este estágio, o espírito não necessita mais da encarnação como veículo para sua evolução, podendo assim escolher entre a mudança de faixa vibratória onde irá atuar, para continuação de seu caminho evolucionário, ou em outras encarnações ainda aqui na terra, onde cumprirá missões para evolução da humanidade como um todo. Neste último caso, estão incluídos os grandes gênios, cientistas, humanitários, e todos aqueles que reconhecidamente contribuem para o melhoramento do homem. O conceito de faixa vibratória será introduzido em capítulo posterior, mas por agora, associe-se à faixa vibratória da comunidade onde residimos.

Com os conceitos acima em mente, é natural entendermos que o corpo físico é um veículo que todos os espíritos utilizam para sua evolução; sendo este portanto, um presente dado por Deus, a fim de que todos os seus filhos possuam todas as ferramentas necessárias para atingirem esta evolução. A conservação do corpo físico se faz indispensável; pois, desta forma, poderemos realmente tirar o máximo proveito da oportunidade que nos é dada. Assim, as atitudes tomadas pelos homens encarnados que contribuem para o seu deterioramento, como por exemplo, todos os vícios pelos quais os seres humanos se deixam dominar, servem como encurtamento dessa oportunidade, que em tempo todos nos arrependemos.

O Espiritismo não defende a abstinência completa, como algumas religiões o fazem, entendendo que, no nosso estado de encarnados, prazeres do corpo fazem parte da nossa realidade; no entanto, reforça o fato de que tudo que leva a sentimentos animalizados, como todos os excessos que corriqueiramente cometemos, são atitudes contrárias à nossa evolução. Como entendemos que a vida carnal nada mais é que estado passageiro, atitudes que visam tão somente atender a prazeres carnis, apenas são inúteis perdas de tempo, uma vez que a evolução do espírito se dá através do aumento de sua acuidade intelectual e moral, e não material.

O Espiritismo entende ainda que o chamado livre arbítrio faz parte de uma das leis do Universo, sendo este, condição fundamental para a evolução do espírito. O corpo físico nos foi dado como auxílio para nossa própria evolução; mas nós, verdadeiros juízes e julgados, possuímos liberdade total de ações, podendo assim, por nossos próprios méritos ou deméritos, atingirmos ou não nossos objetivos evolucionários.

Origem do Corpo Físico – Matéria Elementar

Agora que entendemos o papel que o corpo físico realiza no nosso caminho evolucionário, o próximo passo será estudarmos sua origem e formação. Para isso, precisamos introduzir o conceito de matéria elementar.

A ciência que a humanidade conhece, evoluiu e continua progredindo no conceito de elemento indivisível. Primeiramente, acreditava-se que o átomo, era o elemento indivisível da matéria. À medida que os estudos de sua estrutura evoluíram, foi descoberto o conceito de que o átomo pode ainda ser dividido como tendo um núcleo e partículas energéticas circulando ao redor deste núcleo, os elétrons.

Mais adiante, foi entendido que o núcleo também pode ser dividido, possuindo prótons e neutrons. A evolução dos conceitos de matéria elementar continua até os dias de hoje. Agora se conhece a existência de partículas ainda mais elementares que as mencionadas acima, como os quarks, e mais atualmente, os conceitos ainda teóricos dos fermions e bósons.

O Espiritismo acredita que a ciência dos homens ainda engatinha com relação ao tópico em questão, e que a matéria realmente elementar, é a que dá origem a tudo que existe no Universo; tendo em mente, que quando mencionamos Universo, estamos englobando o mundo material que pode ser captado pelos sentidos do nosso corpo físico, e o mundo menos denso, no qual os espíritos desencarnados atuam.

A matéria elementar seria então, a originadora também de nosso corpo físico. Sem entrarmos em muitos detalhes científicos, podemos traçar uma analogia entre a matéria elementar e a água, por exemplo, que possui os conhecidos três estados físicos: gasoso, líquido e sólido. O estado gasoso da água é menos denso que o seu estado sólido, mas a sua constituição é a mesma, independente do seu estado físico; composta de dois átomos

de Hidrogênio e um átomo de Oxigênio. A matéria elementar então, seria a formadora de tudo que existe, atuando em estados físicos diferentes.

Desta forma pode-se pensar, uma vez mais, no corpo material como sendo formado de matéria elementar. Esta matéria elementar, no corpo material, encontra-se em um estado físico diferente do seu estado físico quando compõe o espírito. Estendendo-se este conceito para toda a matéria visível ao olho humano, deduzimos que tudo que vemos é formado de matéria elementar, no mesmo estado em que ela se encontra quando forma o corpo físico do homem.

Com esse conceito em mente, entende-se que tudo no Universo é matéria, e, de novo, entendendo que o nosso conceito de Universo, aqui, engloba o mundo físico que percebemos e o mundo que nossos sentidos não são capazes de captar. Matéria esta composta pela matéria elementar em estados físicos diferentes. Os diferentes estados físicos desta matéria elementar formam os diferentes padrões vibratórios que esta matéria elementar pode assumir.

Como se sabe, os diferentes átomos dos diferentes elementos da nossa conhecida tabela periódica, possuem elétrons que giram ao redor do seu núcleo atômico com velocidades, ou também chamadas frequências de rotação, diferentes. Esta velocidade de rotação ou frequência é que determina os níveis energéticos de cada um dos elementos, ou a facilidade com a qual electrons desses elementos podem pular entre níveis energéticos diferentes. Por exemplo, os elementos químicos radioativos, possuem características bem peculiares, que são dadas pela sua frequência vibratória totalmente diferente de outros elementos existentes na natureza, que não são classificados como radioativos. O ouro, por exemplo, é material extremamente condutor de energia elétrica, uma vez que seus elétrons são facilmente impulsionados para troca de faixa energética, característica essa ditada pela sua frequência vibratória. Outros materiais, os chamados isolantes, não respondem tão facilmente ao estímulo externo, como o ouro. Pode-se estender esse conceito afirmando que, cada elemento conhecido pela ciência, possui características próprias, as quais são dadas pelas suas frequências vibratórias próprias, que nada mais são que a matéria elementar operando em faixas de frequências determinadas para a formação daquele elemento específico.

Extrapolando essa idéia, podemos entender que, como os sentidos físicos são capazes de capturar uma faixa de frequência determinada, a exemplo do ouvido humano que capta ondas sonoras na faixa de 20Hz a 20KHz, mais ou menos, o que chamamos de matéria física, é a matéria elementar vibrando na faixa de frequência que pode ser percebida pelos sentidos humanos. A matéria que não conseguimos ver com nossos olhos ou distinguir seu cheiro com nosso aparelho olfativo, é ainda matéria, só que formada pela matéria elementar vibrando em faixas de frequência que se aloca em padrões que não podem ser registrados pelos nossos sentidos.

Concluindo esta linha de pensamento, o que o homem chama de sobrenatural, na verdade faz parte da natureza, mas da natureza que não pode ser captada por nossos sentidos. A natureza é o Universo e vice-versa, não existindo nada sobrenatural; apenas fenômenos

físicos que a ciência desenvolvida pela humanidade ainda não conseguiu decifrar. Tudo no Universo é física e regido por leis físicas. A matéria mais densa sendo regida pelas leis da física que conhecemos e por outras que ainda não conhecemos, e a matéria ainda não conhecida pela nossa tecnologia atual, regida por leis físicas compatíveis com os seus respectivos padrões vibratórios, que ainda não são compreendidas pelos nossos instrumentos existentes. A teoria que engloba esses fenômenos físicos até então não foi desenvolvida. Idéia que se torna muito natural, quando voltamos nossos olhos para a evolução da física atualmente conhecida pela ciência; a qual, partindo dos conceitos empíricos iniciados pela física Newtoniana, também não explicavam alguns fenômenos a nível de partícula. Estes estudos empíricos foram detalhados posteriormente através dos conceitos relativísticos de Einstein, e ainda assim, tomados como incompletos com o advento da física quântica. O próprio Einstein curvou-se a não compreensão de alguns fenômenos, admitindo a existência de leis físicas que ainda não puderam ser entendidas, concluindo assim a existência de uma força inteligente maior, que não pode ser equacionada.

Com essa linha de pensamento, o que se chama hoje de fenômenos sobrenaturais, nada mais são que fenômenos ainda não comprovados através dos conhecimentos de física que a ciência desenvolveu, mas que em tempo, farão parte da nossa realidade cotidiana.

Mais uma vez, o Espiritismo encoraja explicações e investigações científicas para tudo que existe no Universo. A fé cega pregada por religiões criadas pelos homens é necessária para estas religiões, pois explicações ainda não podem ser encontradas para muitos fenômenos presentes na nossa natureza. Torna-se muito mais cômodo para nós, espíritos de inteligência ainda limitada, aceitarmos dógmas propostos por religiões, do que investirmos tempo e esforço na procura da verdade. Este trabalho contínuo de pesquisa também faz parte de nossa evolução espiritual.

Fluido Vital

Como dissemos anteriormente, o corpo físico é inteiramente controlado pelo nosso espírito, através do perispírito. Uma pergunta natural a ser colocada seria: “se o corpo físico é inteiramente controlado pelo espírito, o espírito é responsável por todas as funções vitais desse corpo? Ou, em outros termos, cada batida do nosso coração, por exemplo, é controlada e estimulada pelo espírito?”

Para respondermos a esse questionamento, precisamos apresentar o conceito de fluido vital. O fluido vital, como não poderia deixar de ser, é também formado pela matéria elementar, sendo o responsável pela vida do corpo físico. Então, pode-se dizer que quando estamos vivos, o corpo possui quantidade suficiente de fluido vital, e quando o corpo expira, é o mesmo que dizer que este corpo não possui fluido vital suficiente para a continuação da vida. O fluido vital é o que comumente se chama: centelha de vida. O fluido vital é o responsável direto por todas as funções dos órgãos, que, sem este fluido, param seu funcionamento.

Utilizando-se deste conceito, pode-se pensar nas plantas como um exemplo para melhor compreendermos o papel que este fluido realiza. As plantas possuem, como todos sabemos, vida. Têm mecanismo circulatório próprio e necessitam de matéria orgânica, que retiram dos elementos do solo, para continuação dessa vida. Esse ciclo quando é interrompido, causa necrose nas suas folhas e caules. Plantas, no entanto, não possuem inteligência, não tendo portanto um espírito, que como vimos anteriormente, é o acumulador da inteligência e da vontade. A resposta para essa questão está no fluido vital. Plantas possuem fluido vital, que é responsável pelas suas funções orgânicas. Funções essas, que quando cessam, causam a sua morte. Este fluido vital das plantas não é equivalente ao que propulciona o corpo físico humano, pois o conjunto de necessidades vitais entre as duas espécies é completamente diametral, mas, o conceito é o mesmo.

Voltando agora para o caso do corpo físico humano, o controle e execução de suas funções orgânicas, como nas plantas, se dá através do fluido vital, não do espírito. O nosso espírito comanda, como vimos anteriormente, nossas ações e pensamentos, não o funcionamento de nosso organismo vivo.

Como resumo, entende-se que o espírito é o acumulador da inteligência e vontade, e que o corpo físico e suas funções vitais são mantidos pelo fluido vital. Quando este fluido vital se extingue, dá-se a morte do corpo físico. A lacuna ainda existente encontra-se, no mecanismo que controla a ligação entre a inteligência e vontade do espírito com as funções motoras que controlam o corpo físico. Esta lacuna é preenchida pelo conceito de perispírito, detalhado na próxima seção.

Perispírito

Utilizando-se mais uma vez da analogia com o boneco fantoche, as cordas que ligam o condutor ao boneco e que transmitem sua vontade ao boneco, podem ser entendidas como o nosso perispírito.

O perispírito é, portanto, o elo de ligação entre o espírito e o corpo físico, sendo este ainda responsável pela transmissão da vontade do espírito para o corpo, e no sentido contrário, transmite as sensações absorvidas pelo nosso corpo físico para o espírito.

O perispírito é formado pela matéria elementar, em estado menos denso que a matéria que forma o corpo físico, portanto não é possível sua captação pelos nossos sentidos; embora tenha matéria ainda mais densa que o espírito propriamente dito. Como o perispírito é menos denso que a matéria física, é maleável e pode ser moldado à vontade do espírito. Um dos seus papéis fundamentais é o de proporcionar ligação entre o espírito e o corpo físico através de ligações químicas, que a ciência ainda não está em condição de equacionar no momento. Sua densidade, de frequência intermediária entre a frequência vibratória da matéria que forma o corpo físico, e a matéria que forma o espírito, proporciona um elo de ligação com frequências vibratórias diferentes das do espírito e do corpo físico, possibilitando essa ligação. O perispírito pode ser entendido

então como a interface entre o espírito e o corpo físico; proporcionando elo de ligação que transmite, nos dois sentidos, estímulos que servem para o espírito controlar as ações do corpo, assim como serve também para realimentar as sensações que fluem do corpo para o espírito.

Um assunto independente, mas que serve como ilustração para o conceito de perispírito, são os sonhos. Estes são motivos de incansáveis estudos realizados por cientistas, que procuram suas origens em regiões cerebrais. O Espiritismo explica a origem dos sonhos através do conceito de perispírito. O cansaço que sentimos se dá apenas a nível de corpo físico, não precisando o espírito do sono restaurador de todas as noites. Portanto, durante o sono do corpo físico, o espírito se desprende momentaneamente do corpo, mantendo sua ligação a este através do perispírito. O espírito realiza tarefas durante o sono do corpo físico, mais ou menos elevadas, dependendo do seu grau de evolução. Tarefas estas que são transferidas para o nosso cérebro corpóreo através do nosso perispírito. A natureza muitas vezes alegórica dos sonhos se dá pelo fato de que nosso cérebro, não possuindo impressões em seu banco de dados, que consiga traduzir o que muitas vezes é particular apenas ao mundo espiritual, busca associações com a realidade física, da melhor maneira que possa, resultando assim em metáforas que abrem caminho para o estudo de interpretação dos sonhos. Como seria explicado, se não à luz do Espiritismo, as premonições que algumas pessoas têm, durante sonhos, e que mais tarde viram fatos reais? A ciência chama estes fatos de obras do subconsciente humano. Pergunta-se então: seria o subconsciente humano tão potente a ponto de induzir a realização de algum evento, muitas das vezes catástrofes incríveis, envolvendo milhares de pessoas? Se este fosse o caso, onde estaria a justiça Divina, que permite a uma pessoa influenciar de forma tão decisiva e cruel o destino de tantas outras?

O conceito de perispírito explica fenômenos que a ciência, não podendo explicar, permite a abertura da porta dogmática às religiões que cegam o homem. Um outro exemplo de fenômeno é o conhecido fato de Santo Agostinho ter aparecido no tribunal que julgava seu pai por um assassinato que este não tinha cometido, interpelar por ele, e ao mesmo tempo, como mais tarde foi provado, estava o Santo localizado a muitas milhas de distância do local de onde o julgamento estava sendo realizado, sendo impossível seu deslocamento à tamanha distância, em tão abreviado tempo, com a tecnologia da época. Este fato, dentre outros méritos realizados por este espírito evoluidíssimo, forçou a igreja Católica à canonização de Santo Agostinho, uma vez que a ciência não poderia explicar esse fenômeno. Mais uma vez, dógmas são impostos, mantendo assim os homens mergulhados em perigosa ignorância.

Este fato, à luz do Espiritismo, não possui nada de sobrenatural. O espírito de Santo Agostinho foi liberado do seu corpo físico, durante o sono, estando ainda ligado a ele pelo seu perispírito. Seu espírito então moldou seu perispírito de maneira que tivesse a mesma forma que seu corpo físico, e pudesse então ser reconhecido no tribunal. Ao fim do julgamento, Santo Agostinho então retorna ao seu corpo físico. O Espiritismo chama esse fenômeno de desdobramento, que se caracteriza quando, um espírito encarnado se desprende momentaneamente de seu corpo físico, sem a interrupção da vida deste, e aparece em uma outra localidade.

Espírito Encarnado

Neste capítulo, abordamos até agora, os conceitos de corpo físico e sua origem, como os órgãos mantêm seu funcionamento e como o espírito interage com o corpo físico. O Espiritismo chama de espírito encarnado a este cenário onde o espírito está associado a um corpo físico, através de seu perispírito.

No estado encarnado, o espírito está tolhido de uma grande parcela de sua capacidade natural, pois o corpo físico lhe impõe restrições devido às suas características funcionais. Capacidades do espírito, como por exemplo, a lembrança de suas vidas passadas, estão momentaneamente bloqueadas, não sendo transmitidas para a memória cerebral. Essa memória especificamente, pode ser aflorada e trazida à tona através do conhecido processo de regressão ou hipnotismo, que pode ser explicado como sendo a abertura do canal de ligação entre a memória do espírito e a memória do corpo físico.

Pode-se reconhecer a perfeição da criação de Deus em mais este exemplo, onde a limitação funcional do nosso corpo físico impede que nos lembremos, enquanto encarnados, das nossas encarnações anteriores. Dependendo do grau de evolução de cada espírito, poderia se tornar impossível continuarmos nossa batalha evolucionária, enquanto encarnados, se nos lembrássemos, por exemplo, de atrocidades que cometemos em vidas anteriores, quando ainda estávamos em grau de desenvolvimento inferior ao que estamos hoje. Poderíamos ser dominados por sentimento de desânimo e arrependimento por nossas atitudes, impeditórios à continuação de nosso caminho.

O quão mais evoluído é o espírito, mais aflorada se encontra sua capacidade quando encarnado. Fato que explica, entre outras coisas, as óbvias diferenças intelectuais entre pessoas do nosso convívio.

Capítulo 5 - Morte do Corpo Físico

O fato mais temido pela grande maioria dos homens durante suas vidas aqui neste planeta, é justamente aquele que apresenta condição irrefutável à nossa realidade, a morte.

Indivíduos cujos credos são baseados na inexistência de uma força suprema, criadora da vida e de todas as coisas, tendem ao sentimento de desespero face à aproximação da morte, uma vez que, para estes, o fim da vida corpórea significa, realmente, o fim de absolutamente tudo. Realmente, analisando-se este ponto de vista com frieza, seria verdadeiramente desesperador a aproximação da morte física, já que representaria, em si própria, o término completo da existência do indivíduo.

Não é incomum tomarmos conhecimento de pessoas que, tendo sido condenadas pela medicina humana a um tempo determinado de vida, entregam-se inteiramente a excessos inimagináveis, que muitas vezes causam prejuízos irreparáveis a terceiros. Para esses indivíduos, como não existe nada após a morte do corpo físico, e sabendo que sua hora se aproxima, não há mais a necessidade de preocupações com ações e suas consequências. O único objetivo dessas pessoas neste momento é o de aproveitar ao máximo, os dias que lhes sobram de existência, muitas vezes mergulhando em prazeres mundanos. A outras resta, na maioria das vezes, a revolta, quando entes que lhes são queridos se deparam com o sono final. Muitas, nunca recuperam seu equilíbrio durante o restante de suas vidas, quando pessoas que são do seu círculo de afeição rompem o laço da encarnação. Podemos realmente entender o terror que estes indivíduos possuem da morte, quando a perspectiva que possuem da vida é a que foi apresentada acima.

Um outro grupo de indivíduos que merece análise é aquele formado por pessoas que crêem na existência de vida após a morte do corpo físico, mas, acreditam também que existe apenas uma vida corpórea, a presente. Para estas, também não é incomum o sentimento de revolta, ante a perda de entes amados, uma vez que, de acordo com seu credo, nunca mais desfrutarão de sua companhia. Analisemos agora, neste grupo, aqueles que acreditam na clássica divisão entre inferno, purgatório e céu, para a vida pós-túmulo. Imaginem o desespero ao aproximar-se a morte, quando percebem que passaram a vida praticando ações que os condenariam a torturas inimagináveis e eternas no chamado inferno, sem a possibilidade de resgate de suas falhas? E o que falar do estado mental de criaturas de bem que perderam entes queridos para a morte corpórea, sendo estes últimos, pessoas condenadas ao inferno infinito? Como conseguiriam continuar sua caminhada se acreditam que aquele ser que amaram tanto, está condenado ao fogo insuportável do inferno, para toda sua eternidade? Teriam estes realmente paz de espírito, para quando sua hora também chegar, simplesmente abraçar a contemplação beatífica do céu prometido, sabendo que pessoas às quais amaram tanto, durante sua passagem pela vida, sofrem eternamente no inferno?

Analisemos agora, aqueles indivíduos que acreditam na vida após a morte, e também na reencarnação. Para êles, a vida corpórea nada mais é que estado temporário, e curto, que serve apenas como mais uma fase do seu estado evolucionário. A vida física, mesmo sendo o bem mais precioso que possuem durante esse período, uma vez que possibilita fonte de aprendizado

valiosíssimo para a caminhada evolutiva, é encarada de forma menos material por êles, e a consequente morte, nada mais é que uma mudança de estado físico.

Mantendo este ponto de vista em mente, é realmente reconfortante sabermos que aqueles que nos são queridos, que agora partem para a grande viagem, não estarão inacessíveis ao nosso convívio no futuro, e que também poderemos novamente desfrutar de sua companhia quando as circunstâncias assim o permitirem. A saudade que nos toma de rompante, devido à distância colocada entre os estados físicos; encarnado e desencarnado, nada mais é que temporária, uma vez que poderemos, novamente, estar com êles em futuro próximo, na vida além túmulo.

Esta vertente também nos tranquiliza com relação às nossas próprias falhas. A certeza de que teremos outras oportunidades de aprendizado e resgate de nossas imperfeições, as outras encarnações, aquece nossos corações de otimismo, mesmo com proximidade do longo sono. Nesta corrente, o inferno não é mais caracterizado como o lugar no qual sofreremos torturas eternas, mas um estado também transitório, do qual poderemos a certo momento, sair, para mais uma encarnação, que mais uma vez nos possibilitará oportunidade para nossa melhora interior, de forma que não precisemos retornar a este estado mental no futuro. Utilizando-se do mesmo raciocínio para com os nossos entes queridos, é realmente reconfortante sabermos que, mesmo que eles se encontrem em estado de sofrimento após a morte do corpo, como consequência da vida que levaram quando encarnados na matéria, este estado também é temporário, e a felicidade certamente lhes chegará no futuro; felicidade esta que está intimamente relacionada com suas próprias ações.

O outro lado da moeda para esse reconforto é o fato de que todas as ações praticadas por indivíduos que, direta ou indiretamente, causaram dor e tristeza aos seus semelhantes, serão, em tempo, resgatadas, durante a encarnação atual, ou em próximas. O fato de que toda causa gera um efeito, é uma das leis do Universo. Nenhum indivíduo está imune a ela. A conhecida expressão “Aqui se faz, aqui se paga.”, possui caráter muito mais abrangente do que poderíamos inicialmente prever. Em tempo, à medida que, determinado indivíduo praticante desse tipo de ação, chega a um nível de entendimento que lhe permite compreender que sua infelicidade é diretamente relacionada à infelicidade que ele, agora ou no passado, impôs a um semelhante, ele sabe que passará por situação semelhante, quando encarnado, que lhe proporcionará ferramenta valiosíssima de aprendizado.

O Mestre Jesus nos ensinou que o perdão é uma condição fundamental para a nossa felicidade. Entendendo-se o conceito de causa e efeito, e o de reencarnação, torna-se simples a compreensão desta afirmação. Nós também, como seres imperfeitos, seja durante a encarnação atual, seja em uma passada, certamente tomamos atitudes que trouxeram pesar para nosso próximo, as quais, em tempo, reconheceremos como uma das fontes da nossa infelicidade. A felicidade gerada por conquistas materiais é efêmera. Ditado como “O quanto mais se tem, mais se quer.”; ilustra essa efemeridade. Indivíduos que atingem sucesso financeiro continuam sua procura cada vez mais por bens materiais, uma vez que não reconhecem que essa busca contínua pelo algo mais, indica que, o que intimamente procuram não pode ser encontrado nas finanças. Entenderemos que o perdão concedido pelo semelhante recipiente de nossas atitudes impensadas nos trará a paz de espírito necessária para que continuemos nossa luta a caminho da felicidade verdadeira. Da mesma forma como precisaremos contar com o perdão de nossos semelhantes para nossas falhas, outros que nos afligiram, ou recentemente ou em pretérito distante, também

contam com nossa capacidade de perdoar, para que eles também possam continuar nas suas próprias caminhadas. Sentimentos menos dignos, como a vingança, nada mais são que entraves para a nossa própria evolução, uma vez que são contrários à lei de causa e efeito. A máxima “É perdoadando que se é perdoado.”; também carrega muito peso, e vai muito mais além que um simples dógma quando nos diz que devemos perdoar nossos agressores. O perdão é uma verdadeira necessidade, a partir da lei de causa e efeito, que no determinado tempo, aprenderemos a reconhecer e abraçar.

Todos, independentemente de credo, desenvolvimento intelectual, cultural ou religioso, nutrem dentro de si, sentimento de auto preservação que, uma vez posto à prova, face a situações que apresentem ameaças reais à continuação da vida, gera sentimentos diversos, que, como foi explicado, variam dependendo do grau de evolução e entendimento em que cada indivíduo se encontra.

O sentimento de auto-preservação vem de um conhecimento íntimo que temos, que nos diz, todos os dias, o quanto nossa vida é preciosa ferramenta de aprendizado e resgate. Por isso que atitudes como o suicídio, em tempo, causam arrependimento na vida pós-túmulo, uma vez que esta prática, por qualquer motivador que seja, abrevia a nossa própria oportunidade de aprendizado e evolução. O Espiritismo prega que cada indivíduo é o senhor de sua própria felicidade, e que toda causa carrega um efeito. Atitudes de caridade e desprendimento para com nossos semelhantes trazem os frutos benéficos da simpatia e amizade dos nossos irmãos para conosco. Ao mesmo tempo, ações que infligem dor e tristeza, trazem a seu tempo, arrependimento e remorsos arrebatadores, que se transformam em infelicidade.

O corpo físico deve realmente ser tratado como verdadeiro templo, pois é o veículo que nos permite a vida encarnada, que como já discutimos, é um dos mais importantes instrumentos de aprendizado e evolução. A preocupação vaidosa com o corpo, é sentimento fútil, pois a verdadeira beleza se encontra no âmago dos sentimentos; mas, devemos cuidar do envoltório físico como cuidaríamos de uma máquina de valor incalculável, pois ela, como foi explicado, é de fato essa máquina. Pode-se dizer que o ditado “Corpo são, mente sã”; possui raízes no conceito da lei de causa e efeito, já que sabemos que o corpo é ferramenta fundamental para o nosso caminho evolutório, que é basicamente o nosso campo mental, e como tal, deve ser preservado com o melhor de nossas habilidades.

Com esses conceitos em mente, pode-se agora concluir o processo da morte do corpo físico propriamente dito. Como já foi explicado anteriormente, o espírito é o centro de individualidade que é mantido após a morte do corpo físico. Durante a vida corpórea, este espírito, então encarnado, permanece ligado ao corpo por intermédio do perispírito. Também foi explicado que as funções dos órgãos vitais estão diretamente ligadas ao chamado fluido vital. Portanto, é natural entendermos que a morte do corpo físico se dá, primeiramente, pela interrupção do funcionamento destes órgãos vitais, o que é causada pelo esgotamento do fluido vital.

O esgotamento do fluido vital e a interrupção total do funcionamento dos órgãos do corpo ocasionam o desprendimento da ligação do perispírito com o corpo. Uma vez que este desligamento está completo, o espírito se encontra totalmente liberto do corpo físico, o que

caracteriza então, a morte do corpo físico e a passagem de estado do espírito, de encarnado para espírito errante.

Os famosos milagres reportados no Evangelho, nos quais o Mestre Jesus trouxe pessoas de volta à vida, depois de consideradas mortas, podem ser explicados à luz da ciência Espírita. Nessas pessoas, ainda que seus órgãos tenham parado de funcionar e tenham sido declaradas como mortas à luz da ciência material, seus fluidos vitais ainda não se encontravam totalmente esgotados, e, conseqüentemente, seus perispíritos ainda estavam ligados ao corpo físico. O ato de “ressureição” praticado por Nosso Senhor, pode ser entendido como uma revigoração do fluido vital dos enfermos, efetuado pelo Mestre, que proporcionou a volta do funcionamento dos órgãos, e conseqüentemente o reinício de suas funções motoras. Como foi mencionado anteriormente, o termo sobrenatural muito utilizado pelos homens, nada mais é que fatos além do nosso conhecimento, que ainda engatinham, sobre as leis naturais. O “milagre” da resurreição de mortos praticados pelo Mestre, seguiu as leis da física Universal, que ainda não é totalmente dominada pela ciência humana.

Capítulo 6 - Reencarnação

Como proposto anteriormente no curso deste material, alguns dos pilares que sustentam a doutrina Espírita são: os conceitos de existência eterna do espírito, a idéia de que todos os espíritos lutam continuamente para sua evolução científica e moral, e o princípio da reencarnação. A reencarnação, neste contexto, nada mais é que um veículo utilizado pelo espírito para o acúmulo de conhecimentos através de experiências práticas. Como vimos anteriormente, o corpo encarnado é ferramenta fundamental para que possamos executar essa fase de nosso aprendizado.

Quando se diz acúmulo de conhecimentos através de experiências práticas, não se está restringindo o material desse conhecimento ao que se pode aprender em cadeiras universitárias, seguidos pela aplicação desses conceitos absorvidos durante a vida profissional do indivíduo, mas também ao trabalho de autoconhecimento de suas próprias imperfeições. Como se diz popularmente, o primeiro passo para a solução de um problema, está na identificação desse problema. Extrapolando-se este conceito para o nosso caminho evolucionário, os problemas a ser resolvidos são nossas imperfeições. A identificação desse problema se dá através do reconhecimento por nossa parte, dessas imperfeições.

Neste contexto, é natural entender-se que a melhor maneira para a correção dessas imperfeições acontece no produto dos relacionamentos entre cada um de nós e os vários espíritos que compõe a esfera Terrestre; que fazem parte do nosso círculo de atuação, nos campos profissional, afetivo ou familiar. A idéia de experiências práticas, citada anteriormente, pode ser entendida como a observação por nossa parte do resultado obtido através de nossas ações que impactam tanto os nossos semelhantes como a nós próprios. A Terra pode ser vista como imenso laboratório, onde todos nós executamos nossas próprias experiências, e cujas observações desses resultados vão confirmar ou jogar por terra conceitos que tínhamos como verdades a serem seguidas. Como os grandes cientistas, que se utilizam das observações em experiências para provar teorias matemáticas do mundo que nos cerca, nós também utilizamos a mesma metodologia, mas nossas investigações se dão no campo moral da existência.

Mantendo-se esses conceitos em mente, torna-se natural o entendimento do motivo pelo qual, nesse mesmo planeta, existem pessoas que são responsáveis por atos de maldade excessiva, enquanto outras mostram-se verdadeiros soldados do exército de paz pregado pelo Mestre Jesus. Este planeta é casa temporária para espíritos em diversos níveis de evolução. Aqueles que já se colocaram no caminho evolutivo, utilizam-se da observação dos resultados das interações sociais entre eles, como ferramenta mais básica para entendimento de conceitos, que em tempo, lhes levarão ao encontro da verdadeira felicidade. Também torna-se natural o entendimento de uma das razões pela qual precisamos retornar várias vezes a esse planeta, como espíritos encarnados. Seria realmente contrário à justiça de nosso Pai, esperar de um espírito ainda em evolução, que através de um mero tempo de menos de um século de existência, pudesse se livrar de

todas as suas imperfeições morais; entender através de experiências práticas que o único caminho para a felicidade é o do amor ao próximo e da caridade; e, ainda, dominar conhecimentos científicos sobre tudo que compõe não apenas a Terra, mas o Universo de forma mais global. Como esperar que uma criança cursando Jardim de Infância possa absorver conceitos existenciais, filosóficos e científicos, com apenas um ano de estudos?

A evolução do espírito pode ser, neste contexto, associada ao processo de progresso escolar, onde cada reencarnação seria o equivalente a um ano de estudos na nossa vida acadêmica. Aqueles que não se interessam pelo auto-progresso e não utilizam a vida encarnada como laboratório de experiências positivas para o seu aprendizado, são como os alunos que não estudaram para as provas que lhes seriam aplicadas durante o ano letivo e são forçados a repetir o ano ao falharem ao seu final. Estes espíritos, reencarnarão e passarão pelas mesmas provas e experiências até que possam finalmente entender que o caminho do progresso exige trabalho e dedicação. Aqueles que reencarnam e dedicam-se à sua melhora pessoal, desempenham tarefas menos básicas e mais interessantes, como os nossos alunos que passam de ano na escola e recomeçam o ano seguinte aprendendo material mais avançado. A diferença básica entre a evolução do espírito e o aluno escolar está no fato de que, enquanto o indivíduo que decide ingressar na Universidade, para estudos mais avançados, dedica apenas uma parcela de sua vida aos estudos; por outro lado o caminho da evolução espiritual exige aplicação em tempo integral durante toda a eternidade, o que caracteriza a existência do espírito.

Surge uma pergunta natural: “O que seria então caracterizada como uma encarnação bem sucedida, ou, utilizando-se da comparação com o aluno escolar, o que caracterizaria a passagem de ano no cenário da encarnação?”

A resposta para esta pergunta é tão simples que se torna complexa. Está nas palavras que nosso Mestre Jesus nos deixou durante sua passagem pela Terra. O exemplo deixado pelo Mestre durante a sua vida encarnada, há mais de 2000 anos passados, é o que deve nos servir como molde para o nosso caminho evolucionário. É importante notar, mais uma vez, que seria realmente impossível esperarmos atingir o mesmo padrão de humildade, amor ao próximo e caridade que o Mestre nos mostrou, em apenas uma ou poucas encarnações. Ao mesmo tempo, a referência de conduta e objetivo nos foram dados diretamente pelo emissário do Pai, e podemos admitir que uma encarnação foi bem aproveitada, se ela, de forma geral, nos levou para uma posição mental mais próxima ao objetivo, que é a reprodução do amor do nosso Mestre em nossos corações.

Devemos sempre nos policiar para não nos deixarmos levar pela interpretação dessas palavras, pregadas pelas diversas religiões, que se autoproclamam as donas da verdade e da tradução verossímia das palavras do Profeta. Cada um de nós é responsável pela interpretação de suas parábolas. Acreditamos que o Mestre nos falou por parábolas, justamente para que todos nós, em nossas diferenças evolutivas, pudéssemos retirar ensinamentos durante todas as fases do nosso caminho no progresso, e, conseqüentemente, a palavra se tornasse ao mesmo tempo útil a todos, e resistente ao crivo do tempo. O que isso nos sugere é que, como a interpretação cabe a cada um de nós, ao mesmo tempo temos livre arbítrio de conduta, o que nos traz associada extrema

carga de responsabilidade, uma vez que não poderemos, desta forma, culpar terceiros pelos nossos próprios desvios.

Absolvição dos Pecados

A doutrina Espírita baseia-se exatamente neste preceito básico, que diz que cada um de nós é o único responsável pelos nossos próprios atos. Essa introspecção de responsabilidade nos faz todos, juízes e julgados no tribunal da lei do Pai. Não existe, neste cenário, a conveniência da simples confissão e absolvição de pecados por um terceiro, que não necessariamente foi personagem diretamente afetado pela ação. Como poderia uma pessoa externa ao problema, mensurar uma penitência para o pecador, sem saber exatamente a consequência do ato praticado? E se o pecador confessar apenas a parte do pecado que lhe convier? Ou mesmo, se êle, que é o narrador da ação, não necessariamente por leviandade, mas por ignorância, desconhecer todas as consequências ocasionadas pela ação praticada? O que dá o direito a um outro espírito encarnado, não necessariamente mais evoluído que nós, de julgar os nossos pecados e nos determinar penitência, uma vez que a própria palavra de Jesus nos diz que não devemos julgar para não sermos julgados?

Em uma outra análise, nos pareceria condizente com a justiça do Pai, o fato de sermos incondicionalmente perdoados por nossos atos que causaram consequências, às vezes terríveis, a terceiros, através de um simples ato de confissão e a repetição, quase sempre mecanizada, de algumas palavras, que muitas vezes nem se qualificariam como oração sincera? Isso não pareceria uma atitude que nos permitiria viver de forma totalmente contrária àquela que nos foi mostrada pelo nosso Profeta? Viver todos os dias da semana, de forma leviana, uma vez que sabemos que tudo que fizemos contra nosso próximo desaparecerá de nossas consciências, através de uma simples confissão? Se a confissão é o elixir salvador do nosso espírito e o expurgador de todos os nossos pecados, por que Jesus nos veio pregar que o único caminho é o da caridade e do amor ao próximo? Isso não nos parece trabalho excessivo, para problemas que podem ser resolvidos através do trivial ato confessional? Na mesma linha de pensamento, por que o Pai Todo Poderoso nos enviaria seu santo Emissário, permitindo que ele sofresse todas as atrocidades às quais foi submetido, uma vez que, na verdade, não precisamos executar reforma interior para o caminho do amor, já que a confissão resolveria todas os nossos problemas e imperfeições?

Poderíamos continuar colocando infinitas outras perguntas que, como as anteriores, não encontrariam respostas dentro da lógica não dogmática, em doutrinas que não pregam a responsabilidade pelos nossos atos como pilar fundamental de sua construção. A lógica nos diz que a absolvição dos nossos pecados para com nosso próximo, torna-se um trabalho de resgate muito mais abrangente que um simples ato de confissão. Primeiramente, precisamos reconhecer o erro, superar o remorso ocasionado pelo erro, e finalmente buscar o perdão diretamente do semelhante sofredor da nossa ação.

O Carma

Carma é uma palavra muito utilizada na atualidade, mas, na verdade, seu verdadeiro sentido não é compreendido pela maioria dos espíritos encarnados desta geração. O conceito de carma possui conotação muito mais complexa do que a forma como é utilizado vulgarmente; suas raízes se tornam de fácil entendimento quando se olha através do prisma do resgate, como apresentado na seção anterior.

Assumindo que a absolvição dos pecados é realmente um trabalho mais envolvente que uma simples confissão, precisamos urgentemente obter o perdão sincero do próximo que foi atingido diretamente pela nossa ação pecaminosa. Parece-nos realmente natural que precisamos mais que uma simples encarnação para termos o tempo suficiente para galgarmos todo o processo de resgate como nos foi apresentado. Como poderíamos de outra forma nos redimir de nossos atos se não tivéssemos a oportunidade de nos encontrar mais uma vez com o semelhante que foi o alvo de nossos erros? E se a consequência de nosso erro gerou a morte do corpo físico de um semelhante? Como então poderíamos obter o perdão deste próximo, uma vez que este não se encontra mais nesta esfera física? Isso significaria então, que como não conseguimos executar o resgate, estaríamos condenados ao fogo eterno do inferno?

Mais uma vez, a sabedoria e bondade infinita de nosso Pai nos oferece oportunidade de resgate que se estende a escopo maior que uma simples vida encarnada. O carma, então pode ser definido como o trabalho de reencontro entre inimigos do passado, na busca do resgate, ou como mais conhecido, da absolvição do pecado.

Temos exemplos múltiplos na nossa vida diária de casos em que chamamos determinada pessoa de ingrata, pois de acordo com nosso entendimento, fazemos tudo que está a nosso alcance para agradá-la, e tudo que fazemos é encarado por ela como nada mais que obrigação de nossa parte. Ao mesmo tempo que, às vezes, outras pessoas fazem muito menos por esse indivíduo, e êle parece maravilhado pelo que foi feito. Apesar de reconhecermos esse fato, continuamos nos esforçando por conseguir a simpatia daquele semelhante, como se existisse alguma coisa no nosso interior, como um sentimento de responsabilidade, que nos força a continuar tentando sempre a sua aprovação.

Se esta pessoa faz parte de nosso círculo familiar, uma maneira mais abrangente de entendermos essa situação poderia ser através do carma. Em um escopo pequeno, o da nossa vida atual, poder-se-ia pensar que esta pessoa é realmente ingrata, pois nada que fazemos parece furar o bloqueio natural que aparentemente existe entre este indivíduo e nós. Quando nos utilizamos do conceito de resgate, podemos pensar que essa armadura impenetrável nada mais é que um sentimento que este indivíduo nutre, devido a uma ação realizada por nós em vida passada, a qual gerou consequência negativa a este próximo. A sabedoria e misericórdia Divina nos permitiu estar com êle no nosso nicho familiar, de

forma que pudéssemos, através do trabalho de resgate durante toda uma vida, transformar sentimento de animosidade em sentimento de amor fraterno.

Pergunta natural seria: “Se o carma é um trabalho de resgate, por que não nos lembramos então de nossas faltas e contra quem as executamos, de forma que pudéssemos mais facilmente identificar quando um relacionamento conturbado tem sua razão no carma, e conseqüentemente, nos embuir de paciência extra para o trabalho de resgate?”. A resposta para essa pergunta toma a conotação de pergunta. Poderíamos, realmente, do topo de nossas imperfeições e revolta contra um semelhante, que às vezes nos causou conseqüências seríssimas com seus atos no nosso campo emocional e mental, passar por cima de todo esse rancor, e trabalhar junto a esse indivíduo, na obra de resgate mútuo? Ou será que, provavelmente, explodiríamos em cólera, mais uma vez, se tivéssemos recordação completa da atitude que precisamos perdoar? Mais uma vez, a sabedoria infinita de nosso Pai Misericordioso, nos dá mais uma prova de seu amor através da apresentação de situações de testes, à medida que nosso estágio de evolução possa compreender, nunca nos proporcionando expiações que não tenhamos ainda condições de enfrentar.

Com esse conceito em mente, pode-se entender o porquê do nosso mestre Jesus nos ter pregado o amor ao próximo como um caminho para a felicidade, através da máxima: “Fazei a seu próximo tudo o que desejardes seja feito para vós...”. Uma vez que nos desviamos desse código de conduta e executamos contra nosso próximo, ações que são opostas a esta idéia, um relacionamento cármico é criado, o que nos forçará a seu correspondente resgate, seja na encarnação atual, seja em uma próxima. Como foi colocado previamente, a encarnação é laboratório de aprendizado para nossa própria evolução; pode-se pensar então que, resgates de carmas passados seriam como tarefas extras que nos desviariam do trabalho evolucionário; ou, de forma análoga, um trabalho extra que precisamos executar, muitas vezes inserindo dificuldade adicional no nosso caminho quando encarnados. Felizmente, tudo que passamos pode ser convertido em oportunidade de aprendizado, inclusive relações de resgate. Podemos aproveitar a oportunidade, através das dificuldades apresentadas durante o trabalho de resgate, para gravarmos em nossas mentes as conseqüências que serão geradas a partir de ações, muitas vezes impensadas, que praticamos contra nosso próximo, e galgarmos assim degraus em nosso caminho evolutivo.

O Pecado Original

Algumas religiões criadas pelo homem, apresentam o conceito de pecado original. De acordo com essas religiões, nascemos com o chamado pecado original, que segundo essas crenças, tem origem no ato sexual dos nossos pais gerador de nossa concepção.

Algumas perguntas podem ser apresentadas com relação a esse conceito: Jesus não nos falou para crescermos e multiplicarmos? Não é o ato sexual a única forma de reprodução de nossa espécie? Estaria ele nos dando um conselho e ao mesmo tempo criando para nós

um pecado? Imaginemos que isso seja realmente um pecado; se pensarmos mais uma vez na justiça de nosso Pai, teria sentido lógico um indivíduo herdar um pecado que foi cometido por uma outra pessoa, ou nesse caso por duas outras pessoas? Se isso faz sentido, qual seria a diferença entre herdar o pecado da concepção e herdar qualquer outro tipo de pecado? Poderia eu, então, pagar por um crime que meu pai ou mãe cometeram? E com relação ao carma como colocado na seção anterior; poderia um filho então executar trabalho de resgate pelo pai? Faria sentido a obtenção de perdão pelo filho, que na verdade, não foi quem executou a ação?

A noção de pecado original não é totalmente absurda, quando se olha através do ângulo de carma, reencarnação e evolução. Todos nós, quando nascemos, carregamos o resultado de nossas ações, executadas em todas as nossas vidas passadas. Sabemos que, como ainda estamos galgando os degraus evolutivos, muitas dessas ações, geraram consequências negativas a algum de nossos semelhantes. Essas ações, como foi colocado anteriormente, podem ser denominadas pecado. Como, então, carregamos esses pecados conosco de uma ou mais vidas anteriores para a vida atual, quando nascemos, podemos chamar esses pecados de pecados originais, uma vez que estes foram gerados anteriormente ao nosso nascimento.

Lei de Causa e Efeito

Como foi colocado anteriormente e exemplificado nas seções anteriores deste capítulo, uma das bases da doutrina Espírita está na responsabilidade que cada um de nós possui com relação à nossa própria felicidade. Responsabilidade esta que nasce do fato de que, apenas nós, e ninguém mais, podemos julgar os nossos próprios atos e determinar as atitudes futuras que devem ser tomadas para obtenção do perdão. Perdão este que, em tempo, servirá como elixir salutar que trará equilíbrio e paz para a nossa consciência.

Pode-se encarar este conceito como a máxima forma de liberdade, uma vez que não reportaremos à ninguém mais, que à nossa própria consciência, pelos crimes e faltas que cometemos durante as nossas várias existências. Mas, justamente por esse fato, é que sabemos que não conseguiremos abrandamento de nossas penas, uma vez que não teríamos como prestar falso testemunho, no tribunal da justiça de nossa consciência. Nós somos os únicos indivíduos a entender completamente as nossas motivações durante a execução de um ato, e a tentativa de escape da responsabilidade por estes mesmos atos é vã, já que não conseguimos enganar a nós mesmos, nas profundezas da consciência.

Ao mesmo tempo, uma pergunta a ser feita, seria: “E se simplesmente não nos afetamos, na nossa consciência, pelos crimes que cometemos? Estaríamos livres do tribunal de justiça neste ponto?”. A resposta é negativa. Se em um determinado momento em nosso caminho evolucionário, simplesmente varremos as nossas faltas para debaixo do tapete da consciência, à medida que subimos a escada evolucionária, invariavelmente entenderemos que o único caminho é o da caridade e do amor ao nosso próximo, como definido no molde traçado pelo Mestre Jesus. Neste momento de revelação, aquele tapete

que guarda ainda toda a sujeira do passado será retirado, uma vez que, muitas vezes, a pessoa que atira a pedra esquece do fato, mas aquele que recebeu a pedrada pode não ter esquecido ou superado. A partir daí, nossa consciência passará então a nos cobrar o ônus pela omissão de outra época.

A física conhecida pelos cientistas da modernidade tem como postulado que, a toda ação corresponde uma reação, ou, em termos mais generalizados, para todo efeito, existe uma causa que o gerou. Esse postulado pode ser expandido para relacionamentos sociais da mesma forma, uma vez que, utilizando-se mais uma vez da metáfora da pedrada, o ato de atirar a pedra deixará hematoma localizado no corpo de quem a recebeu. Esse hematoma desaparecerá mais ou menos rapidamente, baseado no metabolismo do agredido. No campo mental e emocional, atos impensados podem deixar marcas muito mais profundas que a pedrada no corpo físico, e a cura de quem a recebeu estará diretamente ligada ao estágio evolucionário no qual o indivíduo se encontra no momento do recebimento da ação, que pode ser entendido como o metabolismo mental da pessoa agredida. A consequência será mais ou menos grave, dependendo da postura em que este indivíduo se coloca com relação a questões morais. Sentimento de vingança pode ser gerado em seres ainda subindo a escala evolutiva, ao mesmo tempo que, sentimento de caridade para com a pessoa ainda ignorante ao agir desta forma, é gerado em indivíduos que já entendem os conceitos do Mestre, relacionados ao amor ao próximo. Um exemplo dessa afirmação pode ser encontrado no próprio momento da crucificação quando Jesus, ainda que, no estágio máximo de seu indeferível sofrimento físico, orou ao Pai de Misericórdia para que nos perdoasse, pois claramente não sabíamos o que estávamos fazendo. Seria perfeitamente compreensível se Ele, no momento derradeiro, decidisse evocar seu exército para a aplicação da justiça; mas, pelo contrário, resignou-se com seu destino com relação a seu corpo físico, assim como um pai que enxerga um filho em idade tenra cometendo atos sem sentido e impensados, nutre sentimento de amor incondicional, que o empurra ao ensinamento e não à cólera.

Uma vez que absorvamos todos esses conceitos, tornam-se naturais e claros os ensinamentos de nosso Mestre, que pregam basicamente o amor ao próximo, sendo todos os outros ensinamentos, colorários deste primeiro. Pois, como podemos provavelmente observar em nosso próprio dia-a-dia, ações e sentimentos voltados para o bem, geram efeitos positivos, como por exemplo, amizade e gratidão; ao mesmo tempo que sentimentos malévolos geram nada mais que afastamento ou mesmo sentimento de vingança como seus efeitos.

Capítulo 7 - Inferno, Paraíso e Purgatório

Alguns dos conceitos que acompanham a humanidade através do tempo são as noções de inferno, paraíso e purgatório.

Independentemente da religião que abordamos, esses três conceitos aparecem com nomes diversos, mas sempre presentes como partes integrantes dessas crenças.

Este capítulo visa o detalhamento desses conceitos à visão da Doutrina Espírita. Cada uma dessas idéias será apresentada em seções individuais, iniciadas através da apresentação da visão tradicional mais aceita publicamente e seguida pela explicação proposta pelo Espiritismo.

Inferno

A imagem de inferno que é publicamente aceita, é a de um local, baseado nas profundezas da Terra, comandadas por um chefe maligno, conhecido por vários nomes, onde torturas inenarráveis são aplicadas durante toda a eternidade, àqueles que não foram aceitos no paraíso. Ainda, o diabo é aquele que luta contra Deus, diretamente, pelo controle do nosso mundo, desejando a injeção do mal entre os homens. Enquanto Deus, em contrapartida, deseja que o mundo seja banhado por sentimentos apenas do bem. Essa luta nunca é vencida por nenhuma das partes, e ainda mais, é o que mantém o equilíbrio entre o bem e o mal. Uma vez que a alma chegue ao inferno, esta pertence ao Diabo, sem nenhuma possibilidade de salvação.

Partindo-se desta alegoria, podemos então analisar cada uma das características do inferno figurado, separadamente. Primeiramente, sua localização: as profundezas da Terra. A ciência moderna já não conhece todas as camadas do globo Terrestre? Se o inferno realmente se encontra em uma dessas camadas, não seria possível que algum desses estudos exploratórios, conduzidos pelos nossos cientistas, já não tivesse encontrado sua localização? Não seria esta localização uma associação, por parte dos homens, na tentativa de entender o conceito, baseado no conhecimento limitado que ainda possuem sobre a vida pós-túmulo? Não faria sentido a associação do postulado “E assim as almas condenadas queimarão no fogo eterno do Inferno”, por parte da humanidade, com o conhecimento de que a temperatura ambiente aumenta à medida que se caminha em direção ao centro da Terra?

O Espiritismo prega que existem diversas faixas de atuação dos espíritos em seus estados desencarnados, que são uma reflexão direta do estágio evolucionário de cada um deles. O termo utilizado pela Doutrina é a chamada “faixa vibratória”. Em maneira simplística, seria o equivalente a entender que pessoas endinheiradas moram em vizinhanças nobres da cidade, enquanto pessoas pobres moram em áreas correspondentemente pobres e muitas vezes perigosas. Dentro de nossa realidade Terrena, o agrupamento se dá através

de posses financeiras, onde, ricos podem morar tanto em áreas pobres, quanto naquelas que estão dentro de sua capacidade financeira; e também em áreas intermediárias: não tão pobres quanto às áreas mais pobres, e não tão ricas quanto às mais abastadas, mas ainda dentro de suas possibilidades.

No mundo espiritual, ou seja, quando estamos em estado desencarnado, a riqueza é a nossa bagagem moral e intelectual, e o agrupamento se dá, portanto, através da cadeia evolucionária, onde espíritos em semelhantes estados de evolução se agrupam em faixas vibratórias que lhes são correspondentes. Espíritos mais evoluídos podem descer de padrão vibratório para ocupar, temporariamente, faixas de vibração mais baixas, ou mais densas, utilizando-se a linguagem do espiritismo, em missões de auxílio, caridade e ensinamento para os espíritos habitantes destas áreas inferiores. Ao contrário, espíritos menos evoluídos não se encontram livres para residirem em faixas vibratórias ocupadas por outros espíritos em grau evolucionário mais elevado.

Este conceito se torna muito lógico, desde que a ordem se mantenha, ou seja, espíritos que ocupam uma mesma faixa vibratória, possuam, de forma geral, igual nível de evolução moral. Como a ordem é uma das bases para o trabalho de aprendizado e caridade, seria realmente incompatível pensar em um espírito, ainda nos primeiros degraus evolutivos, cheio de imperfeições e sentimentos de ordem ainda inferior, convivendo entre espíritos de ordem superior, onde apenas o sentimento de amor é encontrado. Este menos evoluído desbalancearia a ordem vibratória da comunidade.

Com o conceito de faixas vibratórias em mente, torna-se imediata a associação do chamado inferno com uma faixa vibratória ocupada por espíritos ainda nutrindo sentimentos de ordem grosseira, como vingança, raiva, ciúme e apego aos bens materiais. O que isso significa em termos práticos, é que sua localização não se encontra em camadas inferiores da Terra propriamente ditas, como é acreditado através da interpretação literal dos textos bíblicos, mas em faixas vibratórias inferiores. O Espiritismo associou um nome a essas faixas vibratórias inferiores: o Umbral.

Convertamos a atenção agora à figura do Diabo. O conceito de Diabo é o de uma entidade de maldade infinita, que é a contraparte de Deus; sendo Deus a bondade infinita. Um outro postulado aceito por todas as religiões é que Deus é único e criador de todas as coisas. Partindo-se deste postulado, que aceitamos como verdade absoluta, como expandido no capítulo “A Existência de Deus”, apresentam-se alguns paradoxos: Se Deus é o criador de todas as coisas, ele então criou o Diabo. A pergunta seria: por que Deus criaria uma entidade de maldade infinita, que naturalmente se voltaria contra ele? Uma corrente acredita que o Diabo foi inicialmente um anjo que se rebelou contra Deus e resolveu criar o império do mal, que se dedicaria à luta contra o bem. Se o Diabo possui maldade infinita, não nos parece uma contradição que Deus permitisse que uma entidade desse calibre pudesse ter sido anjo um dia? Se ele foi um dia anjo, significa basicamente, que foi um dia voltado para o bem. Se existiu dentro dessa entidade a chama do bem, automaticamente, ela não é composta de maldade infinita. Uma outra contradição seria: não criou Deus todos à sua semelhança? Se isso é realmente fato, juntamente com a outra verdade que diz ser Deus o criador de todas as coisas, chegaríamos à conclusão que Deus

criou o Diabo não à sua semelhança, pois o Diabo é, teoricamente, de maldade infinita. Como se explicaria então a existência de uma entidade fundamentalmente malévola? Mais ainda, qual seria o motivo que levou Deus a criar uma entidade com essa característica?

A partir dessas contradições, pode-se chegar à conclusão que o Diabo em si, na figura alegórica apresentada hoje, não existe. Mais uma vez, pode-se pensar que o homem resolveu criar uma associação para o conceito de Diabo. O conceito de Diabo é o de um algoz, que aplica punição terrível àquele que não foi capaz de entrar no reino dos céus. Foi visto em capítulo anterior que nossa consciência é nosso juiz, baseado na lei de causa e efeito. Como sabemos que nossa consciência não pode ser nunca enganada, ela se torna de fato nosso maior algoz. Em consequência disso, existe, sim, um carrasco punitivo, a nossa própria consciência. Uma vez que a faixa mental, nada mais é que a faixa vibratória que reflete nosso estágio evolucionário, o Diabo que puxa a alma para o inferno, é a nossa mente, que nos coloca na faixa vibratória correspondente ao chamado Umbral, como visto anteriormente.

Analisemos agora as torturas aplicadas às almas residentes no inferno: Não seria o fogo eterno do inferno ainda uma outra alegoria criada pelo homem, pois a dor da queimadura no corpo físico é de fato uma das piores conhecidas pelo homem? Não se pode, então, traçar um paralelo de forma que se associe as dores da consciência, como uma dor insuportável, comparável apenas à dor do fogo que queima a carne do corpo? E com relação à tortura propriamente dita, não pode esta também ser o resultado alegórico do sofrimento que é carregado por todos que se encontram nessa faixa vibratória?

Voltemos o foco agora para a parte que abrange as torturas eternas. Mais uma vez, a pergunta que pode ser feita, também aplicável a este assunto, e que por si já foi apresentada no capítulo referente à reencarnação, é a seguinte: Seria compatível com a bondade infinita de Deus permitir que as almas de seus filhos sofressem por toda a eternidade? Dentro dessa hipótese, teríamos apenas uma chance de conduta, e uma vez que errássemos, estaríamos condenados para todo o sempre? Isso vai contra o conceito de reencarnação apresentado em capítulo anterior, e é paradoxal quando se analisa a bondade infinita de nosso Pai. Não teria sido esse conceito de sofrimento eterno introduzido pelas religiões do homem, como uma forma de manipulação que pudesse ser aplicada aos fiéis, através do medo de futuro tão aterrador e irreversível? Utilizando pensamento lógico, dentro de alguns dos próprios conceitos apresentados por essas mesmas religiões, a imagem de tortura infinita da alma e banimento para todo o sempre da terra prometida é contraditória com a idéia de Pai Misericordioso, e a de que só o amor constrói, proposto pelo Mestre Jesus.

Apresenta-se ainda outro postulado onde Deus é Todo Poderoso, e se coloca do lado do bem, enquanto que o Diabo se coloca do lado do mal. Deus realmente sendo todo poderoso, como pode lutar contra uma entidade tão poderosa quanto ele sem que nunca triunfe? Se existisse realmente essa entidade maligna, que luta contra Deus diretamente no caminho do mal, esta seria criação sua, e como tal, não pode ser tão poderoso quanto o Pai. Não sendo tão poderoso quanto o Pai, essa chamada luta eterna não pode ser nada

mais que mais uma figuração criada pelos homens, uma vez que nenhuma luta, propriamente dita, contra o Todo Poderoso teria qualquer chance de sucesso, ou mesmo duraria mais que um milissegundo.

A maneira pela qual o Espiritismo encara essa luta entre Deus e o Diabo, nada mais é que a batalha interior contra nossas próprias imperfeições, que nos tira do caminho evolucionário, o qual nos leva ao encontro de Deus.

Dentro deste mesmo tema, a luta entre Deus e o Diabo, como sendo o que mantém o equilíbrio entre o bem e o mal na Terra, é colocada pelas religiões dos homens, quase que como uma necessidade para a manutenção da ordem na Terra. Esta maneira de pensar indica que o balanço entre o bem e o mal seria uma causa, onde o efeito se encontra na manutenção do equilíbrio. Uma maneira mais lógica de raciocínio seria o entendimento de que a mistura entre o bem e o mal na Terra é um efeito, e sua causa seria os vários e diferentes níveis de evolução que os espíritos, que aqui encarnam, trazem consigo. Temos espíritos vindos desde as profundezas do Umbral, passando por espíritos em estágio de evolução intermediário, chegando a outros que já não, necessariamente, precisariam encarnar neste mundo com fins evolucionários; mas que assim o fazem com missão de paz ou progresso científico para a melhora do planeta. Vimos em outros capítulos que essa mistura de níveis evolucionários proporciona, dentre outras coisas, oportunidade de aprendizado para nossa própria evolução, e evolução de todos os outros espíritos encarnados na Terra.

Como se pode notar, a idéia de inferno é alegórica, criada pelo homem, mas que não pode ser dispensada ou associada à pura imaginação. O conceito de sofrimento dos espíritos que se colocam nessa faixa mental específica quando desencarnados, existe de forma inata, tão forte e acesa, que quando encarnados criam essa imagem, aceita pela grande maioria dos homens. As religiões mundanas adicionaram algumas figuras extras a essas alegorias, as quais quando analisadas através da lente da lógica não dogmática, apresentam inconsistências concretas, que muitas vezes foram colocadas de forma a reforçar interesses dessa massa religiosa, a fim de cegar os fiéis para que pudessem ser mais facilmente manipulados.

Purgatório

A imagem popular que se tem do Purgatório é a do lugar onde habitam as almas que não são totalmente malévolas a ponto de serem banidas para o inferno, e nem totalmente boas a ponto de atingirem o paraíso. Essas almas passam por tormentos de forma temporária e indefinida, e o resultado dessas torturas vai ditar o destino final delas; ou são banidas de forma definitiva e eterna para o inferno, ou aceitas no paraíso para contemplação beatífica até o final dos tempos.

Tomando-se emprestado o conceito dos vários planos vibratórios, mais uma vez, pode-se dizer que os espíritos se encontram em estado constante de purgatório, e à medida que sobem na escala evolucionária, através do aprendizado e colocação em prática da idéia de que o único caminho é o do amor e da caridade, vão se livrando de suas próprias amarras mentais, e caminhando na estrada que leva à verdadeira felicidade. O conceito de purgatório como sendo o estágio intermediário entre a salvação ou condenação é aceito pelo Espiritismo, mas o caráter definitivo dado pelo resultado do purgatório é que não se alinha com a Doutrina. Mais uma vez, esse caráter determinante e irreversível é contra-intuitivo e contrário à bondade infinita de nosso Pai.

O purgatório segundo a Doutrina Espírita, é o conjunto de provas e expiações a que todos estamos sujeitos, durante o nosso caminho evolucionário. Seria como o dia da prova escolar depois de períodos de estudos, para verificação da absorção dos conhecimentos sobre os temas abordados. Foi observado anteriormente em outros capítulos, que a vida encarnada na Terra é ferramenta fundamental para nossa evolução; evolução esta que se dá a partir do aprendizado alcançado através das nossas observações enquanto nessa vida. Também foi mencionado que o sofrimento que passamos, está diretamente relacionado com a maneira pela qual encaramos a vida. Se a vida corpórea é o nosso foco principal, qualquer pedra no caminho que atrapalhe os nossos objetivos materiais se torna uma montanha intransponível. À medida que, a nossa consciência entende que o espírito é eterno, a vida encarnada nada mais é que laboratório para nosso aprendizado e que o único caminho é através do Mestre Jesus. Como dizia o próprio Profeta, nossa fé removerá as montanhas das dificuldades materiais e de aprendizado, e nossos sofrimentos aos poucos serão confundidos com desconfortos momentâneos, e, em tempo, desaparecerão por completo.

O pensamento acima sugere que a própria vida na Terra faz parte de nosso Purgatório, pois apresenta dificuldades e sofrimentos que serão utilizados para nossa purificação. Mais abrangentemente, o Purgatório é expandido também para a vida pós-túmulo, enquanto não atingimos maiores estágios de evolução, pois a nossa consciência continuará carregando o peso dos erros cometidos durante nossas vidas na Terra.

Com isso, o Purgatório na verdade é um outro estado mental, como o é, o Inferno. No purgatório, os espíritos já possuem certo nível de evolução, de forma que aceitam que seus erros do passado, que os deixaram imersos no Umbral por determinado tempo, devem ser corrigidos e suas faltas para com o próximo precisam ser reparadas. O sofrimento nesse estágio se dá basicamente através do remorso pelas atitudes tomadas, que foram contrárias ao caminho mostrado pelo Mestre Jesus.

Paraíso

A imagem de paraíso, que é passada de geração a geração, é a de anjos cantarolando hinos ao Pai altíssimo em contemplação beatífica durante toda a eternidade.

Dependendo de para quem se coloque essa imagem como prêmio de boa conduta, essa recompensa pode ser entendida como punição. Imaginando pessoas de personalidade ativa, as quais claramente preferem o trabalho contínuo à inércia beatífica, que a figura de paraíso descrita sugere, não nos surpreenderia se essas pessoas se apresentassem decepcionadas com o que deveria ser seu prêmio. Para elas, a inatividade seria tortura das mais terríveis, e não obstante, provavelmente prefeririam, se tivessem opção de escolha; o não embargamento a um lugar que promovesse a preguiça.

Não coincidentemente, as pessoas que fazem do trabalho contínuo sua maneira de viver e agir, sempre procurando aprendizado de novos assuntos e auxiliando seus irmãos de jornada, são as que estão seguindo o caminho ditado pelo Mestre, e conseqüentemente, a estas pertence o reino de nosso Pai Celestial. Apresenta-se assim, mais um paradoxo para nossa análise.

Seria realmente um prêmio, a residência durante toda a eternidade, em um lugar que não nos estimulasse intelectualmente e moralmente? Faria realmente sentido todo o esforço e trabalho necessários para caminharmos na estrada que nosso Mestre Jesus nos mostrou, em direção ao amor ao nosso próximo, para simplesmente ficarmos em inatividade perpétua? Não nos parece um desperdício de potencialidade deixar de utilizar as almas que foram escolhidas no Reino do Pai como outros membros do exército de Sua paz, principalmente estas que seriam os generais desse exército devido às suas altas qualidades morais e intelectuais?

Mais uma vez, utilizando-se da análise dos vários planos vibratórios, o Espiritismo acredita que o Paraíso, nada mais é que o plano vibratório onde residem os espíritos que alcançaram nível de evolução no qual, executam de forma inata e natural, os ensinamentos de Jesus. Para estes espíritos, a verdadeira felicidade foi encontrada, pois a eles já não afetam as imperfeições corriqueiras a que nós ainda estamos imersos, e possuem consciência verdadeiramente livre de remorsos trazidos por suas faltas do passado, faltas estas que já foram propriamente corrigidas e resgatadas.

Estes bons espíritos escolhem então suas missões e tarefas a serem executadas, de acordo com seus interesses, mas sempre baseadas no amor ao próximo. Suas existências são plenas, contrariamente a noção de inatividade beatífica. A felicidade para eles está no fato de serem úteis a seu próximo e a Deus.

Transição entre Inferno, Purgatório e Paraíso

Foram apresentados os conceitos de inferno, purgatório e paraíso na visão da Doutrina Espírita. De forma resumida, entende-se que cada um desses três termos, assumidos por várias religiões como locais determinados, onde almas passam a habitar durante sua vida

no pós-túmulo, são, na verdade, segundo o Espiritismo, estados mentais em que os espíritos se encontram, e que refletem o seu estágio evolucionário momentâneo.

Um outro conceito, que deve ser repetido aqui, é o de que nenhum destes estados mentais é tão permanente quanto a eternidade pregada pelas religiões dos homens. A misericórdia de nosso Pai nos proporciona ferramentas e oportunidades para nosso progresso e evolução. Ninguém se encontra condenado perpetuamente aos sofrimentos estarrecedores do inferno, ou a estágio intermediário e indeterminado do purgatório, ou à contemplação preguiçosa e de pouco uso, do paraíso, como proposto. Espíritos habitantes do Umbral, ou inferno como é mais comumente conhecido, podem a qualquer tempo, deixar esse plano de sofrimento, e passar a uma faixa vibratória menos angustiante. Ao mesmo tempo, espíritos que residem em faixas vibratórias intermediárias, estão livres para galgar passos ao encontro do chamado paraíso, cada um a seu tempo e na sua velocidade própria.

A pergunta mais natural que se pode propor nesse ponto é a seguinte: como se dá essa transição entre os vários planos vibratórios ou faixas mentais? Mais uma pergunta cuja resposta, apesar de curta e aparentemente simples, possui conotação muito profunda. A maneira pela qual se consegue galgar passos dentro das várias faixas vibratórias é através da reforma interior.

A reforma interior é o processo pelo qual aceitamos verdadeiramente o caminho traçado pelo Mestre Jesus através de sua palavra nos nossos corações, e a partir daí, todas as nossas ações serão uma reflexão dessa palavra. Na realidade, o paraíso, ou felicidade verdadeira, são alcançados quando nossas ações, pensamentos e sentimentos, de forma inata e natural, tornam-se exemplos de aplicação prática nos quais se identificam as palavras do Mestre. Quando o Mestre nos falou que “Ninguém chega ao Pai senão por mim.”; e que “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”, ele nos estava dizendo que seus ensinamentos são o modelo a ser seguido, por todos nós, para o alcance da verdadeira felicidade.

Capítulo 8 - Objetivo Maior

Independentemente de crença, raça, posição social ou sexo, existe um forte consenso com relação ao que desejamos de forma inabalável: felicidade. A felicidade é sem dúvida o nosso objetivo maior, e sua procura é fundamentalmente o que nos motiva durante nossas atividades diárias, planos futuros e aspirações.

Uma das grandes questões é: o que é a felicidade? Nós, espíritos ainda imperfeitos, e em evolução, temos, cada um de nós, os nossos próprios conceitos com relação ao que nos trará a felicidade.

Aqueles que ainda se encontram presos aos bens materiais, como as riquezas da vida encarnada, acreditam que sua felicidade será alcançada através do acúmulo desses bens durante sua vida na Terra. É comum dizermos que quanto mais riquezas temos, mais ainda queremos; e vemos que esse ditado encontra exemplos práticos em várias pessoas de nosso círculo de conhecimento. É natural vermos indivíduos que, quanto mais conseguem acumular, mais avarentos se tornam, no ímpeto de chegarem a um objetivo numérico, que nem eles mesmos entendem por certo qual é. Durante seu caminho de acúmulo, muitas vezes pisam em tudo e todos que se encontram em sua trajetória egoística, no intuito de não permitirem que nada os separe de seu destino: a riqueza material.

Muitas dessas pessoas apresentam o argumento de que adotam esta cruzada não por elas, mas por seus familiares; e que o fazem apenas por amor a seus rebentos, pois desejam que não passem por necessidades financeiras quando seu provedor se for desta vida. Muitas das vezes, cegam-se a tudo que não seja o trabalho de acúmulo de bens por toda sua vida, gerando sentimento de desprezo de seus familiares, que não mais o reconhecem como patriarca da família, mas apenas um provedor. Os laços familiares se tornam, com o passar do tempo, cada vez mais enfraquecidos, até desaparecerem por completo. Ao final de suas vidas, tristeza avassaladora lhes invade o coração, pois, mesmo que tenham sido bem sucedidos em seus projetos financeiros, são paupérrimos no campo do afeto, até mesmo por parte de seus entes queridos. Não souberam saborear os momentos de simplicidade ao lado de seus filhos ainda cambaleando os primeiros passos. Não passaram pelas dores de os verem doentes e pela alegria de os verem vencer essas doenças. Não lhes ensinaram os primeiros números da tabuada, e não os viram graduar na escola. Não lhes deram conselhos com relação a relacionamentos interpessoais; não lhes falaram das dificuldades da vida, e nem também de sua maravilha intrínseca. Não lhes falaram de quão belo é o amor, e de que o único caminho é o desse amor. Não lhes ensinaram as primeiras orações; não lhes falaram nem da natureza e nem de sua perfeição; nem lhes falaram que somos todos irmãos, filhos de um só Pai, todo misericórdia e amor. Não expressaram seus sentimentos de amor pelas suas esposas, não falando suficientes vezes que as amam e que seus trabalhos são tão ou mais importantes que o trabalho remunerado. Nunca lhes disseram que elas são as rochas de sustentação do núcleo familiar, e que sem elas, eles certamente falhariam. Estes, passaram pela vida com um único sentimento, o de orgulho próprio, e falharam; como maridos, pais e pessoas.

O fato dessas pessoas nunca se sentirem saciadas, durante suas vidas, com os valores que conseguiram acumular é uma prova de que a felicidade verdadeira não se encontra na reunião de bens, e que no seu âmago, ainda procuram por uma coisa que não sabem o que é. Elas, em seus subconscientes, entendem que essa luta por acúmulo de bens nada mais é que frugal efemeridade, e que a felicidade ainda está lá fora, a ser alcançada. Para eles, a contínua busca por mais bens, nada mais é que uma substituição inconsciente da verdadeira luta: a procura da felicidade; que não está arraigada aos bens deste mundo, e que, ou por ignorância ou simples leviandade, por eles não foi buscada.

Aqueles, que estão um passo adiante dos indivíduos que procuram incessantemente riquezas Terrenas, e conseqüentemente, entendem que existe um algo mais que bens materiais, procuram o alento e conforto na religião dos homens. Já é um passo à frente. Mas, a natureza humana ainda busca o caminho mais fácil. Com isso, as religiões mais procuradas são aquelas que não pregam que todos somos responsáveis pelos nossos atos. A maioria dos homens sente alívio quando lhes é dito que todos seus pecados foram perdoados, uma vez que repitam palavras, algumas vezes, em forma de oração. Sentem-se livres para viver sua vida de forma irresponsável, já que sabem que, Domingo próximo, tudo que fizeram durante a semana lhes será perdoado novamente, de forma instantânea e sem esforço.

Estes, também, em tempo, sentirão o peso de suas ações em suas consciências, e o chamado perdão de Domingo não será mais suficiente, como alívio de suas almas. Começarão a buscar em outras religiões, o que agora lhes falta na atual. Como continuam a busca através de religiões superficiais, que não promovem a reforma interior, nunca acham consolo nas seitas dos homens, e conseqüentemente, não encontram a verdadeira felicidade. Como os materialistas, sua procura pela felicidade se encontra focalizada fora de suas consciências, onde também não serão bem sucedidos.

O Espiritismo propõe, antes de mais nada, a reforma interior, como explicada anteriormente. Como foi dito, a reforma interior, de forma simplística, nada mais é que o reconhecimento de nossas imperfeições e áreas com potencial para melhora, seguido de aceitação dessas imperfeições de forma que não nos revoltamos contra nós mesmos; e da constante busca de melhora ou conserto dessas falhas através do trabalho e esforço próprios. Esse é o resumo do trabalho de evolução. Temos o gabarito de comportamento nas palavras do Mestre. Sabemos onde nos posicionamos com relação a este molde, que nos é dado através do autoconhecimento de nossas falhas; e, através da análise da diferença dada, entre onde estamos e onde devemos estar, nós mesmos traçamos o nosso plano de melhora, ou, utilizando palavras do Espiritismo, planejamos a nossa carta de vida.

A carta de vida, é o plano que contém os tipos de experiências que precisamos passar durante nossa vida encarnada. Dependendo de qual ou quais falhas achamos que nos encontramos em condições de acertar na encarnação próxima, um conjunto específico de experiências nos serão apresentadas durante nossas vidas, que nos permitirão tomar as devidas atitudes que nos ajudarão no trabalho de correção dessas falhas. Por exemplo, se

o apego a bens materiais é a falha que precisamos melhorar no momento, podemos encarnar em um lar que sofrerá dificuldades financeiras, para que possamos entender que a felicidade não está relacionada a estes bens. Se nos consideramos uma pessoa orgulhosa, poderemos passar por várias situações durante nossas vidas aqui na Terra em que nos humilharão, para que possamos entender que todos somos iguais perante aos olhos do Pai. Todas as provas que nos são apresentadas durante nossas vidas encarnadas, então, são escolhidas por nós, para que possamos trabalhar os diferentes ângulos de nossas imperfeições. A partir desse conceito, felicidade parcial é encontrada à medida que superamos cada uma dessas falhas; e a felicidade verdadeira é alcançada quando finalmente vivemos em completo alinhamento com os preceitos que nos foram passados pelo Profeta Jesus.

Espiritismo é então, também religião, pois trata a vida após túmulo como todas as outras religiões dos homens. No entanto, uma diferença fundamental entre esta e outras religiões se encontra no fato do Espiritismo não se declarar dono da verdade. Para o Espiritismo, feliz é aquele que consegue iniciar e seguir no processo de reforma interior, independentemente de seu credo e religião de preferência. O interesse principal da Doutrina não é o de recrutar fiéis a todo custo, como muitas das religiões dos homens atuam. O que a Doutrina oferece é um conjunto de informações que podem e devem ser utilizadas pelos homens, para que mais facilmente iniciem seus processos de reforma interior. Chama-se bom espírita, não necessariamente aquele que carrega a bandeira da religião Espírita; mas aquele que segue os ensinamentos do Bom Pastor, independentemente se este chama sua maneira de agir de Espiritismo, Catolicismo, Budismo, Taoismo ou Muslanismo.

A reforma interior é processo que não pode ser imposto, e ao mesmo tempo, entende-se que é sinônimo de evolução. A liberdade de ação e o livre arbítrio são os maiores postulados da Doutrina. A lei de causa e efeito, como foi vista, deve ser entendida por todos como infalível, o que significa que, com a liberdade vem a responsabilidade de saber-se que todo ato gera consequência; e que toda consequência possui um responsável.

Em toda religião, existem sempre aqueles que tentam tirar proveito próprio utilizando-se da fé de seus seguidores. Como o próprio Mestre nos falou: “Orai e Vigiai”. Ou seja, esteja de mente aberta para a fé, mas esteja também sempre vigilante, utilizando-se do crivo da razão e da lógica. Julgue a moralidade do grupo de trabalho pelos frutos do trabalho, não apenas pelas palavras oratórias de seu condutor. Mantenha sempre em mente que Espiritismo é mais que religião, é também filosofia e ciência, e como tal, baseada na lógica. Mais uma vez, o verdadeiro espírita é aquele que segue a palavra de Jesus.

Lei do Progresso Moral e Científico

Definimos o que a evolução significa em termos simplísticos. Em escopo mais amplo, a evolução não apenas se dá no campo moral do indivíduo, mas também no científico. Na verdade, não se pode separar um do outro, isto apenas está sendo feito para simplificar o entendimento da lei do progresso.

A lei do progresso nos diz que tudo evolui. Não apenas os indivíduos, como foi apresentado, mas também, vegetais, animais e até planetas. O Universo está sempre em movimento, sendo uma estrutura dinâmica, em escopo muito mais amplo que nossos cientistas modernos acreditam. Estes já identificaram que a galáxia se encontra em movimento expansivo, mas a dinâmica desse sistema possui complexidade muito mais avançada que um simples movimento de expansão.

De acordo com esse postulado, mundos que hoje possuem características ainda rústicas, em tempo, evoluirão a ponto de se tornarem lar de espíritos que se encontrem em faixa evolutória mais adiantada. Mesmo a Terra, que hoje é reconhecidamente local de provas e expiações para os espíritos que ainda lutam pelas suas reformas interiores, progredirá e passará a ser o lar de espíritos com nível de evolução superior ao atual. Quando Jesus nos falou que: “Chegada é a hora de separar o joio do trigo”, êle nos estava dizendo que a hora está próxima para que o planeta inicie o seu período de transformação. Logo, os espíritos que conseguirem progredir em suas reformas internas, a ponto de se colocarem na faixa evolucionária, em que a Terra estará posicionada após sua transformação, neste plano permanecerão. Aqueles que ainda lutam, mas sem o devido sucesso, serão devidamente realocados para outro mundo, que se transformará no novo planeta de provas e expiações, como a Terra o é hoje.

Quando se diz que o progresso científico não pode ser devidamente separado do moral, entende-se que, como na escola, matérias que os alunos entendem através do raciocínio, são muito melhor assimiladas que aquelas que são simplesmente memorizadas. Os assuntos memorizados apenas residem no cérebro até que um novo utilize este espaço de memória; enquanto que, o que foi entendido através do raciocínio, permanece armazenado.

No campo da evolução o mesmo ocorre. A ciência é utilizada para o entendimento dos motivos pelos quais atitudes morais devem seguir o caminho A ao invés do B. Uma vez que explicação não puramente dogmática é apresentada, nossa inteligência não é ofendida, e passamos a realmente compreender o motivo pelo qual precisamos agir de uma determinada forma. Um simples exemplo seria o do conceito de reencarnação. Como vimos em capítulo anterior, a reencarnação em si é a resposta para várias perguntas existenciais que não possuíam resposta no terreno da lógica.

Outras questões filosóficas, relacionadas com questões morais, que também não encontraram respostas, podem ser entendidas no terreno da ciência, o que, a partir desse momento, nos dá motivação extra para implementarmos o que o Mestre nos falou; não apenas por fé, mas agora também, pela base da ciência.

A Fé

Todas as religiões humanas pregam que a fé é o que nos move na execução de seus dógmas; a começar pela não contestação desses mesmos dógmas. Estas religiões pregam que tudo que elas nos passam, chegam diretamente de Deus, e por isso, se achamos que esses dógmas não se alinham com a lógica, ou se achamos inconcistências em seus preceitos, os falsos profetas nos dizem que somos homens sem fé.

O que seria então a fé? Podemos dizer que a fé não possui relação nem mesmo indireta com os dógmas religiosos, mesmo porque, esses dógmas foram criados por homens, e não por Deus. Mesmo para aqueles que se utilizam da Bíblia como sua base de orientação, os dógmas nada mais são que interpretações dos mandamentos, interpretações estas também realizadas por um ou mais homens, falíveis e imperfeitos como nós.

Fé não é religião, mas a certeza de que somos filhos do mesmo Pai, de bondade e misericórdia infinita. Que esse Pai, ao contrário desse ser distante que é pregado pelas religiões, só se faz distante quando assim o desejamos. Ele está em tudo e em todos, sempre. Vemos o Pai em cada milagre cotidiano, desde a abertura das pétalas de uma flor, até o nascer do sol e o nascimento de um bebê. No funcionamento perfeito da natureza, na qual todos os componentes executam função importante para sua unificação e funcionamento. Em um doente terminal que levanta e anda curado. Na pessoa que acorda de um coma de décadas e em uma outra que é atingida por um raio e morre.

Fé é amor. O amor do Pai que é sentido através de todas as oportunidades que nos são dadas para evolução. A bênção da reencarnação e do livre arbítrio. O trabalho. A caridade entre os irmãos. O sentimento de que todos realmente somos irmãos e parte de um mesmo todo. O sentimento de que enquanto uma única alma esteja perdida, felicidade completa não pode ser encontrada por todas as outras. O sentimento de unidade em que trilhões e trilhões de espíritos realizam trabalho importante e fundamental na obra de criação do Pai Misericordioso.

Fé é certeza. Certeza de que para toda noite há o dia, e de que para toda tempestade há o arco-íris e os pássaros que cantam. Certeza de que nós fomos criados à Sua imagem, e que, em tempo, também acordaremos para a verdadeira fé. Certeza de que nada é eterno, nem sofrimentos, nem dúvidas, nem pobreza, nem doença. Certeza de que a morte nada mais é que sono curto até o despertar na nossa verdadeira morada, junto dos nossos amados.

Fé é confiança. Confiança de que o bem sempre prevalece sobre o mal. Confiança de que inimigos do presente serão amigos do futuro. Confiança de que nossas imperfeições também são temporárias, e que serão, em tempo, transformadas em fortalezas. Confiança de que o único exército infalível é o exército da paz e da caridade; e de que suas únicas armas são as palavras do Mestre Jesus.

Fé é união. União que começa no seio familiar, eventualmente se expande até amigos, e finalmente incorporará cada alma existente no globo e no Universo. União que nos faz sentir protegidos e amparados, mesmo quando nos sentimos sós. União que carrega o enfermo no colo, e que mais tarde permitirá que o doente de hoje cure o doente de amanhã.

Fé é humildade. Humildade de sentirmos no fundo de nossos corações que todos nós somos verdadeiramente iguais. Os professores de hoje serão os alunos de amanhã. Os mais inteligentes são responsáveis pelos que ainda se encontram em caminho de aprendizado, pois no passado foram também ensinados. Humildade de reconhecermos que o trabalho é a ferramenta que nos leva para junto de nosso Pai.

Capítulo 9 - Escopo da Vida na Terra no Quadro Geral da Existência

Já foi colocado anteriormente que a Terra se caracteriza como lugar de provas e expiações; que é laboratório onde podemos utilizar nossas experiências e consequentes observações dessas experiências, como ferramentas para nossa evolução. Foi também mencionado que a evolução do cosmo não se restringe apenas aos seres da espécie humana, mas também é expandida para o coletivo, de forma que inclui povos e também mundos.

Como tal, podemos chegar à conclusão que a Terra, como organismo coletivo, se coloca em uma posição determinada no quadro geral evolutivo . Está à frente de outros mundos, habitados por espíritos ainda mais básicos que os que habitam o nosso globo; e obviamente, atrás de outros vários, que hospedam espíritos de inteligência e acuidade moral mais elevadas que as nossas no momento.

Como também foi mencionado anteriormente, o nosso molde de comportamento, ou mesmo, objetivo temporário de evolução, é o de alinharmos o nosso modus vivendum com a palavra de nosso Mestre Jesus. O sucesso virá quando começarmos a agir de forma inata, à maneira que Jesus nos ensinou , baseados nos conceitos de amor e caridade ao próximo; e quando nosso coração estiver completamente protegido de sentimentos que não sejam os do bem, de vaidade e orgulho, que são ferrugens que corroem o nosso espírito e as pedras que impedem que corramos no caminho sem nos machucarmos.

Nós, seres imperfeitos, que sabemos de nossas falhas com relação ao nosso molde de comportamento, podemos dizer que estamos à frente daqueles que ainda não despertaram sua inteligência para questões mais filosóficas como estas, e ainda nutrem apenas sentimentos rústicos, ligados à garantia de existência. Também, como é de se esperar, nos colocamos atrasados com relação a outros seres, que já trilharam o nosso caminho no passado, e hoje buscam objetivos mais elevados que os nossos.

Os seres atrasados com relação a nós, pertencentes a mundos que são compatíveis com seus estados de evolução, encarnam quase que continuamente, sem passarem por longos tempos na erraticidade, pois para eles, este estado lhes confundiria ainda mais os seus ideais basicamente materiais. Não compreenderiam este estado como parte de um todo existencial, pois a única coisa que compreendem são os instintos carnais de manutenção da espécie. Quando morrem seus corpos físicos, encontram-se em estado inconsciente à espera de sua próxima encarnação, para que continuem seu lento trabalho evolutivo.

O trabalho de controle de encarnações de todos esses seres é de responsabilidade de espíritos em fase superior de evolução, que por caridade, devotam-se temporariamente ao trabalho de gerenciamento desses mundos, pois entendem que foram, no passado, também beneficiados por espíritos superiores a eles. Os espíritos que encarnam nesses mundos, não participam da arquitetura de suas cartas de vida, que como vimos, é a planta

onde se determinam os tipos de experiências que serão apresentadas durante o período de encarnação.

Suas vidas encarnadas são curtas, pois a ciência nestes mundos ainda não desenvolveu medicina para cura de doenças, assim como sua tecnologia ainda não se utiliza dos campos conhecidos pela nossa ciência: o eletromagnético, gravitacional, forte e fraco, para aumento de sua qualidade de vida. O próprio ambiente natural onde vivem é hostil, de forma que suas maiores ambições são as de busca de alimentos, reprodução e moradia.

Buscam seres de sexo oposto apenas para fins reprodutivos, sem o desenvolvimento de relacionamento afetivo com estes. Agem, como os animais de nosso mundo, por instinto de manutenção da espécie, mantendo o relacionamento interpessoal básico e a nível unicamente carnal.

Cada mundo possui um molde, que é o objetivo evolucionário para os passos na evolução. Quando atingimos esse estágio, somos promovidos ao próximo mundo na escala. Por exemplo, os nossos irmãos descritos acima, que finalmente galgaram todos os necessários degraus evolutivos, determinados para o mundo imediatamente inferior à Terra, no grau evolutivo dos planetas, são transferidos para a Terra, onde começam seu novo trabalho evolucionário, com o objetivo de alcançarem o molde de comportamento determinado para esse globo: a palavra do Mestre Jesus.

Para estes, as primeiras encarnações terrenas se dão como selvagens e selvícolas, habitando muitas vezes, regiões afastadas e até mesmo desconhecidas. A transição entre os mundos ocorre de forma gradual, pois, o Pai em toda sua bondade, apenas nos concede provas nas quais podemos ser bem sucedidos. Estas primeiras encarnações no nosso planeta, servem para que os espíritos possam se adaptar às novas leis físicas que governam essa morada, bem como às necessidades básicas para o novo vaso físico. À medida que os recentes moradores deste globo se sentem mais adaptados às condições ambientais peculiares ao globo, é permitido encarnar em sociedades mais avançadas que as formadas pelos selvagens. Aos poucos são introduzidos em organismos sociais cada vez mais avançados e complexos, de forma que possam aos poucos acordar para necessidades além do nível material. Seus períodos de encarnação começam a ser mais longos, e agora passam a estar conscientes quando em estado de erraticidade, ou desencarnados. Os períodos entre suas encarnações tornam-se mais espaçados, de forma que possam utilizar seu intelecto na análise das experiências passadas durante suas vidas. Aos poucos, envolvem-se também nos trabalhos de confecção das suas cartas de vida, e à medida que evoluem para os conceitos do Mestre, começam a ser convocados para trabalhos de auxílio aos que vêm atrás deles na escala evolucionária na vida Terrena.

Nós, habitantes deste globo, em tempo, também progrediremos a ponto de atingirmos os objetivos evolucionários deste plano, o que nos dará a oportunidade de partirmos para o próximo mundo na escala evolutiva dos mundos.

Da mesma forma que os mundos menos evoluídos são mais densos e com objetivos pouco voltados para o despreendimento com relação à matéria, é natural pensarmos que os mundos mais evoluídos são menos densos, e menos materiais.

Não podemos precisar detalhes destes, pois, como vós, ainda não nos encontramos em posição evolucionária que nos permita migrar para êles. Mas, nossas observações e estudos das diferenças entre os outros mundos inferiores à Terra, que nos foram permitidos ir com fins de pesquisa, nos sugere que a cada mundo que galgamos acima, em direção ao Pai, menos densos são o corpo físico e o perispírito dos espíritos que habitam esse plano. Se torna menos e menos doloroso e difícil o despreendimento do perispírito no momento da morte, e o próprio corpo material possui densidade de matéria menor.

Como espíritos mais evoluídos que nós, mas ainda habitantes de nosso plano, já conseguem manipulação mais eficiente dos campos energéticos que ainda não são de conhecimento da ciência terrena, mas que são parte das leis físicas que comandam o Universo; nos parece lógico que nos mundos mais evoluídos que o nosso, os encarnados utilizem-se do campo chamado de Fluido Cósmico Universal ou FCU, para o aumento de sua qualidade de vida. De maneira extremamente simplista, pois esse assunto em si contém material suficiente para um livro inteiro e é de cunho avançado, o FCU é a energia que conecta o todo. Pode ser entendido como o ar Universal, ou fluido que existe, onde a ciência terrena ainda chama de vácuo. O FCU é o condutor do pensamento, como o fio elétrico o é para eletricidade. Fenômenos sem explicação científica atual, como a telecinese e os chamados fenômenos paranormais, possuem base científica no conhecimento do FCU.

Ainda nos parece natural que as vidas encarnadas nesses globos mais avançados possuam período de infância mais curta que a nossa. Como a necessidade de densificação é menor no momento da encarnação, o perispírito e corpo físico estão mais próximos com relação ao nível de energia, o que possibilita a lembrança de encarnações passadas, mesmo quando encarnados, e lhes permite lembrarem-se mais rapidamente das funções básicas de controle dos seus corpos físicos. Como exemplo a este fato, seria como se nos lembrássemos como andar e falar assim que renascêssemos para mais uma encarnação na Terra. As encarnações são mais longas, pois, não só a quantidade de doenças é muito reduzida devido à baixa densificação do corpo físico, como a ciência, obviamente mais avançada que a nossa, domina técnicas medicinais mais eficientes, que permitem o prolongamento da vida corpórea através do melhor tratamento desta.

Como tudo é menos denso, as comunicações se dão a nível mental, e como estes espíritos já passaram pelo nível de evolução na Terra, absolutamente todos vivem suas vidas utilizando-se dos princípios de amor e caridade. O resultado final desse padrão de comportamento é o de um mundo livre de injustiças, onde todos possuem o mínimo para levarem uma vida digna; não existindo pobreza excessiva a nível miserável que aqui neste mundo encontramos. Ainda, os pensamentos elevados destes espíritos materializam um mundo mais livre de angústias, no qual a felicidade é sentimento presente em cada um dos seus habitantes.

É importante enfatizarmos aqui, que quando mencionamos seres de outros mundos, não estamos nos referindo a seres extraterrestres, com a conotação que a nossa cultura popular enfatiza. Estes, são seres da espécie humana como a nossa, espíritos que foram criados pelo Pai, utilizando-se do mesmo processo. A forma encarnada, ou corpo físico desses espíritos pode variar com relação ao nosso vaso físico, pois como habitam mundos diferentes do nosso, controlados por leis físicas próprias, devem ser formados de maneira a se adaptarem ao ambiente à sua volta. É natural pensarmos que, a espíritos menos evoluídos, que vivem em mundos mais básicos e materiais, lhes é dado corpo físico mais denso e material, de forma que possam se engajar em tarefas que lhes são cabíveis nos seus respectivos ambientes. Também, espíritos mais evoluídos que nós, possuem corpos físicos menos densos que os nossos, pois suas experiências se dão mais no campo mental que no material. Estes não necessitam mais passar pelas dores e aflições físicas que nós, pois somos seres que ainda precisamos da dor como veículo de aprendizado. Para eles, o corpo físico é quase que uma extensão direta de seu perispírito.

De forma geral, cada planeta contém seus requisitos evolucionários mínimos para que espíritos possam encarnar neles, assim como as condições mínimas para que seus habitantes possam ser transferidos para o próximo mundo da cadeia evolucionária.

Não nos é de conhecimento quantos mundos existem atrás da faixa evolucionária da Terra, bem como quantos existem ainda à nossa frente, até chegarmos à convivência com nosso Pai. A certeza que temos é a de que, como aqui mesmo na Terra onde existe número quase infinito de níveis de evolução entre os espíritos habitantes desse plano, assim também o é para o número de mundos. A Terra sendo apenas um grão de areia na praia do Universo, para nós, é de dimensão infinita.

Um Capítulo Curto na Eternidade

Através do quadro pintado acima, pode-se extrapolar o pensamento, de forma que, possamos enquadrar o significado de uma única vida corpórea no nosso plano atual. Como foi dito, a evolução se dá de forma ordenada e hierárquica onde, cada mundo possui seus correspondentes requisitos mínimos para admissão de habitantes, assim como também, possuem os requerimentos mínimos para a promoção dos espíritos para o próximo mundo. Também, dentro de cada um destes mundos, existem vários planos ou faixas vibratórias, que organizam e agrupam os espíritos. Aqueles que se encontram em mesmo nível de evolução formam as diferentes comunidades durante seus estados errantes.

A encarnação em cada um desses mundos é o veículo pelo qual, os espíritos de várias faixas de evolução, engajam-se em atividades interpessoais que lhes proporcionam observações e experiências, as quais, em tempo lhes darão as ferramentas necessárias para suas correspondentes evoluções individuais. Como tal, pode-se pensar que a encarnação é o veículo utilizado em todos os diferentes mundos como ferramenta

evolucionária, pois é quando existe a maior interação entre espíritos pertencentes aos vários níveis intelectuais e morais. Durante essa interação é que os espíritos mais evoluídos servem como professores aos menos evoluídos, permitindo a estes, mentores temporários que lhes arremetem a vôos mais altos, tanto a nível científico como moral.

Através dessa visão mais geral, torna-se natural entender-se que cada um dos mundos nos requer milhares e milhares de anos, antes que finalmente possamos atingir os seus requisitos mínimos de promoção, de forma que possamos galgar ao próximo. E como foi colocado, não podemos precisar o número de mundos que existem na escala total de evolução. O que significaria que, assumindo de forma minimalística, apenas a título de ilustração, que exista um total de apenas alguns milhões de mundos, o que nos parece pouco, tendo em vista a extensão do tamanho do Universo; multiplicando-se os milhões ou mesmo bilhões de anos que passamos em cada um desses mundos, antes que possamos galgar para o próximo, chegamos a um número de anos muito grande para qualquer representação matemática. Esta representação matemática vai desde o momento de nossa criação, até o momento que completaremos nosso caminho de purificação e nos colocaremos no plano vibratório que nos permitirá perceber a presença do Pai ao nosso lado. Esse número é o que chamamos de eternidade do espírito.

No nosso estágio atual, cada uma de nossas encarnações toma menos tempo que um único século. Voltando-se ao número gigantesco de anos ao qual chegamos através da ilustração acima, um século, realmente, nada mais é que menos que um nanosegundo neste contexto.

Com este conceito em mente, realmente, o tempo que nos encontramos separados de nossos entes queridos, que se foram antes de nós dessa vida corpórea através da morte do corpo, realmente nos parece imperceptível no escopo geral de tempo. Um adeus do corpo é apenas um até breve, pois aqueles que escolhemos como nossos companheiros de evolução, nós encontraremos em comunhão fraternal durante toda a eternidade. Uma separação agora dura menos tempo que um piscar de olhos no quadro geral do tempo.

Mais do que isso, quando nos emprestamos dessa mesma noção de tempo, para que possamos galgar apenas um único passo, que nos levará a um mundo menos hostil que o nosso, onde não mais se vê sofrimento generalizado, nos parece natural que queiramos aproveitar cada segundo que vivemos nesse laboratório. Utilizando-se desta mesma lógica, chegamos à conclusão que o suicídio, por exemplo, nos causaria remorso e sofrimento pós-morte incalculáveis, pois o abreviamento de nossa experiência, carrega a consequência de sentimento de oportunidade perdida. A religião dos homens acertou nesse ponto, onde condena o suicídio como pecado.

Em verdade, experiências e observações de suicidas nos permitem dizer que estes se atrasam muito mais do que apenas o número de anos que ainda teriam para viver encarnados na Terra. O simples fato de saberem que desperdiçaram oportunidade dourada para acumular mais experiências nas suas sacolas de aprendizado, leva-os a estado mental que os coloca em adormecimento temporário, quando em estado errante. Não só isso, mas muitas vezes, assumem carma com seus entes queridos, pois um ato de suicídio, possui

efeito coletivo na vida das pessoas de seu convívio. Muitos são os casos de pais que nunca se recuperam da notícia do suicídio de seu filho, e estes também não conseguem executar os seus respectivos planos de vida, devido a essa barreira intransponível, inesperadamente colocada em seus caminhos.

O suicídio é um caso claro de desperdício de tempo. Há também outros casos, mais sutis, mas de consequências também desagradáveis. Muitas vezes vemos pessoas que desistiram de viver em estado consciente, e utilizam-se de entorpecentes ou álcool, para se manterem em estado desligado durante a maioria do tempo.

Invariavelmente, estas pessoas encontram nesse subterfúgio, uma maneira de escaparem das provas e expiações de suas vidas. Preferem manter-se em estado de sono, a enfrentarem os seus problemas. Como vimos anteriormente, a nossa vida encarnada pode ser comparada a um ano de estudo do aluno colegial. O aluno que se utiliza da preguiça como sentimento principal, e não trabalha no estudo dos tópicos apresentados, invariavelmente falhará ao final deste ano, e será forçado a repetir o estudo dos mesmos tópicos no ano seguinte. A estes espíritos que se drogam na fuga de suas tarefas, serão impostas as mesmas dificuldades em encarnações seguintes, adicionadas a outras extras que adquiriram através do não aproveitamento da sua oportunidade encarnatória corrente.

Existe ainda um terceiro tipo que vale menção; o levado pela preguiça pura e simples. Muitos são os casos de pessoas que se entregam a vidas improdutivas, que nada adicionam, não só para a sociedade de forma geral, mas para elas próprias como indivíduos. Estas se mantêm inertes a qualquer atividade que lhes exijam um mínimo de esforço e dedicação, e parecem que nada mais fazem a não ser esperarem que a morte lhes arrebatem de suas existências miseráveis. A elas, em tempo, também o remorso pela oportunidade perdida lhes chegará. Logo que comecem a compreender o quão Divina é a oportunidade da encarnação e a quantidade de trabalho de apoio, de diversos outros espíritos, que é preciso para uma encarnação: como, o apoio dos nossos anjos protetores, e dos chamados guias espirituais que nos acompanham durante todas as nossas vidas, e o quão entrelaçadas são todas as vidas na Terra. Voltando ao conceito de resgate e carma, muitas das vezes, a vida encarnada de um espírito faz parte de um plano de resgate de terceiros, que não se realiza por completo se este primeiro se coloca de forma inerte com relação à vida.

De novo, utilizando-nos da lei de causa e efeito; quanto mais nos aprofundamos em questões do espírito, mais afloram todas essas questões; a nossa vida está entrelaçada à vida de nossos parentes e amigos mais próximos, e, a partir do momento que não cumprimos a parte que nos é de responsabilidade e função no cosmo, estamos diretamente influenciando aqueles que nos são diretos. Uma vida de preguiça e morosidade, não apenas impede que o progresso chegue ao espírito em questão, mas também se estende ao não cumprimento de resgates por parte de outros espíritos, que coordenaram o tempo de sua encarnação, para que pudessem fazer parte do círculo de atuação de determinado indivíduo.

Uma vida plena, ativa e atarefada, é forma de caridade intrínseca, pois, muitas vezes sem mesmo termos ciência, estamos possibilitando que espíritos conectados diretamente à nossa existência na Terra, realizem parte de suas tarefas, determinadas em suas cartas de vida. De volta às palavras de nosso Mestre Jesus: “O único caminho é o da caridade e do amor”; e como deduzimos que o trabalho pode ser associado, mesmo que indiretamente, à caridade por nossos irmãos, o trabalho constante se torna, portanto, necessário.

O trabalho implementa mecanismo de realimentação positiva, de forma que, o quanto mais nos dedicamos ao trabalho, mais entendemos que a base da caridade se encontra neste. O mais que entendemos a necessidade da caridade, mais nos engajamos no trabalho, e assim o ciclo se repete infinitamente nos empurrando para o caminho da evolução.

Neste escopo, o trabalho que é mais aproveitado, é aquele que visa o bem estar do próximo, e que possui abrangência coletiva. Imaginemos que, cada um dos espíritos encarnados, realize uma simples tarefa de escopo não individual; Uma corrente de melhoria tomaria a Terra, sem que nenhum indivíduo se sentisse sobrecarregado, e a qualidade de vida no planeta aumentaria de forma exponencial. O bem contagia; de forma que sociedade que contém maior número de indivíduos centrados na prática do bem, aos poucos, se torna, de forma coesa, tendendo também à prática do bem como um organismo único. Como todos os seres foram criados à imagem de nosso Pai, que é toda bondade, todos somos fundamentalmente bons de coração. As ações baseadas no mal nada mais são que baseadas na ignorância. Ignorância de que nossa vida encarnada nada mais é que menos de um nanosegundo no escopo geral de tempo; e de que os bens materiais nada mais são que posses temporárias, para serem utilizadas como ferramentas que nos permitirão executar nossas observações e experiências durante essa vida. Ignorância de que nossas paixões materiais voltarão ao pó quando nosso corpo também retornar a este.

Concentremo-nos na nossa paixão pelo trabalho, pois esta sim, nos levantará como guindastes que suportam toneladas, carregando todas as nossas imperfeições a caminho do encontro com nosso Pai que está nos céus.

Preocupemo-nos com o progresso de nosso semelhante, pois dessa forma estaremos também progredindo. A máxima: “É dando que se recebe” é lei imutável, e à medida que damos ao nosso próximo, estamos sendo beneficiados diretamente através da oportunidade de aprendermos com essas experiências.

Capítulo 10 - Conclusão

Chegamos ao momento esperado onde finalmente as questões colocadas no capítulo de apresentação deste trabalho serão respondidas, utilizando-se do conhecimento adquirido através do material exposto em cada um dos capítulos anteriores. Mais uma vez, sugerimos que, se o leitor tiver chegado a este capítulo sem ter passado por apenas um que seja dos anteriores, volte a ele e absorva o material apresentado. A paciência é uma das sagradas virtudes, e através dela, chega-se a resultados maravilhosos.

A motivação para este trabalho veio do fato de observarmos que o Espiritismo, como Doutrina, apresenta material que pode e deve ser utilizado por todos para a concretização da fé; e de que muitos chegam a essa Doutrina através da intuição de que seus ensinamentos são realmente baseados não apenas em religião, mas em lógica científica. A melhor prova para isto está no simples fato de que Alan Kardek, o conhecido precursor do Espiritismo, era, antes de tudo, um cientista. O método de estudo, pelo qual Kardek compilou as notáveis cinco obras básicas, foi todo baseado em observações de cunho científico, dos chamados fenômenos de comunicação com os espíritos.

O grupo de estudos liderado por Kardek iniciou suas pesquisas com o objetivo de provar que a comunicação com os espíritos era de fato verdadeira, e então, partiu da premissa de que esses fenômenos eram realmente válidos para a apresentação da Doutrina, utilizou esse fato como seu alicerce principal.

Depois de mais de cem anos de sua apresentação, percebemos que, muitas vezes, a atração que leva indivíduos ao contato inicial com a Doutrina Espírita se torna curiosidade frívola pelos fenômenos de comunicação, pois ao estudarem as obras básicas, entendem que a comunicação com o além foi a origem de tudo. Então, aqueles que, ou não testemunham fenômenos de comunicação, ou não acreditam nos que participam desses fenômenos, acabam por largar a doutrina devido à incredulidade no seu postulado básico: que afirma que os espíritos na sua forma errante são parte da realidade da natureza, e que os de forma encarnada são complemento desta mesma natureza.

O que pretendemos através desta obra é a diminuição da importância das comunicações e dos chamados fenômenos mediúnicos em si, e consequente ênfase do motivo pelo qual estes espíritos trouxeram, há mais de um século, os ensinamentos que são a base da Doutrina. As comunicações nada mais são que efeito, tendo como causa o fato de que o mundo que vemos com nossos olhos da carne é apenas uma fração do mundo completo, o qual contém os espíritos que não habitam vasos corpóreos neste momento.

Como todo movimento grandioso, o Espiritismo teve que ser iniciado por um ponto de partida determinado. O escolhido foi o da introdução do assunto partindo-se da premissa da existência de espíritos não encarnados, e de que estes fazem parte de nosso convívio diário. Entendemos que esse método requer um certo grau de fé. Fé nos indivíduos que foram escolhidos, como os chamados médiuns para as comunicações, e fé que estes não seriam embusteiros, que por motivo qualquer, seja de ganho próprio ou simples orgulho

vazio, falsificariam as comunicações. Eu mesmo, na época da introdução dos primeiros estudos, utilizando-me de minha roupagem científica, duvidei da existência dos espíritos. Inicialmente, pensei em embuste; posteriormente, acreditando na seriedade das pessoas que estavam coordenando os estudos, transladei essa dúvida para a área da psicologia, imaginando que essas comunicações partiriam do psique dos próprios médiums, e não de indivíduos independentes.

O momento é chegado para que não nos interessem mais os espetáculos de movimentação e materialização de objetos, que neste estágio de evolução do homem, possuiriam cunho de entretenimento apenas. É chegada a hora de começarmos a realmente utilizar nossas inteligências para resposta às questões mais filosóficas da vida, que invariavelmente fazemos, se não hoje, amanhã, se não amanhã, depois.

O Espiritismo colocou inicialmente à frente de nossos olhos, material que partiu em princípio, das respostas para as perguntas, pois foi apresentado, no início, através de comunicações com o outro plano, que como vimos é efeito e não causa. O Mestre Jesus nos permitiu a chegada do consolador para que pudéssemos aliviar nossas dores imediatas, como aquele que toma o remédio para as dores do corpo, de forma que possa ter a tranquilidade necessária para investigação da origem da doença. No nosso caso, a verdadeira origem das dores vem da falta de respostas para as perguntas que sempre fizeram parte de nossa realidade; e o remédio para estas, vem da aplicação dos conceitos apresentados pelo Espiritismo, para finalmente chegarmos à concretização das respostas que calarão para sempre nossas dúvidas existenciais. Entendemos que, a maioria dos que se tornaram espíritas, assim o fizeram mais por fé do que por análise lógica; e que, mesmo dentre estes que se autoproclamam espíritas, ainda encontram-se muitos que mais se interessam pelas comunicações com os espíritos do que com o conteúdo das mensagens que estão sendo recebidas por estes.

Esperamos que, este trabalho, apresentando seu foco na análise lógica de alguns postulados, possa não apenas transformar o interesse dos que já se chamam espíritas, mas que apenas se concentram em seus fenômenos, como também jogar por terra, de uma vez, a incredulidade que assola aqueles que, por um motivo ou por outro, não acreditam que o material apresentado pelas obras básicas da Doutrina partiram de indivíduos diferentes daqueles que escreveram essas mesmas obras.

Convidamos a todos, após leitura e compreensão dos conceitos apresentados aqui, que se já o fizeram, estudem mais uma vez as cinco obras básicas da Doutrina, nesta ordem: “O Livro dos Espíritos”; “O Evangelho Segundo o Espiritismo”; “Céu e Inferno”; o “Livro dos Médiuns” e “A Gênese”; e se ainda não o fizeram, terem a certeza de que este é o caminho para o aprofundamento nos conceitos apresentados aqui. Para todos: façam mais que apenas ler as palavras, procurem sempre analisar o que está sendo apresentado, através da lente da lógica, pois a verdadeira fé, nasce da certeza, e certeza só é alcançada quando tudo que acreditamos, não simplesmente acreditamos porque nosso chefe religioso nos disse que devemos acreditar, mas porque, através de nossas análises interiores, chegamos à conclusão de que realmente a lógica nos diz que o que acreditamos é a nossa verdade e não a verdade de um terceiro.

Repetimos, agora, as perguntas propostas no primeiro capítulo desta obra. Propomos nossa humilde resposta para cada uma das questões, tendo como base, o material apresentado durante o decorrer do livro.

1. Por que um recém nascido carrega o pecado original, uma vez que esse pecado foi teoricamente cometido por seus pais?

Como foi apresentado no capítulo referente à reencarnação, todos os espíritos atualmente encarnados na Terra, assim já o fizeram por mais de uma vez, sendo, este o próprio conceito da reencarnação. Foi também ressaltado que a encarnação representa a ferramenta primordial para a nossa evolução, pois temos a oportunidade do laboratório da vida, onde a multitude de níveis de evolução, convivendo juntamente em um mesmo espaço-tempo, nos permite observações geradas pelo resultado das relações interpessoais.

Vimos também que um dos postulados do Espiritismo é a lei da causa e efeito, onde cada causa, invariavelmente, gera um efeito ou consequência, e que cada consequência possui um responsável, que foi a pessoa que executou a ação que gerou esta consequência. Muitas das vezes, as consequências geradas pela ação são contrárias ao que o nosso Mestre Jesus nos apresentou como o nosso molde de conduta. Essas consequências negativas nos seguem, até que possamos, primeiramente, aprender com elas, e posteriormente, resgatar essas faltas perante àqueles que foram recipientes das ações.

Entende-se por pecado original, então, as consequências trazidas por nós, quando nascemos, que são os resultados de ações contrárias ao nosso molde de conduta, realizadas por nós, em uma ou mais encarnações anteriores. A lei da causa e efeito também nos diz que seria contrária à justiça infinita de nosso Pai, que herdássemos consequências geradas por ações que não fossem nossas, o que nega, categoricamente, o fato de recém nascidos herdarem o pecado da concepção, que teoricamente pertenceria a nossos progenitores.

O próprio conceito de que o ato sexual, que gerou o nosso nascimento, como sendo pecado, possui cunho quase que ridículo; sendo acreditado apenas por indivíduos que nunca passaram mais que dois segundos na análise deste absurdo. O desejo sexual, como a própria ciência já provou, nasce de hormônios naturais do nosso corpo físico. Não nos pareceria tremenda injustiça Divina, nascermos com um hormônio corporal, que como veneno, nos força à execução de pecado, que ainda mais, será herdado pelos nossos rebentos? E, se o ato sexual é a ação que permite recebermos a maior benção que podemos ter durante nossas curtas existências, que é a preciosidade do frágil recém nascido sob nosso cuidado, como poderia uma ação pecaminosa ser ao mesmo tempo fonte geradora de uma benção de Deus ?

O sexo não é condenado pelo Espiritismo, assim como também não o são, outros prazeres inerentes à vida encarnada; apenas sua conotação vulgar, que muitas vezes é tomada pelos homens. O sexo como prazer carnal, sem nenhum sentimento de amor, este sim é condenado; não em si próprio, mas como todo tipo de ação que é motivada por

sentimento que não seja o do amor. O sexo motivado pelo amor sincero entre duas pessoas, é demonstração de afeto e promessa de devoção, e como tal, não constitui pecado. Outros prazeres da vida encarnada, como são partes integrantes de nossas vidas aqui na Terra, se não são transformados em excessos, não são condenados pela Doutrina. A apreciação de um bom vinho, assim como a degustação de prato delicioso, fazem parte de nossas vidas, e em si mesmos são fatos sem importância no escopo geral da existência. Se a gula é gerada, de forma que cause consequências nocivas ao nosso corpo físico, encurtando nosso período de experiências enquanto encarnados, devido à perda de anos de vida, essa então é condenada. Se a embriaguez constante vem da apreciação do vinho, de forma que períodos de inutilidade da mente, e execução de ações contrárias ao molde de comportamento são geradas, esse é também condenado. Estes são apenas dois exemplos de chamados prazeres carnis . Mas o conceito pode ser extrapolado para todos os outros que são características de nossas vidas encarnadas.

É de nosso modesto entendimento que o pecado original, como alegorizado pela religião dos homens, nasceu da necessidade de explicarmos a idéia intrínseca de que todos quando nascem carregam consigo pecados a serem resgatados, e imperfeições a serem corrigidas. Com isso, essa idéia torna-se contra-intuitiva à inocência pueril, se não utilizarmos o conceito de reencarnação, e como tal, foi preciso que se achasse a origem desse pecado em outra fonte. A forma encontrada pela religião dos homens foi a de transferência do pecado, partindo dos pais e aterrizando nos filhos.

2. Por que algumas pessoas nascem ricas, outras pobres, outras com problemas físicos, outras em famílias que as cercam de todo amor e outras ainda em famílias de criminosos? Não é Deus a fonte de toda justiça e bondade? Onde está a justiça Divina neste caso, uma vez que as condições iniciais no nascimento variam tão grandemente?

Essas questões encontram respostas em alguns conceitos apresentados no decorrer deste livro: reencarnação, lei de causa e efeito e evolução do espírito.

As questões que envolvem a variedade das condições de nascimento estão diretamente ligadas à evolução do espírito. Como inclusive, colocado pela resposta na questão anterior. Cada um de nós encarnamos várias vezes neste mundo, e durante cada uma de nossas encarnações executamos ações que geram consequências. No período entre cada uma das encarnações, os espíritos que já se encontram em estado mental evoluído o suficiente para saberem que a vida encarnada é o laboratório para experiências e suas consequentes observações, analisam suas imperfeições, suas faltas passadas e o foco de sua atenção para a próxima encarnação por vir. Traçam eles os planos encarnatórios que são colocados em suas respectivas cartas de vida. Suas cartas de vida incluem: áreas de interesses de estudos; tipos de imperfeições corpóreas ou mesmo doenças congênitas que precisam trazer; em qual tipo de ambiente familiar precisam ser inseridos, se abastados ou miseráveis financeiramente; quais os tipos principais de experiências que necessitam passar; e mesmo, quais os outros espíritos que precisam, mais uma vez, fazer parte de seu convívio, ou a nível familiar, ou como parte do seu ciclo de amigos. Aqueles que se

encontram já em nível de evolução superior, podem ainda, ao topo dos planos de cunho individual, trazer missões humanitárias ou científicas, e de cunho coletivo, aquelas que têm como objetivo o progresso da humanidade e do planeta como um todo.

Como foi visto no capítulo que apresentou o conceito de carma, indivíduos que fazem parte de uma família na Terra, devem ter sido colocados em um mesmo núcleo para que possam trabalhar juntos em tarefas de resgate de carmas adquiridos em vidas anteriores, o que explica o fato de, às vezes, pais mostrarem preferência por este ou aquele filho, dentro de sua ninhada de rebentos.

Indivíduos reconhecidamente virtuosos, às vezes, se encontram como filhos de pais criminosos e de moral ainda inferior, por vezes como parte do trabalho de resgate de carmas, ou mesmo como parte da experiência que este espírito tenha selecionado para seu trabalho de evolução individual, ou ainda, para que, através de seu código de conduta mais elevado, possa servir como exemplo a estes pais que ainda iniciam seu caminho evolucionário.

Pessoas que nascem com deficiências físicas ou doenças congênitas seríssimas também podem ser vistas como espíritos que precisam passar por estas experiências de dificuldade na esfera física, para que se livrem de determinadas imperfeições que fazem parte de seu plano encarnatório.

Mesmo aqueles espíritos que ainda não se encontram em condições de determinarem, por sua própria análise, quais os tipos de provas e experiências que necessitam passar na sua próxima encarnação, recebem o auxílio de seus mentores espirituais, estes últimos em trabalho de caridade e amor desinteressado ao seu próximo, na confecção de suas cartas de vida. No limite máximo da extrapolação, para aqueles espíritos ainda nos primeiros degraus da evolução aqui nesse mundo, que não necessariamente entendem que seus estados errantes são diferentes que seus estados encarnados, os espíritos superiores traçam suas cartas de vida. Conduzem estes espíritos através do processo encarnatório, mantendo-os, inicialmente, praticamente em estado de alienação de suas condições, pois a misericórdia infinita de nosso Pai não deixa uma única alma do conjunto infinito de seus filhos sem que recebam as ferramentas necessárias para execução de sua evolução; e mais ainda, apenas nos apresenta as provas que temos condições de sucesso.

Analisando-se a justiça Divina sob mais este prisma, ela é infalível. Permite que para cada enfermo diferente chegue o remédio salutar, à medida que se tornem conscientes de suas enfermidades; ao mesmo tempo, permite que médicos dedicados tomem a responsabilidade daqueles doentes que ainda não pedem pelo medicamento, por nada mais que ignorância. Neste cenário, na verdade, não existiria justiça Divina se a cada um de nós não nos fosse dado um conjunto de ferramentas específicas, no início de nossas vidas encarnadas, que são as bases sobre as quais executaremos ou não, fundamentados em nosso livre arbítrio, as tarefas que traçamos em nossas cartas de vida. De uma forma ou de outra, essas tarefas serão executadas, senão nesta encarnação, em uma próxima, se não através das provas atuais, em outras similares em conceito. Como vimos, o livre

arbítrio é dádiva sagrada que permite que não só tracemos o nosso próprio caminho, como também, tomemos a responsabilidade individual pelas nossas falhas de conduta.

3. E com relação à diferença entre os diversos níveis de inteligência? Muitas vezes dois irmãos gêmeos apresentam níveis de inteligência tão diferentes, que serve como contraprova à corrente de idéias que atribui a inteligência à genética. Como explicar essa diferença uma vez que Deus criou todos à sua imagem e semelhança se dois irmãos gêmeos recebem a mesma criação por parte dos pais?

Essa questão vai de encontro ao âmago de nossa existência: a evolução. A evolução foi tema principal e também utilizado como fator motivador para que superássemos nossas provas e encarássemos a oportunidade de trabalho como uma benção.

Mais uma vez a reencarnação, agora aliada ao fato de que todos nós existimos em luta e trabalho contínuo para nossa evolução, apresenta lógica infalível para a resposta. Como explicarmos então, se não através dos diferentes níveis de evolução, que os diversos espíritos que habitam esse mundo apresentam, o fato de, às vezes, irmãos gêmeos terem diferenças intelectuais tão diversas? A individualidade do espírito é o que nos diferencia com relação ao nosso posicionamento e utilidade no cosmo. Daqueles que já existem há muitos milênios com relação aos mais jovens, é de se esperar que apresentem nível de conhecimento superior a estes, devido a suas oportunidades multiplicadas de experiências. Mais ainda, espíritos de mais ou menos a mesma idade, também entre si, apresentam níveis intelectuais diferentes; neste caso, baseados na diferença entre a qualidade e quantidade de trabalho e esforço que cada um colocou em seu caminho evolucionário. Estes são como os alunos de mesma classe escolar, onde um apresenta conhecimento muito superior ao outro, mesmo tendo ambos participado das mesmas lições, lecionadas pelos mesmos professores.

Irmãos gêmeos nada mais são que dois espíritos, completamente diferentes um do outro, que receberam a mesma codificação genética de seus pais. Como vimos no decorrer dos assuntos apresentados por essa obra, o material genético nada mais é que base para a formação corpórea. Como sabemos que a inteligência e verdadeira individualidade vêm do espírito e não do corpo, natural entendermos como que tais diferenças entre irmãos univitelinos possam ser reconhecidas.

Deus realmente criou todos à sua semelhança, e como tal, todos partiram do mesmo conjunto de condições iniciais com relação à capacidade intelectual e moral. Nada mais natural que atribuir às diferenças de conhecimento e atitude moral, ao trabalho que cada um desses indivíduos realizou no decorrer de suas existências, durante suas várias encarnações. Achar que a criação da alma se dá no momento da concepção através do ato sexual dos pais, realmente coloca um muro intransponível na lógica mais simples: aquela que gerou a pergunta do por quê irmãos gêmeos, criados da mesma forma, pelos mesmos pais, podem apresentar intelecto e moral completamente diagonais.

Em resumo, não só a inteligência não pode ser atribuída à genética, como a reencarnação é requerimento essencial na conduta da lógica para a resposta dessa pergunta.

4. Onde está a responsabilidade por nossos atos, uma vez que o pecado e o mal que potencialmente cometemos para com um semelhante pode ser absolvido apenas através de uma simples confissão ou a reza de um número determinado de orações?

Como foi visto em capítulo anterior, nada se sobrepõe à lei de causa e efeito. O livre arbítrio existe para que possamos escolher o caminho que melhor nos adapte na busca da evolução. Com base nesses postulados, a resposta de forma mais simples para essa pergunta é: as consequências de nossos atos não podem ser absolvidas através de simples confissão.

Se isto assim ocorresse, não necessitaríamos de nenhum esforço em nosso trabalho de evolução. Na verdade, não precisaríamos evoluir. Se a Deus coubesse a responsabilidade de perdoar e apagar todas as consequências de nossas ações, qual seria o objetivo de nossas vidas? Não seria a vida traçada nestes moldes simples efemeridade, uma vez que teríamos carta branca para executar a pior das maldades, sabendo que um simples conjunto de orações nos absolveria do tribunal de justiça?

Não nos parece contra-intuitiva a noção de que, independente das variações de mal praticadas por todos, bastaria um Domingo de confissão antes de nossas mortes para que tudo que tivéssemos feito fosse apagado, e nós fôssemos aceitos na morada de nosso Pai? Mais uma vez lhes pergunto: essa justiça parece compatível com a justiça do mais justo dos juízes?

Mais uma vez, o livre arbítrio é, talvez, a maior das bençãos recebidas de nosso Pai, pois garante a nossa individualidade. De mãos dadas com o livre arbítrio segue a responsabilidade. Responsabilidade que vem, desde o traçado de nossas cartas de vida, passando pela maneira como vivemos nossas vidas encarnadas e culminando com a preocupação que temos de que nossas ações não interfiram negativamente no caminho evolucionário de nosso próximo.

5. Em que parâmetros são baseadas as penitências determinadas por outros homens, mesmo que chefes religiosos, para absolvição dos nossos pecados? E se resolvermos revelar apenas meias-verdades, ou os pecados que sabemos que são mais leves, na hora da confissão? Receberíamos penitência mais leve então e estaríamos absolvidos? E com relação às atitudes que causam mal a outros indivíduos, mas por ignorância achamos que não são classificadas como pecado? Se o pecado foi cometido contra uma pessoa, não deveria essa pessoa fazer parte do processo de absolvição e perdão? Como pode uma terceira pessoa, que não foi diretamente envolvida no pecado em si, ter o poder de julgar a gravidade do mesmo e perdoar o pecador? Isso não parece

inútil uma vez que a pessoa que sofreu o ato do pecado não é envolvida no processo?

Baseando-se em todos os conceitos apresentados até aqui, chega-se à conclusão que ninguém pode, de maneira completamente justa, aplicar penitências, seguidas de absolvição aos pecados de terceiros.

Mais uma vez, tomando-se como princípio a lei de causa e efeito, cada um de nós somos juízes e julgados no tribunal da justiça. Impossível para qualquer agente externo determinar com exatidão a atitude mental no momento da ação; a consequência que esta gerou no personagem ativo da ação; a consequência que esta gerou no recipiente da ação e, a consequência que esta gerou, indiretamente, nos indivíduos que fazem parte do convívio diário do recipiente, ou mesmo do executor da ação. Seriam número de variáveis demasiado grande para que um simples homem, falível como o próprio pecador, pudesse determinar a extensão das consequências e mensurar a punição aplicável à ação.

Essa transfiguração de homens em santos enviados diretamente pelo Pai, para que pudessem nos castigar e perdoar ao mesmo tempo, nada mais é que pura criação dos conduzintes das religiões dos homens. Estas religiões sempre foram instituições políticas, e como tais, criaram factóides de forma que conduzíssem a massa coletiva para posição de ignorância, através de criação de dógmas e santificação de homens escolhidos por estas.

Parafraseando as palavras do Mestre Jesus: “Conhece-se a qualidade da árvore pelos seus frutos”; ou seja, o trabalho de reconhecimento da qualidade do fruto, por si só, requer análise do crivo da lógica, por associação, o trabalho de reconhecimento da qualidade da árvore geradora, é também baseado em lógica e não em dógma.

Deixemos então as perguntas abaixo para serem respondidas pelo leitor, lembrando a este para utilizar-se apenas de sua lógica interior, quebrando todos os paradigmas dogmáticos que possam fazer parte de sua formação religiosa : Pode um homem, religioso ou não, apenas por carregar um título, que também lhe foi conferido por outro homem, julgar ações e todas as suas consequências, perdoar seus efeitos, que na verdade se deram sobre um terceiro, de forma que a justiça seja realmente feita? Quem seria o juiz mais imparcial: um homem que possui apenas pequena parcela de informação sobre determinada trama, e que foi apontado por um outro à condição de juiz, ou a consciência interior do pecador, que possui o cenário completo, dentro do qual os eventos se desenrolaram?

- 6. Seguindo o raciocínio da questão anterior : isso significa que para conhecidos monstros da história da humanidade, bastaria uma simples confissão de seus pecados e a reza de número determinado de orações para serem perdoados? O que falar dos recipientes do mal praticado? Seria suficiente para sobreviventes do holocausto saberem que Hitler confessou seus pecados no final de sua vida, foi absolvido e entrou no Reino dos Céus?**

O raciocínio aplicado para a resposta da questão anterior também pode ser utilizado para a resposta desta pergunta. Ainda, com a certeza de que a justiça de Deus é infalível, aquele que o mal pratica, sofrerá em tempo suas consequências, pela lei da causa e efeito. Este sofrerá tortura inimaginável através da noção de inferno mental, apresentado em capítulo passado, e também, sofrerá durante o trabalho de resgate desse mal, por quantas vidas forem necessárias, até que o último, que lhe tenha sofrido nas mãos, assim o tenha também feito sofrer e perdoado.

A lei de causa e efeito é clara: o bem gera o bem, e o mal gera o mal. O bem semeia e colhe frutos deliciosos, enquanto o mal colhe o fel que lhe é próprio. O bem une todos à mesa para a ceia, enquanto o mal separa e joga cada qual à sua sarjeta interior. O bem traz a felicidade do dever cumprido, enquanto que o mal traz nada mais que a tristeza do saber que o caminho se torna cada vez mais pedregoso. A virtude é o único caminho. Sigamos os passos daquele que foi o mais virtuoso de todos, e por amor, sofreu para que suas pegadas na areia da caridade nunca pudessem ser apagadas pela onda do orgulho; pegadas estas que traçam a direção, onde a última pegada nos permitirá beijar o rosto de nosso Pai.

- 7. Ne mesma linha de pensamento, poderíamos então viver o maior tempo de nossa vida praticando nada mais que o mal, reservando os últimos meses de vida à confissão e orações, e mesmo assim seríamos perdoados e aceitos no paraíso eterno? Como isso se compararia com a recompensa para muitas pessoas que dedicaram toda sua existência à prática do bem, como Madre Teresa e Ghandi? Isso então significa que todos têm o mesmo mérito uma vez que se confessem?**

A misericórdia infinita de nosso Pai sempre permite que tenhamos mais de uma oportunidade: As orações sinceras e a descoberta de que o caminho do mal que trilhamos no passado fazem parte da busca de autoconhecimento necessário para o nosso trabalho de evolução. Evidentemente, como já foi dito, todos terão que, a seu tempo, resgatar até a última lágrima pela qual foram responsáveis. No entanto, aquele que passa, mesmo que seja os últimos cinco minutos de sua vida, em fervorosa oração, pedindo a nosso Pai, com todas as forças do coração, perdão pelas atitudes que trouxeram penúria a seus irmãos de jornada, tem a certeza que para êle, o trabalho de resgate acabou de ser iniciado.

Aquele que se conscientiza que errou e fez sofrer, imediatamente inicia seu trabalho de resgate pela dor do remorso, que foi o que lhe conduziu ao estado mental de oração fervorosa. A oração arrependida é comunhão santa. Essa sim lava os pecados da alma. Não as hóstias entregues por homens a homens. A oração não é a repetição de palavras decoradas, mas a conversa íntima com nosso Pai. A oração sincera nos mostra o quão pequenos realmente somos no escopo do Universo infinito, e também, que, se ofendemos a um único irmão de caminho que tenha sido, ofendemos diretamente a nosso Pai.

A oração nos permite fazer parte do todo Universal, mesmo que por um segundo apenas. Essa conexão nos faz sentir o amor de Deus que conecta a tudo e a todos em uma mesma rede de amor. Como lâmpadas colocadas em série num circuito elétrico, uma única que esteja apagada, de forma indireta, também apagará as outras. Enquanto um único filho ainda estiver sofrendo, significa que o nosso trabalho ainda não está terminado. Em tempo, este que sofre hoje, consolará também amanhã. O exército de paz de Jesus aumenta todos os dias, e chegará o dia em que o último soldado inimigo também se oferecerá à causa. Este é o nosso trabalho e essa é também a nossa recompensa.

8. Parece realmente que uma simples ida ao templo religioso aos Domingos, independentemente de como a vida é conduzida durante o resto da semana, seria o suficiente para a entrada no Reino do Pai? Onde está o mérito nisso?

Como foi dito, o mérito está na aplicação do molde de comportamento deixado pelo Mestre Jesus, durante todos os minutos de nossas vidas. A ida ao templo, só faz sentido se o coração alí está, e mais do que isso, se as palavras ouvidas no templo deixam marcas permanentes neste coração, de forma que direcionem o caminho de conduta durante os outros dias da semana.

O templo mais sagrado de todos é o interior de nossos corações, onde comungamos com o Mestre de forma individual e recolhida. Jesus nunca nos disse especificamente que precisaríamos montar obras arquitetônicas banhadas em ouro para servir de lugar de congregação em seu nome. Ele, o Mestre, pregava ao ar livre, em sua igreja, a natureza. Todos podiam entrar, sem lhes ser cobrado nenhum dízimo em nome do Pai.

O molde de comportamento já nos foi dado há mais de dois mil anos. O Espiritismo veio como terceira revelação para que tivéssemos ainda mais apoio em nosso caminho. Nos foram deixadas informações suficientes em forma de livros para que pudéssemos seguir o caminho que nos levará à felicidade. Não precisamos de templos e igrejas para atingirmos a felicidade, apenas de caridade e amor ao nosso próximo.

9. De onde vem aquele sentimento que, às vezes temos, de não gostarmos de alguém sem sequer termos conversado com aquela pessoa? É o sentimento oposto, no qual sentimos afeição por alguém que acabamos de conhecer?

Tudo pode ser explicado através de dois conceitos: o de reencarnação e o de diferentes níveis de evolução.

A reencarnação responde esta pergunta através das possíveis relações de carmas que possam existir entre múltiplas pessoas, de forma que, o reconhecimento de um inimigo do passado lhe salte aos olhos do espírito, mesmo sem que chegue aos olhos do corpo. O espírito assim, reconhecendo um outro que tenha pertencido a seu círculo de interação de forma negativa em encarnações anteriores, como adversário, imediatamente se coloca em

posição defensiva contra êle. Daí o sentimento de antipatia gratuita, sem que tenhamos sequer trocado míseras palavras com esse indivíduo.

Muitas vezes, o sentimento de antipatia beira ao mal estar físico, a ponto de nos sentirmos realmente fracos ou com uma vontade imensa de sairmos do ambiente onde estamos. Isso é explicado através dos diferentes níveis de evolução.

Capítulo anterior mencionou que os espíritos errantes formam comunidades; sendo estas determinadas pelo nível de evolução de cada um destes espíritos. As comunidades se formam através do agrupamento natural de espíritos que possuem a mesma faixa vibratória.

Foi também explicado que a faixa vibratória funciona como se fosse uma assinatura individual de cada espírito, sendo a exteriorização, em forma de energia, no nível de evolução de cada um.

Natural se torna entendermos que, espíritos ainda atrasados, os quais nutrem sentimentos menos elevados e negativos, exteriorizem esses interesses em sua forma de energia, que se torna densa e carregada de negatividade.

Como vimos que o espírito mantém sua individualidade e características principais enquanto encarnado, torna-se também lógico o entendimento de que a exteriorização energética de suas características básicas o sigam enquanto encarnado. Portanto, quando nos sentimos mal na presença de determinado indivíduo, este, muito provavelmente carrega faixa energética, que lhe envolve o corpo físico, formada basicamente de sentimentos negativos e menos elevados. Em tempo, a nossa própria energia, que exterioriza a nossa individualidade, entra em conflito com aquela faixa energética que é sentida, gerando desequilíbrio energético na camada vibratória imediatamente próxima aos nossos corpos físicos. Este desbalanceamento é transmitido para o corpo físico, através dos nossos receptores de energia, chamados chakras, o que, eventualmente, é percebido pelos nossos sentidos do corpo físico como uma sensação de agonia ou mesmo pressão arterial mais baixa que o normal. Neste caso, identificamos um irmão que ainda prima pelos sentimentos de ordem menos elevada, e que independentemente de uma possível máscara de bom moço, é motivado basicamente por sentimentos que não sejam os do bem.

Espíritos desencarnados não conseguem esconder suas verdadeiras motivações, justamente devido a esse campo energético que exterioriza suas características principais; enquanto que os encarnados conseguem, muitas vezes, dissimular suas verdadeiras intenções através de colchas de retalhos de mentiras e manipulações que criam. Desta forma, torna-se importante o reconhecimento desse sentimento quando nos vemos imersos em ambiente desse tipo, de forma que possamos ler as verdadeiras intenções do irmão que nos está em convívio.

Quando deparamos com um irmão com essa característica, primeiramente, nosso dever de bons Cristãos nos diz que precisamos identificar se este estaria em posição mental que

nos permitisse ajudá-lo; ou se ainda não se encontra aberto para recebimento de auxílio; nesse caso, seria como se realmente atirássemos pérolas aos porcos, como disse nosso amado Mestre. Devemos utilizar todas as oportunidades que se fazem visíveis para nós, durante nossas vidas encarnadas, para ajudar o nosso próximo, seja ele ainda atrasado na cadeia evolucionária ou não. Na verdade, aquele que se encontra em estágio mais atrasado é o que precisa mais de auxílio, e muitas vezes, apesar de sua grossa carapaça de incredulidade, êle se encontra apenas na espera da mão amiga que o levantará do pântano das indecisões e o levará para os prados da certeza e da fé.

Os verdadeiros espíritas não escolhem para quem praticar a caridade. Aqueles que se utilizam das ferramentas de comunicações com os espíritos devem sempre vestir a roupa da humildade e servitude, e nunca dispensarem comunicações vindas de espíritos que sofrem. Agir desta forma, seria como pensar que todos os espíritos existem apenas para o único propósito de transmitir mensagens que proporcionem àqueles espíritas os conhecimentos que os ajudarão no seu caminho evolucionário. Além do mais, agindo assim, estes espíritas mostram que estão apenas preocupados com o mecanismo da comunicação com o outro lado, e que não absorveram absolutamente nada do que lhes foi passado pelos espíritos superiores, que se utilizam de todas as oportunidades, no trabalho de doutrinação em prol da caridade e do amor ao próximo. Afugentar espíritos sofredores é agir contra a caridade pregada pelos espíritos superiores. Mantenham em mente que, vós, assim como eles que sofrem, no passado, ou por vezes até mesmo no presente, também já gritaste de dor em busca de auxílio, e que alguém, por caridade, ouviu e atendeu teu chamado. Não fazer em seu tempo, o mesmo que foi feito um dia por ti, é o mesmo que rasgar as páginas sagradas que contém a palavra que Jesus nos deixou. A ti, leia essas linhas, e não procures ver no teu vizinho essas atitudes contra a caridade. Pergunta-te, a ti mesmo, se essas frases não te estão endereçadas.

No outro lado do espectro, muitas vezes nos sentimos bem na presença de pessoas que nunca vimos nesta vida, a ponto de formarmos elos de amizade em curtíssimo tempo; assim como o caso do mal-estar físico explicado anteriormente, por situações cármicas ou de diferença de nível de evolução. O bem-estar físico possui as mesmas raízes.

Pode esse indivíduo ter participado diretamente do nosso ninho familiar ou ciclo de amizade em uma vida passada. Os olhos do espírito reconhecem esse amigo a quem queremos bem de forma recíproca, e que nos faz sentir felizes por encontrá-lo, pois parecia perdido no espaço-tempo. Esse sentimento é comparável à alegria que sentimos quando vemos mais uma vez um amigo que esteve ausente há muitos anos.

No campo mais fisiológico, da mesma forma que energias externas ao espírito que são conflitantes geram mal-estar no corpo físico, as que são simpáticas geram de forma dual, o bem-estar no corpo. Estar na presença de amigos é como mergulhar em lago de água fresca em dia de verão, é como a brisa do oceano que contrasta com o calor do sol; é a sombra e água fresca após um dia de labor intenso.

10. O que acontece com o recém-nascido que morre logo após algumas horas de vida? Uns diriam que essa criança iria para o céu desfrutar de felicidade eterna uma vez que ela não cometeu nenhuma má ação durante sua curta vida. O que se poderia dizer então de um indivíduo que fez o bem durante todas as suas várias décadas de vida? Essas duas pessoas obtêm a mesma recompensa? Isso não seria injusto com a pessoa que praticou o bem durante vários anos, enquanto que o recém nascido não precisou fazer absolutamente nada para a obtenção da mesma recompensa?

Se assim o fosse, poderíamos detectar injustiça no mesmo destino alcançado por sacrifícios totalmente diferentes. A reencarnação responde mais essa questão.

Avaliemos algumas possibilidades para o fato acima:

Em uma primeira, o recém nascido que morre após algumas horas de vida, pode ser um espírito que, por algum motivo determinado, não completou todo o seu tempo de encarnação na sua vida anterior. Ficou-lhe faltando algumas horas, horas estas que estão sendo completadas nessa curta passagem.

Este espírito se encontra, juntamente com a tarefa de complemento de sua própria experiência, servindo como objeto de prova para seus pais. Aquele que ainda não teve seu próprio rebento aqui nesta vida, provavelmente não poderia nem começar a empatizar com os pais que perderam filhos em tenra idade. Fato esse que prova a fé e resignação para esses espíritos, ao aceitarem ou não os desígnios atribuídos a suas existências.

Uma outra possibilidade, é a de que este espírito precisa passar por essa curta existência também no sentido de prova para si próprio. Também seria uma grande experiência baseada em fé, o passar pelo período de gestação, e apenas usufruir do laboratório da Terra por algumas horas, e muitas vezes, em situação de sofrimento físico.

Uma terceira possibilidade ainda seria esse espírito ter vindo em missão, para que os espíritos de seus pais passassem por esta experiência. Este espírito não necessitaria completar nenhum período de encarnação, anteriormente incompleta; mas por pura caridade, voluntariou-se a passar por todas as dores da situação em questão, para proporcionar auxílio evolucionário aos espíritos dos pais desta criança.

Com relação à justiça Divina na aceitação ou não desse espírito no reino do Pai, como já vimos, uma única vida encarnada, por mais longa que possa ter sido, não é suficiente para atingir o objetivo completo de purificação do espírito, que vale entrada na morada de Deus. Como vimos anteriormente, o caminho evolucionário se dá em etapas múltiplas, e em vários mundos. Se uma vida de quase um século já nos foi apresentada como o equivalente a apenas alguns microsegundos no escopo geral da existência, o que dizer de apenas algumas horas aqui nesse mundo?

11. Por que algumas pessoas morrem como recém nascidos e outras têm a oportunidade de viver mais de cem anos? Onde estaria a justiça do Todo Poderoso?

A resposta para essa pergunta é quase que uma extensão da resposta à pergunta anterior. Se não considerássemos a reencarnação como parte da natureza, a justiça de Deus teria realmente algumas falhas e algumas outras questões não teriam respostas. O motivo pelo qual recém nascidos morrem foi também explicado na resposta anterior.

12. Seria realmente uma característica de Deus, na Sua bondade infinita, condenar uma alma ao fogo eterno do inferno após alguns míseros anos de existência na abstinência da prática do bem? Isso não seria o mesmo que um pai bondoso condenar uma criança à morte após sua primeira conduta indevida? Será que não merecemos uma nova chance para nos redirmos do mal que praticamos?

Sem dúvida assim o seria. Como vimos no capítulo dedicado ao inferno, purgatório e paraíso. O inferno é uma situação mental em que nos encontramos quando ainda somos motivados por sentimentos de ordem moral inferior. Como tal, a modificação desta situação mental apresenta veículo de transferência para fora do chamado inferno; conseqüentemente, a eternidade dos sofrimentos do inferno nada mais é que figura alegórica, apresentada pelas religiões dos homens, na vã tentativa de produzir respostas para algumas dessas perguntas de ordem filosófica, sem a confirmação do conceito de reencarnação.

A reencarnação é a nova chance que nosso Pai de misericórdia e bondade nos apresenta para que, através de nossos próprios passos, consigamos os nossos objetivos evolucionários. Passos esses que devem ser sempre baseados no esforço e mérito próprios, o que sublinha ainda outra incongruência da religião dos homens, a da absolvição dos pecados através de simples confissão.

Mais uma vez, chamamos a atenção do leitor para o fato de que a reencarnação aparece como explicação para todas as perguntas propostas por esse capítulo. De novo, apelando-se para o terreno da lógica, faria realmente sentido um conceito inexistente, como nos querem fazer entender os chefes das religiões dos homens, servir como parte da resposta para todas essas perguntas, que questionam a validade dos dógmas, que sempre fomos forçados a engolir, e que são ofensas à nossa inteligência? Ou será que essa, como tantas outras inconsistências, não fazem parte do movimento de manipulação de massa aplicado pela instituição política igreja, fantasiada de religião?

13. Algumas crenças pregam que todos precisam de algum tipo de batismo ou ritual religioso específico para que possam ser aceitos na morada de nosso Pai após a morte. Isso significa então que todos os povos que não têm acesso à religião dos homens, como os indígenas, por exemplo, já nasceram

condenados a uma eternidade de tormentos? Se esse é realmente o caso, seria Deus realmente justo então ao designar que uma determinada alma nasça em meio aos povos indígenas?

Se o batismo fosse realmente condição para que a alma subisse aos céus, Deus realmente estaria condenando os selvagens à condenação do inferno. Justamente os selvagens, que por serem ainda criaturas muito simples, geralmente, não carregam a malícia e o cinismo do homem civilizado, características essas que somadas ao orgulho e egoísmo, corroem a humanidade como um todo.

Ou seja, nesse cenário, Deus estaria condenando à danação uma alma que foi colocada por ele próprio em ambiente que não lhe propiciaria condições de salvação. Isto nos parece obra do mesmo Deus infalível, criador do céu e da Terra?

O batismo nada mais é que uma invenção, puramente simbólica, criada pela religião dos homens, como mais uma forma de marcar os bois que lhe pertence, e de exigir que essa marca seja mostrada como aceitação do indivíduo, no que eles chamam casa de Jesus. Agora a pergunta : Jesus pediu que os que assistiam às suas pregações por toda a Galiléia carregassem algum símbolo de adesão a qualquer causa que fosse? Ou ele simplesmente pediu para que ouvissem aqueles que tinham ouvidos para ouvir e vissem aqueles que tinham olhos de ver? Não foi a única condição que Ele nos impôs para a entrada no Reino do Pai, a de que amássemos ao Senhor Deus acima de todas as coisas e ao nosso próximo como a nós mesmos?

Foi a palavra diretamente vinda de Jesus, ou as que partiram de traduções executadas por homens, que nos disseram que devemos ser batizados, ou que devemos pagar dízimos, ou ainda, que devemos construir templos e criar igrejas? Mais ainda, onde está escrito que os homossexuais e os indígenas estão condenados ao inferno, uma vez que, ao mesmo tempo, Ele nos disse que todos somos iguais aos olhos do Pai? Onde está escrito que o divórcio não é aceito por Deus, uma vez que Ele também nos disse que o amor, e só o amor, constrói? Nestas condições, faria sentido que crianças fossem criadas em lares nos quais já não são mais envolvidos pelo amor de seus progenitores como seus pilares fundamentais?

A verdadeira igreja é a interior que carregamos em nossos corações, baseada na fé incondicional no Altíssimo. Realmente, todo trabalho é melhor executado quando vários indivíduos estão engajados na mesma causa, o que nos sugere a criação de instituições que facilitem essa integração. Mas, ao mesmo tempo, não devemos nunca abdicar de nossas individualidades em prol da fé nos dirigentes dessas instituições. A nossa inteligência deve ser o nosso pilar de sustentação durante nossas vidas, e como tal, tudo que nos é dito, deve ser passado através do prisma da lógica e da nossa razão, inclusive as páginas dessa humilde obra.

14. O que falar dos grandes desastres da natureza onde milhares de pessoas morrem, dentre elas crianças e pessoas que nunca fizeram o mal? Por que Deus que tudo pode e tudo vê permite que catástrofes mortais tomem efeito?

Estes desastres também fazem parte da obra de Deus. Como vimos anteriormente, cada espírito possui uma carta de vida, na qual determinado conjunto de experiências vai ser inserido no contexto da vida encarnada deste espírito.

Nada impede que alguns espíritos, que contêm em suas encarnações, eventos, como por exemplo, o de uma catástrofe, por alguma necessidade de experiência específica, sejam feitos personagens de uma mesma catástrofe. Dentro desta, o destino final de cada um desses espíritos dependerá diretamente do que está determinado em suas correspondentes cartas de vida. Alguns podem perecer no evento, outros podem perder membros de seus corpos, outros ainda podem perder a visão.

Uma catástrofe, neste contexto, nada mais é que uma causa, que criará um efeito desejado individual, para que cada um dos espíritos envolvidos no evento possa seguir o seu caminho, como planejado por sua carta de vida.

15. Faz algum sentido Deus criar a natureza terrestre, que é um exemplo de perfeição e de aproveitamento máximo dos recursos, onde tudo tem seu espaço e propósito, e ao mesmo tempo criar milhares de outros astros, planetas e galáxias sem nenhuma finalidade aparente?

Como foi apresentado anteriormente, o caminho evolucionário é dividido em hierarquia complexa, formada por vários níveis dentro do escopo do globo Terrestre, e expandido também a outros mundos, de forma que os mundos assim também se organizem.

Cada mundo carrega requisitos mínimos para a transferência de espíritos para seu domínio, e para a transferência de espíritos para o próximo mundo na escala evolutiva.

Dentro dessa idéia, é natural pensarmos que cada um dos planetas e astros desempenham uma função específica na obra de criação do Pai. Esse conceito seria mais alinhado com o fato de que, desta forma, não existiriam astros inertes, e sem papel específico no conjunto perfeitamente harmonizado que é o Universo, o que também se alinha com a certeza de que tudo que foi criado pelo Pai tem papel específico e importante a realizar.

O porquê de a ciência dos homens ainda não ter conseguido registrar vida inteligente em outros astros, vem do fato de que, como vimos anteriormente, não necessariamente o corpo físico dos espíritos que estão encarnados nos outros mundos possuem a mesma estrutura de matéria que forma o nosso corpo físico para a vida aqui na Terra. Quando a ciência, de forma tão categórica, coloca que, um determinado planeta não apresenta condições ambientais para existência de vida, isso nada mais é que escopo restrito à vida como conhecemos no nosso ambiente Terrestre, e que, como vimos, não

necessariamente, é o mesmo que precisam outros espíritos, em níveis de evolução diferentes, que os dos habitantes do globo Terrestre.

16. A Ciência moderna atribui os sonhos a manifestações do subconsciente quando dormimos. O que dizer de pessoas que sonham com eventos que ocorrerão no futuro? Como poderia o subconsciente antever eventos futuros uma vez que a viagem no tempo não faz parte da realidade científica? O que seriam então os sonhos repetitivos, que muitos têm, de que estão caindo?

O sono é descanso sagrado para o cansaço do corpo físico. O espírito que se encontra preso ao corpo quando no estado encarnado, por sua vez, não necessita de descanso, pois sua constituição molecular é diferente e menos densa da que forma o corpo físico. É portanto, regida por leis físicas, que por mais que não tenham sido capturadas pela ciência humana, é também parte da natureza.

O espírito não necessita de descanso como o corpo; êle se encontra em forma semiliberta durante o sono corpóreo, estando preso a este por tênue linha energética, conhecida como cordão prateado. O espírito liberto durante o sono, volta a suas atividades normais, que são correspondentes ao seu nível de evolução, e volta a ter com os seus entes semelhantes que se encontram em estado desencarnado. Portanto, o espírito livre pelo sono do corpo, pode então, conferenciar com outros, da mesma forma que uma simples conversação entre dois ou mais encarnados localizados em mesmo ambiente físico.

Durante essas conferências, muitas vezes, os espíritos desencarnados lhes passam informações que são relevantes a suas experiências enquanto encarnados; permitindo-lhes orientações, de forma que essas experiências surtam o efeito desejado como aquele expressado na sua carta de vida.

O sonho pode ter duas origens: A primeira, que vem do subconsciente cerebral, nutrido basicamente por imaginação ou mesmo por assuntos que fazem parte de preocupações diárias. A segunda origem, provém da interpretação que nosso cérebro dá para aquilo que o nosso espírito passa durante o período do sono. Como o nosso cérebro apenas conhece a nossa realidade encarnada, a quase totalidade dos sonhos é um compendium de imagens interpretadas por êle, que é o melhor esforço de nosso cérebro por entender o conjunto de informações que a mente do espírito absorve durante o período de sonho. Por esse motivo, a interpretação dos sonhos é melhor realizada pela própria pessoa que sonhou, pois para ela, a codificação dos símbolos é particular, e cada símbolo significa uma coisa determinada, que faz sentido para ela apenas.

Com essa informação em mente, os sonhos premonitórios, nada mais são que informações sobre eventos futuros que são recebidas de espíritos que nos são afins, durante o nosso período de despreendimento permitido pelo sonho.

Com relação ao sonho de que estamos caindo, este possui interpretação única. Como foi dito, o espírito se desprende parcialmente do corpo quando no sono. Retorna ao corpo no

momento de despertar, ou volta para ambiente próximo ao corpo quando sua tarefa de espírito para a noite está completa. Quando algum evento se dá, junto ao corpo físico, que abruptamente causa o seu despertar, e como o corpo físico só faz sentido animado pelo seu espírito, esse evento abrupto faz com que o espírito, ao perceber que seu corpo está prestes a ser despertado, volte a este com velocidade super-acelerada, de forma que se junte a ele antes que o corpo desperte por completo. Este processo de retorno acelerado gera a sensação de que estamos caindo, sonho este que termina invariavelmente no momento exato em que atingiríamos o solo. Este fato explica também a sensação que às vezes temos, por alguns segundos, de não sabermos muito bem onde estamos quando acordamos de sono muito profundo, mesmo estando em nossos próprios leitos. Quando ocorre uma reaproximação do espírito de forma desordenada e rápida, no momento do despertar, sentimento momentâneo de confusão mental se dá, até que possamos nos realinhar totalmente com nosso corpo.

17. O que dizer dos fenômenos psíquicos sérios? São eles frutos de charlatanismo humano? Se não são, quais suas origens?

Mais uma vez chamamos a atenção do leitor para a constante utilização de sua inteligência lógica para identificação de fenômenos psíquicos sérios. Como sempre, devemos reconhecer a qualidade da árvore pelo fruto gerado. A diversidade de níveis de evolução na Terra permite que alguns espíritos encarnados forjem fenômenos psíquicos, para que realizem algum tipo de ganho pessoal.

Esses se utilizam da fé no chamado sobrenatural, intrínseca dos seres humanos, talvez oriunda da certeza que todos os homens têm, de que existe a continuação da vida após a morte do corpo físico.

Os fenômenos psíquicos que geram bons frutos são sérios, e apenas chamados de sobrenaturais devido à ignorância do estado atual da ciência dos homens com relação a esse tópico. Tudo que faz parte da natureza, seja ela visível aos nossos olhos carnis, ou não, é natural, e comandado pelas leis físicas do Universo. A ciência da humanidade conseguirá progredir a passos largos uma vez que aceite que, não porque nossos olhos não vêem determinado efeito, este não existe como parte da natureza. Os campos gravitacionais e eletromagnéticos não podem ser vistos por nossos olhos, mas nem por isso são sobrenaturais.

A origem desses fenômenos reside no fato de que os espíritos encarnados que andam sobre o solo da Terra são apenas parcela de todos os espíritos que habitam o globo Terrestre, como foi visto durante todo o desenrolar desta obra. Como tal, recebem a todo momento inspirações daqueles que não podem ver, e são influenciados diretamente por eles. Os fenômenos que não são provenientes de prestidigitação, nada mais são que os resultados visíveis desta interação, tão natural quanto as ondas que se formam na superfície do lago calmo quando uma pedra é atirada por um menino. Essas ondas são formadas respeitando-se leis físicas e um conjunto de equações matemáticas que representam o seu movimento. De forma idêntica, os fenômenos chamados sobrenaturais

também são governados por um conjunto específico de leis físicas, e equacionados por relações matemáticas, que apenas ainda não foram colocadas à disposição da ciência humana, mas que em tempo assim o serão.

Apêndice A

O que é uma Obra Ditada

O leitor provavelmente percebeu, na capa deste livro, que esta foi uma obra ditada por dois Espíritos: o de Camille Flammarion e do Padre José de Anchieta.

Como parte do público que tomará conhecimento deste livro está ainda iniciando seus estudos na área do Espiritismo, esse apêndice se dedica à explicação do que consiste uma obra ditada.

Como foi colocado pelo material principal do livro, o Espiritismo parte de algumas premissas básicas, sendo uma delas, a da imortalidade do Espírito humano. Como tal, este espírito, quando não está em estado encarnado para execução de experiências, que em tempo contribuirão para sua evolução, encontra-se no chamado estado errante.

Como foi também apresentado, os Espíritos errantes formam comunidades, através de seus agrupamentos naturais, resultantes de seus níveis de evolução. Ou seja, Espíritos em mesmo nível de evolução, tendem a se agrupar, e a viver na faixa vibratória correspondente à sua energia de assinatura. A energia de assinatura, é, como foi visto, a exteriorização do nível de evolução de cada Espírito. O globo Terrestre apresenta diversas faixas vibratórias, que são, de forma ultra simplificada, a moradia temporária dos Espíritos em seus diversos níveis de evolução. O ambiente em que vivemos, é, portanto, também uma dessas faixas vibratórias: a faixa que hospeda a matéria em sua forma mais densa, que constitui nosso corpo físico, e que apresenta determinado conjunto de leis físicas que controlam a matéria neste estado .

Partindo-se desses conceitos, o que podemos concluir é que, além dos espíritos em estado encarnado, que percebemos através de nossos sentidos do corpo físico, existem ainda, no meio de nós, em diferentes faixas vibratórias, os espíritos em estado errante. Estes possuem, como foi explicado, interesses e motivações espelhadas no seu estado evolutivo presente. Aos Espíritos de ordem superior, apenas trabalhos focalizados no progresso individual e coletivo dos homens que vivem aqui encarnados, interessa. Estes estão sempre engajados em missões de doutrinação e amor, visando o progresso daqueles que estão ainda iniciando sua caminhada evolutiva.

Como a Terra, conforme foi dito, é mundo de provas e expiações, a grande maioria dos espíritos encarnados são de ordem ainda inferior. O que pode ser percebido pela constante luta entre povos, utilizando-se do escudo da religião como pretexto e justificativa de suas ações bárbaras. Outro exemplo do nível inferior de evolução que rege a grande maioria dos encarnados, se dá pelo fato de existirem milhares de pessoas que vivem em condições sub-humanas de miséria, enquanto, ao mesmo tempo, existem alguns poucos bilhonários, onde seus objetivos parecem ser apenas uma competição

ridícula pelo posto de homem mais abastado do mundo. Mesmo quando esses homens formam as chamadas instituições de caridade, e doam, segundo eles, parte de sua fortuna, na verdade, esses atos são, na maioria das vezes, apenas gestos de egoísmo, de forma que seus nomes passem a ser identificados com o de uma pessoa caridosa, para os padrões da vida encarnada.

Como o próprio Mestre Jesus nos disse, ensinemos o pobre a pescar ao invés de lhes darmos o peixe, pois, com isso, este pobre poderá, através de seus próprios esforços e méritos, alcançar, em tempo, também a riqueza. Como vimos no decorrer do livro, a nossa evolução também é fruto de nosso próprio esforço; esforço esse baseado na nossa reforma interior, que tem raízes no entendimento e diferenciação entre o caminho que nos levará à vitória, daquele que nos dirigirá em círculos infinitos de paralisia evolucionária.

O ensino da pesca, nesse contexto, se dá através de ensinamentos de ordem superior, vindos desses espíritos protetores e guias, que desejam que nós também, em tempo, façamos parte, da mesma forma, desse movimento de caridade e amor ao próximo. A maneira destes Espíritos passarem esses conhecimentos, de forma a atingirem o maior número de pessoas, e, ao mesmo tempo, também passarem suas idéias superiores às gerações vindouras, é através dos livros psicografados.

Um livro psicografado é aquele que é transmitido de forma direta por Espíritos e capturado em papel pelos chamados médiuns, ou pessoas que desenvolveram a sensibilidade que é natural e intrínseca a todos os Espíritos encarnados, de receberem comunicações dos Espíritos desencarnados.

A psicografia existe em várias maneiras diferentes, mas com resultado análogo, o recebimento e conseguinte divulgação das comunicações vindas dos Espíritos. Texto completo sobre os vários tipos de psicografia pode ser encontrado em “O Livro dos Médiuns” de Allan Kardek, que é uma das cinco obras básicas da Doutrina Espírita. É encorajada a leitura das técnicas de comunicação com os espíritos desencarnados, pois, o conhecimento é o veículo para o portal da evolução; no entanto, tenhamos em mente que, como foi colocado nessa obra, devemos nos manter vigilantes para que o veículo de comunicação com nossos amigos do outro plano não se torne o único objetivo de estudo da Doutrina. O objetivo maior deve sempre ser o da absorção do conteúdo das mensagens que nos são chegadas, através dessas comunicações.

A tarefa do médium varia com relação a seu papel no grupo de trabalho. Alguns servem apenas como veículo para a transmissão das mensagens, o que é definido no livro dos Médiuns, como psicografia mecânica. Nesse tipo de psicografia, o médium se encontra de forma inconsciente, e apenas empresta seu corpo para que o espírito, totalmente em controle de suas ações, desenvolva a escrita do material. O médium não possui conhecimento algum do que está sendo escrito pelo espírito. A psicografia ditada é aquela através da qual o médium se encontra totalmente consciente, durante todo o trabalho de escrita. As idéias lhe chegam diretamente à sua mente, provenientes de comunicação direta entre a mente do espírito desencarnado e a do espírito do médium encarnado.

Algumas idéias do próprio médium são também colocadas no contexto da mensagem; claro, as que aprovadas pelo espírito que comanda os trabalhos de escrita.

Na verdade, muitos espíritas proclamados, ainda têm preconceito com relação às obras ditadas, pois não existe uma clara separação do conteúdo do texto que veio do espírito e o do que veio do médium. Isso é, como colocamos como mensagem principal deste livro, dar mais importância à comunicação do que a mensagem. Estes se esquecem que espíritos evolucionados, todos os dias, continuam encarnando no meio dos homens, vindo com missões de trabalho específicas para auxílio no progresso da humanidade. O que impediria que um desses espíritos evoluídos fosse um médium, que durante seu estado de concentração psicográfica, esteja ele próprio passando mensagens de cunho superior, de sua própria criação? Ao mesmo tempo, o Espiritismo nos diz que os espíritos desencarnados são, nada mais, que os mesmos indivíduos que estiveram um dia entre os encarnados. Os homens devem cessar com a santificação instantânea dos que morreram, como se o fato da morte em si fosse suficiente para que um espírito alcançasse o nirvana da evolução, de forma miraculosa. Devemos sempre manter a perspectiva de que todos somos espíritos, os encarnados e os desencarnados, e como tal, nossa individualidade é mantida independentemente de nosso estado material atual.

Passemos a analisar o conteúdo da obra, e não o mecanismo pelo qual essa foi feita disponível. O médium que recebeu essas linhas colocou pseudônimo em sua assinatura, pois, entende que nomes não são importantes, mas sim a mensagem que foi gerada por esses nomes. Os próprios Espíritos que são os verdadeiros autores espirituais apenas revelaram uma de suas identidades, pois entendem que os homens, em seu estado de evolução atual, valorizam sobremaneira, o quem, e não, o quê.

Apêndice B

Esta obra foi ditada por dois autores espirituais: Camille Flammarion e Padre José de Anchieta. Como tal, pensamos que facilitará ao leitor, a colocação de um contexto no material apresentado por este livro, se ele tiver conhecimento de quem foram estes dois espíritos quando encarnados, seus interesses, motivações e obras.

Camille Flammarion

Camille Flammarion nasceu em Montigny-le-Roi, França, em 26 de fevereiro de 1842, e morreu em Juvisy-sur-Orge, França, em 3 de junho de 1925, foi um astrônomo francês.

Foi educado em Langres e trabalhou no observatório de Paris sob orientação de Leverrier de 1862 a 1866. A partir dessa época, Flammarion começou a escrever livros populares de astronomia que foram traduzidos para diversas línguas. Uma de suas obras mais conhecidas é *Astronomia popular*, de 1880. Editou uma série de revistas científicas e astronômicas.

No fim de sua vida escreveu sobre pesquisas de física. Em 1883, Flammarion fundou o observatório de Juvisy-sur-Orge, dirigindo-o pelo resto de sua vida, incentivando o trabalho de observadores amadores.

Em 1887 fundou a Sociedade Astronômica da França. Seus trabalhos para a popularização da astronomia fizeram com que fosse agraciado, em 1922, com um prêmio da Legião de Honra de França.

Tornando-se espírita convicto, foi amigo pessoal e dedicado de Allan Kardec, tendo sido escolhido para proferir o discurso à beira do túmulo do codificador do Espiritismo, no qual o denominou de "o bom senso encarnado". A íntegra desse discurso consta do início de Obras Póstumas, em edição da Federação Espírita Brasileira.

Suas obras, a partir de então, revelam a sua visão espírita sobre questões fundamentais para a humanidade, como se poderá constatar pelos títulos de algumas que constam listadas na bibliografia. Em algumas delas, como "Narrações do Infinito", poderá ser verificada, ainda, a atuação de *Camille Flammarion* como médium. O Capítulo VI de A Gênese, uma das obras básicas do Espiritismo, intitulado "Uranografia Geral - o espaço e o tempo", é a transcrição de uma série de comunicações ditadas à Sociedade Espírita de Paris, em 1862 e 1863, sob o título "Estudos Uranográficos" assinadas por Galileu (espírito) e tendo o médium sido registrado como C.F., as iniciais de *Camille Flammarion*. Existe inclusive uma corrente dentro do Espiritismo que acredita que

Flammarion foi reencarnação de Galileu, e que esse registro tenha como autor o próprio espírito de Flammarion.

Flammarion, como amigo pessoal de Kardec, e motivado por interesse científico, comum das grandes mentes pensantes da humanidade, seguiu de perto os estudos deste, sendo inclusive membro ativo de seu grupo de pesquisas. Como sua própria esposa colocou, Flammarion morreu sem chegar à conclusão definitiva se a origem das comunicações recebidas pelo grupo de Kardec eram realmente providas de entidades independentes ou dos subconcientes dos médiuns responsáveis pelas comunicações.

Flammarion, após seu desencarne, tornou-se membro ativo da comunidade espírita, e continua trabalhando para divulgação do Espiritismo como ciência. O cunho científico desta obra pode ser atribuída a este autor.

Mensagem de Flammarion

Espiritismo é ciência, disse antes e assim continuo dizendo. Foi-se a hora dos dógmas e do medo de um Deus vingativo e injusto, que agora se transforma, através das palavras de nosso Mestre Jesus, em Deus misericordioso, de bondade e justiça infinitas. A ciência é a base da fé, pois apresenta explicações irrefutáveis para os fenômenos que alguns insistem em classificar como sobrenaturais.

Não esqueçamos que não necessariamente o que não vemos é sobrenatural. Não vemos o ar que respiramos, mas sabemos de sua existência e importância fundamental para nossas vidas. Não vemos os vetores do campo gravitacional da Terra, mas sabemos que a gravidade é a força responsável pela queda de objetos que são lançados ao ar. Tudo que controla mecanismos, visíveis ou não, é parte das leis da Natureza, e como tal, naturais.

Utilizemos da lógica científica, se ainda não nos encontramos em estágio de evolução onde temos a certeza do que existe sem o vermos, através da fé. Nossa inteligência é a propulsora da lógica científica. Não precisamos das cadeiras das Universidades dos homens para nos tornarmos cientistas. O cientista é aquele que contesta e analisa. Aquele que se utiliza de resultados experimentais para chegar a conclusões e respostas a perguntas de ordem existenciais.

O Espiritismo apresenta material disponível para que, aliado à nossa própria inteligência e senso crítico, possamos chegar às nossas próprias conclusões, e assim construirmos nossa fé, utilizando os blocos do conhecimento humano como tijolos que constroem fortaleza intransponível ao redor de nossos corações, onde a chama do amor e caridade manter-se-ão acesas por toda a eternidade de nossos espíritos.

Padre José de Anchieta

Nascido na ilha de Tenerife, no arquipélago das Canárias, era filho de João Lopes de Anchieta, um revolucionário que tomou parte na revolta dos Comuneros contra o Imperador Carlos V na Espanha, e um grande devoto da Virgem Maria. Descendia da nobre família basca Anchieta (*Antxeta*).

Tendo o padre Manuel da Nóbrega, Provincial dos Jesuítas no Brasil, solicitado mais braços para a atividade de evangelização do Brasil (mesmo os fracos de engenho e os doentes do corpo), o Provincial da Ordem, Simão Rodrigues, indicou, entre outros, José de Anchieta.

José de Anchieta cuidava não só de educar e catequizar os aborígenes como também de defendê-los dos abusos dos colonizadores portugueses que queriam, não raro, escravizá-los e tomar suas mulheres e filhos.

Esteve em Itanhaém e Peruíbe (litoral sul de São Paulo) na quaresma que antecedeu sua ida à aldeia de Yperoig, juntamente com o padre Nóbrega em missão de preparo para o Armistício com os Índios Tupinambás de Ubatuba (Yperoig). Nesse período, intermediou as negociações entre os portugueses e os indígenas reunidos na Confederação dos Tamoiós, oferecendo-se Anchieta como refém dos tamoiós em Iperoig, enquanto o Padre Manuel da Nóbrega retornou a São Vicente juntamente com Cunhambebe (filho) para ultimar as negociações de paz entre os indígenas e os portugueses.

Durante este tempo em que passou "prisioneiro" entre os índios, compôs o Poema à Virgem. Segundo uma tradição, teria escrito nas areias da praia e memorizado o poema. Mais tarde em São Vicente, transpôs para o papel. De acordo com a sua biografia, foi também durante o cativeiro que Anchieta teria em tese levitado entre os Índios, os quais, tomados de grande pavor, pensavam tratar-se de um feiticeiro.

Segundo a "Brasileana da Biblioteca Nacional" (2001) "o Apóstolo do Brasil", fundador de cidades e missionário incomparável, foi gramático, poeta, teatrólogo e historiador. O apostolado não impediu Anchieta de cultivar as letras, compondo seus textos em quatro línguas - português, castelhano, latim e tupi, tanto em prosa como em verso. Duas de suas principais obras foram publicadas durante a sua vida. O primeiro, "De gestis Mendi de Saa" (Os feitos de Mem de Sá) impresso em Coimbra em 1563, retrata a luta dos portugueses, chefiados pelo governador-geral Mem de Sá, para expulsar os franceses da baía da Guanabara, onde Nicolas Durand de Villegagnon fundara a França Antártica. Esta epopéia renascentista, escrita em latim e anterior à edição de "*Os Lusíadas*", de Luís de Camões, é o primeiro poema épico da América, tornando-se assim o primeiro poema brasileiro impresso e, ao mesmo tempo, a primeira obra de Anchieta publicada.

O seu segundo texto impresso foi a "Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil", primeira gramática brasileira, contendo os fundamentos da língua tupi, aparecida

em Coimbra, 1595. É o livro iniciador dos estudos linguísticos na América portuguesa e a primeira gramática de uma língua indígena". O movimento de catequese influenciou seu teatro e sua poesia, resultando na melhor produção literária do Quinhentismo brasileiro.

Entre suas contribuições culturais, podemos citar : as poesias em verso medieval (sobretudo o poema De Beata Virgine Dei Matre Maria, melhor conhecido como Poema à Virgem, com 4.172 versos) ; os autos que misturavam características religiosas e indígenas e a primeira gramática do tupi-guarani (a cartilha dos nativos).

Anchieta era conhecido, em sua época, como *abarebebe* que, na língua tupi, significa *padre santo voador*. A sua disposição para caminhar o levava a percorrer , duas vezes por mês, a trilha litorânea entre Reritiba, e a ilha de Vitória, com pequenas paradas para pregação e repouso nas localidades de Guarapari, Setiba, Ponta da Fruta e Barra do Jucu.

Em sua biografia, onde se nota o interesse doutrinário através da catequese dos índios Brasileiros, torna-se clara sua contribuição na parte filosófica e religiosa desta obra.

Como é de domínio público, sabe-se que Manoel da Nóbrega, amigo pessoal do Padre José de Anchieta, foi uma das encarnações de Emmanuel, espírito que foi mentor espiritual de Chico Xavier em mais de 400 obras psicografadas pelo médium. Chico Xavier foi conhecido como incansável divulgador da Doutrina Espírita, sempre guiado por Emmanuel.

O caráter de popularização da ciência adotado por Flammarion, somado ao interesse doutrinário do Padre José de Anchieta, fazem com que o trabalho em conjunto dos dois produza uma obra com fins doutrinários e científicos, que utilizando uma linguagem popular possa atingir grande massa de indivíduos através da popularização do Espiritismo.

Mensagem do Padre José de Anchieta

Filhos, acendamos de vez a chama de nossa fé. Chegada a hora de nos purificarmos e caminharmos em direção àquele que nos deu tudo, a nossa vida, e a chama interior da bondade.

Creiamos naquele que nos disse que enviaria o Espírito de Verdade, e que este estaria para sempre junto de nossos corações. O conhecimento das coisas do Espírito nos foi revelado para que possamos alinhar nossos questionamentos com o que existe de verdadeiro.

O Mestre que foi todo amor pelos curtos anos que andou por essa terra nos deixou a palavra, que contém tudo que precisamos para nos elevarmos. Não permitam que interpretações mundanas daquilo que foi o que de mais puro, que nos foi dado, entrem no caminho de sua fé. A fé, junto da humildade, permite que nos propulsemos ao infinito

como foguete alimentado pelo combustível infindável do amor de nosso Pai. O amor do Pai está ao nosso redor, apenas esperando que tiremos os véus da carne da frente de nossos sentidos, para que possamos beber nessa fonte fecunda e infinita. Como a prece nos diz, ao bebermos dessa fonte, todas as chagas secarão e todas as dores se acalmarão.

Vai ao auxílio de teu próximo, com a confiança daquele que carrega o estandarte do Mestre Jesus, e nenhuma barreira será intransponível. Ama, com o coração naquele que foi quem mais nos amou aqui. Resgata aquele em perigo e acalma o desesperado.

O único orgulho em nosso espírito deve ser por pertencermos ao exército do Altíssimo, onde todos são iguais, e o objetivo é único: o de transformar todos os corações que palpitam, em uma só batida, onde se pode ouvir diretamente o som celestial da morada de nosso Pai.